



NOTA 10
PRIMEIRA INFÂNCIA

NOTA 10

PRIMEIRA INFÂNCIA



FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO

José Roberto Marinho - Presidente

Hugo Barreto - Secretário geral

Nelson Savioli - Superintendente executivo

CANAL FUTURA

Lúcia Araújo - Gerente geral

Débora Garcia - Gerente de conteúdo e mídias digitais

Mônica Pinto - Gerente de desenvolvimento institucional

Vanessa Jardim - Gerente de produção e ativos

Marisa Vassimon - Gerente de mobilização e articulação comunitária

João Alegria - Gerente de programação, jornalismo e engenharia

Analista de programa - Ana Chaves de Melo

Núcleo de programa - Julia Comodo

Coordenação editorial - Kitta Eitler

Projeto gráfico - Um triz comunicação visual

Ilustrações - Renato Carvalho

Parceiros Mantenedores Canal Futura:

Confederação Nacional da Indústria

FIESP

FIRJAN

Fundação Bradesco

Fundação Itaú Social

Fundação Vale

Gerdau

Rede Globo

SEBRAE

Turner Broadcasting System

Votorantim

Fundação Roberto Marinho | Canal Futura

Rua Santa Alexandrina, 336 - Rio Comprido - 20.261-232

Rio de Janeiro - RJ - Brasil | Tel.: (21) 32328000 - Fax: (21) 32328031

www.futura.org.br CAT: (21) 2502-0022

FUNDAÇÃO MARIA CECÍLIA SOUTO VIDIGAL

Presidente do Conselho de Curadores

Guilherme Vidigal Andrade Gonçalves

Vice-Presidente do Conselho de Curadores

Alexandre G. Silva

Diretor-Presidente

Eduardo de C. Queiroz

Comunicação

Ana Carolina Vidal

André Corrêa

Andréa Wolffenbüttel

Érica Paula Ferreira

Programático

Anelise de Souza Timm

Ely Harasawa

Gabriela Pluciennik

Avaliação

Eduardo Marino

Consultores

Anna Maria Chiesa

Saul Cypel

NOTA 10

PRIMEIRA INFÂNCIA





SUMÁRIO

Apresentação	7
O Desenvolvimento Cerebral	11
Ser Criança Hoje	37
O Estabelecimento do Vínculo	69
O Brincar	103
Família	125



APRESENTAÇÃO

A Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, em parceria com o Canal Futura/Fundação Roberto Marinho, desenvolveu o projeto sobre desenvolvimento infantil de 0 a 3 anos, chamado Primeira Infância. Esse projeto é composto de cinco programas **Nota 10 Primeira Infância** exibidos pelo Canal Futura e que acompanham este livreto, além dos artigos que aqui constam.

O projeto como um todo expressa o interesse em contribuir para o desenvolvimento integral do ser humano, tomado como alicerce para a construção de uma sociedade democrática, com justiça, liberdade e respeito pelas diferenças.

Cada vez mais vem sendo destacada a importância dos cuidados integrais e integrados da criança. Integralidade significa a reunião das partes que compõem um todo, ou seja, refere-se à atenção aos aspectos físicos, cognitivos, psicológicos, sociais e culturais da pessoa.

Para que esse objetivo seja atingido, é necessário que haja uma integração das ações e dos serviços de atendimento dirigidos à criança.

É no período que vai da concepção aos 3 anos que irão se estabelecer as bases da organização emocional da criança. Essa organização compreende aspectos inatos, geneticamente herdados (que podem ser transmitidos de geração em geração), assim como as influências do entorno da criança, como, por exemplo, do lugar onde vive, mobilizadas pelas relações de vínculo que estabelecerá com seus familiares. Mesmo antes do nascimento, o desenvolvimento do bebê é influenciado pela qualidade das reações e da comunicação da mãe e do pai à presença do filho. E essa qualidade é que irá estruturando o desenvolvimento de modo adequado ou não atuando sobre o potencial inato da criança.

Por isso é tão importante que os pais possam adquirir conhecimento a respeito do desenvolvimento infantil, se conscientizar do valor dos vínculos interpessoais na família e prover cuidados adequados ao bebê.

É fundamental que os pais e as famílias, assim como os cuidadores e educadores, sejam informados sobre os aspectos do desenvolvimento físico, cognitivo, psicológico e social, e, especialmente, sobre os aspectos emocionais que, muitas vezes não recebem a devida atenção. A partir dessa vivência da sensibilidade e adequação do vínculo afetivo entre o bebê e seus pais é que a criança estará capacitada a usar todo o potencial de seus recursos na direção de um crescimento saudável. E será o modelo de relacionamento construído a partir do vínculo com os pais que sustentará as relações afetivas posteriores da criança.

Cuidar de uma criança não é um conhecimento que surge automaticamente, ele é adquirido por meio da experiência, com erros e acertos. O importante é ter consciência da importância das suas funções e refletir sobre elas, podendo valorizá-las, corrigi-las ou substituí-las, se for o caso, por atitudes norteadas por tolerância, amor e acolhimento, que são elementos básicos para sustentar a construção da subjetividade do indivíduo.

Esse é o objetivo do livreto. Cada capítulo está relacionado a um dos programas que compõe o DVD que o acompanha. Assim é possível assistir ao programa e ler o capítulo, ou ler o capítulo e assistir ao programa. Melhor ainda fazer isso com colegas, com amigos e com os profissionais que irão acompanhar o desenvolvimento da criança e depois debater os temas.

Aproveite!





○ DESENVOLVIMENTO CEREBRAL



s primeiros anos de vida da criança são fundamentais para estabelecer as bases das suas aquisições ao longo da vida. Sabe-se que investimentos feitos no sentido de aprimorar as condições de vida da população propiciam a criação de sociedades mais harmônicas, acolhedoras e respeitosas com o ser humano. Um ambiente assim estruturado oferecerá oportunidade para que as pessoas adquiram e desenvolvam melhor suas potencialidades humanitárias, com maior produtividade econômica.

Do ponto de vista neurológico, o desenvolvimento é um processo contínuo e sequencial no qual o indivíduo vai adquirindo habilidades e conhecimentos, sendo que estas aquisições começam por aprendizados mais elementares, mais simples, aos quais vão se agregando progressivamente outros mais complexos.

Sabemos que sempre houve uma preocupação com o desenvolvimento das crianças, na maioria das vezes relacionado a aspectos físicos, com cuidados dirigidos principalmente à prevenção de doenças por meio de esquemas da vacinação, nutrição, e ganhos de peso e altura.

Já nas últimas décadas vem sendo incentivado um cuidado mais integral, visando uma atenção ampliada para os aspectos emocionais, valorizando a importância das interações pessoais com seus familiares por meio de uma participação mais presente e atuante de pai e mãe. As funções paterna e materna têm adquirido relevância na educação inicial e ganharam destaque no processo de desenvolvimento.

Os conhecimentos proporcionados pelas **Neurociências** vieram reforçar os argumentos do valor dos cuidados nos primeiros anos de vida, forçando a revisão das

SAIBA MAIS

Neurociência é o estudo do sistema nervoso: sua estrutura, seu desenvolvimento, funcionamento, evolução, relação com o comportamento e a mente, e também suas alterações. Neurocientistas são as pessoas que trabalham fazendo pesquisa em neurociência. Por isso, neurocientistas podem ser biólogos, biomédicos, médicos, psicólogos, físicos, engenheiros, filósofos, entre outros.

práticas mais antigas. Além do que, mostrou-se que é fundamental transmitir esses conhecimentos de forma clara e compreensível para os pais, de modo que, uma vez entendendo a importância de suas funções, possam participar adequadamente, favorecendo o desenvolvimento integral dos seus filhos.

Saber que as bases da estruturação neurobiológica, psicológica e social do indivíduo está na família e nos primeiros anos de vida facilita o planejamento e a concentração de esforços nessa direção. Assim, os pais podem oferecer nesse período as condições mais favoráveis para que o ambiente familiar possa ajudar a constituir um ser humano **integral** e **integrado**.

Tendo em vista esse objetivo, é importante resgatar a família como responsável pelo desenvolvimento do ser até que possa ser sujeito de si mesmo, possibilitando que se torne um indivíduo único (indivíduoação) e autônomo. Esse desenvolvimento permitirá que ele aprimore seu senso de respeito ao outro e a si mesmo, com espírito de cidadania e de solidariedade ao sofrimento alheio, capacitando-o a lidar de modo responsável com a sua própria vida e com os aspectos sociais e culturais, e protegendo-o, deste modo, da marginalidade e da violência.

1. O cérebro em formação

Para que este processo de desenvolvimento integral ocorra, consideramos três condições como fundamentais (Figura 1):

- 1- Existência de uma estrutura neurobiológica;
- 2- Estimulação adequada;
- 3- Afeto.

A estrutura neurobiológica que estará participando deste processo é o cérebro, auxiliado pelos órgãos que compõem os sentidos: visão, olfato, audição, gustação e tato.

Para que o cérebro possa se apropriar da informação, será necessário que ocorra uma estimulação adequada vinda do ambiente, na maioria das vezes realizada pelos pais. Entretanto, para que este aprendizado se concretize da melhor forma, será importante que venha acompanhado de um contexto afetivo.

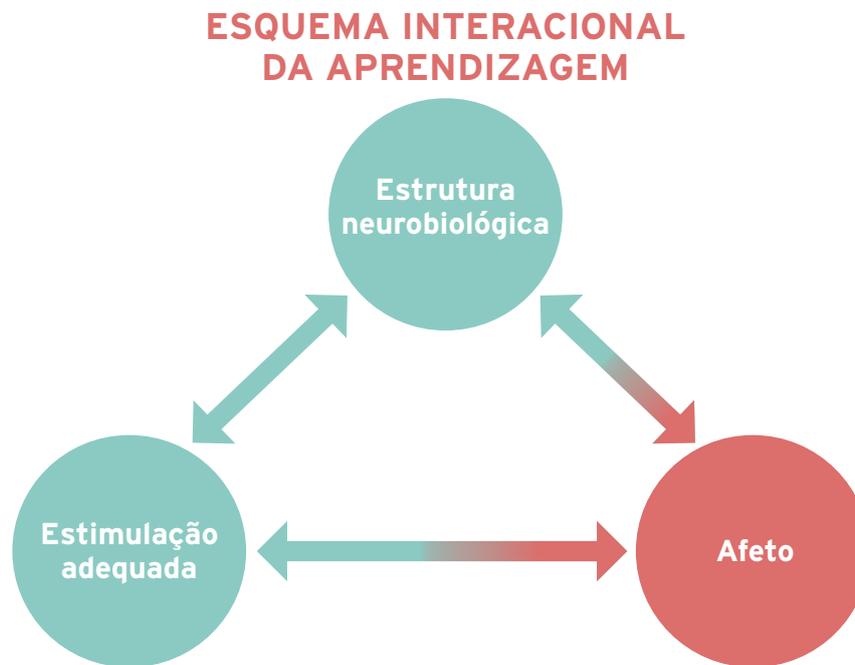


Figura 1 - Esquema interacional da aprendizagem.

Considerando o desenvolvimento embriológico, sabemos que o sistema nervoso, mais especificamente o cérebro, origina-se da camada mais externa do embrião chamada de ectoderma. Nas semanas e meses seguintes da gestação se sucedem modificações anatômicas de tal modo que este órgão irá adquirindo seu desenho definitivo, parecendo uma noz por ocasião do nascimento (Figura 2).

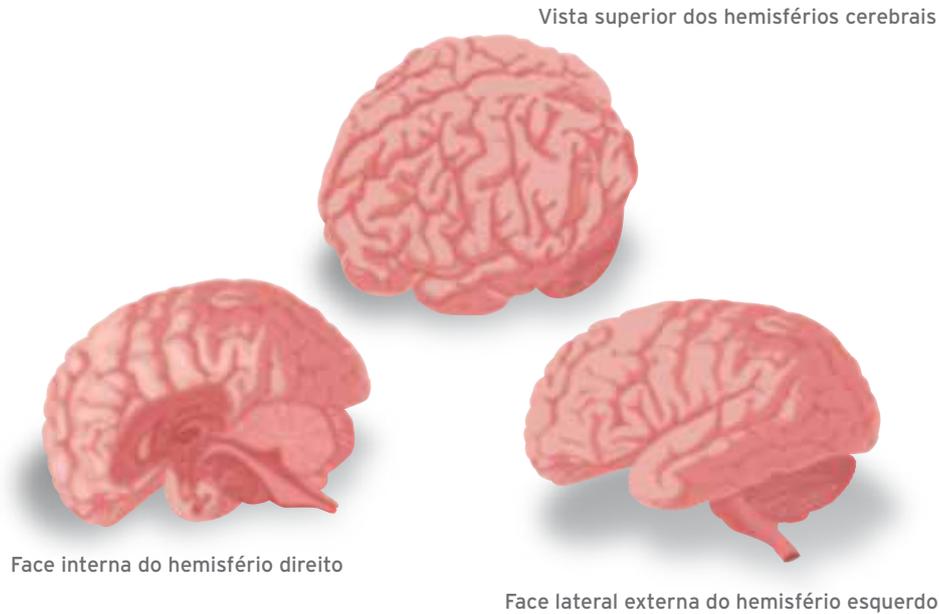


Figura 2 - Os hemisférios cerebrais.

Na intimidade da estrutura cerebral vão ocorrendo modificações desde as primeiras semanas intrauterinas:

1º - os neuroblastos, células jovens, iniciarão um intenso processo de multiplicação, passando a transformar-se em neurônios, que irão constituir, num futuro próximo, a chamada população neuronal.

2º - estes neurônios, assim formados, vão iniciar um processo de **migração** para irem se localizando nas seis camadas do córtex cerebral e em outras regiões importantes do cérebro (citoarquitetura).

3º - uma vez em seus locais definitivos, os neurônios passarão a se conectar entre si, iniciando a organização dos circuitos cerebrais, comunicando-se com neurônios bem próximos na mesma região cerebral, com neurônios de outras regiões cerebrais e mesmo com neurônios do hemisfério cerebral contralateral. Isto é, neurônios da região **occipital** direita, por exemplo, se comunicam com seus vizinhos nesta mesma região, ou então com os da região **parietal, frontal** ou **temporal**, e até mesmo com os do hemisfério cerebral esquerdo.

Esse processo se chama sinapse ou sinaptização (Figura 3) e continua por vários anos na vida do indivíduo. Nos primeiros anos de vida, acontecem cerca de 700 conexões neurais a cada segundo (Conel, 1959).

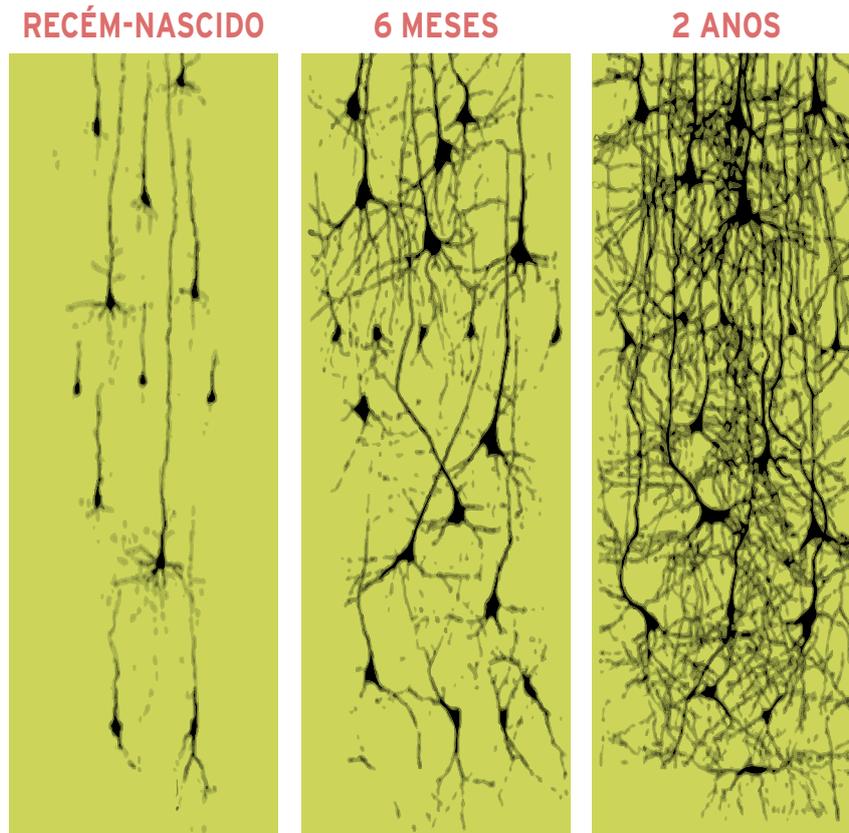


Figura 3 - Evolução da sinapse nos dois primeiros anos de vida.

4º - em seguida, acontece a **mielinização**, isto é, o revestimento das fibras sinápticas pela mielina, como se fosse um plástico que recobre o metal de um fio, cuja função é facilitar a passagem do estímulo nervoso. Sabe-se que a mielinização estende-se por várias décadas após o nascimento.

Esta complicada organização cerebral é assim determinada por fatores genéticos, da mesma forma como se deu com a estruturação de outros órgãos do corpo humano (coração, pulmão etc.).

Por ocasião do nascimento, o cérebro, bem como o bebê, está de certo modo pronto para iniciar o seu funcionamento e estabelecer relações com o que está à sua volta. E o que está no entorno do bebê são os chamados cuidadores, que na grande maioria das vezes são a mãe e o pai.

É a partir dessas inter-relações precoces que se estabelecerá o processo de interação entre o filho recém-nascido e seus familiares, e que vai proporcionar a formação do vínculo.

Estará se iniciando um longo ciclo de vida no qual um bebê é inteiramente dependente de seus cuidadores, que deverão lhe prover proteção e afeto (Figura 4).

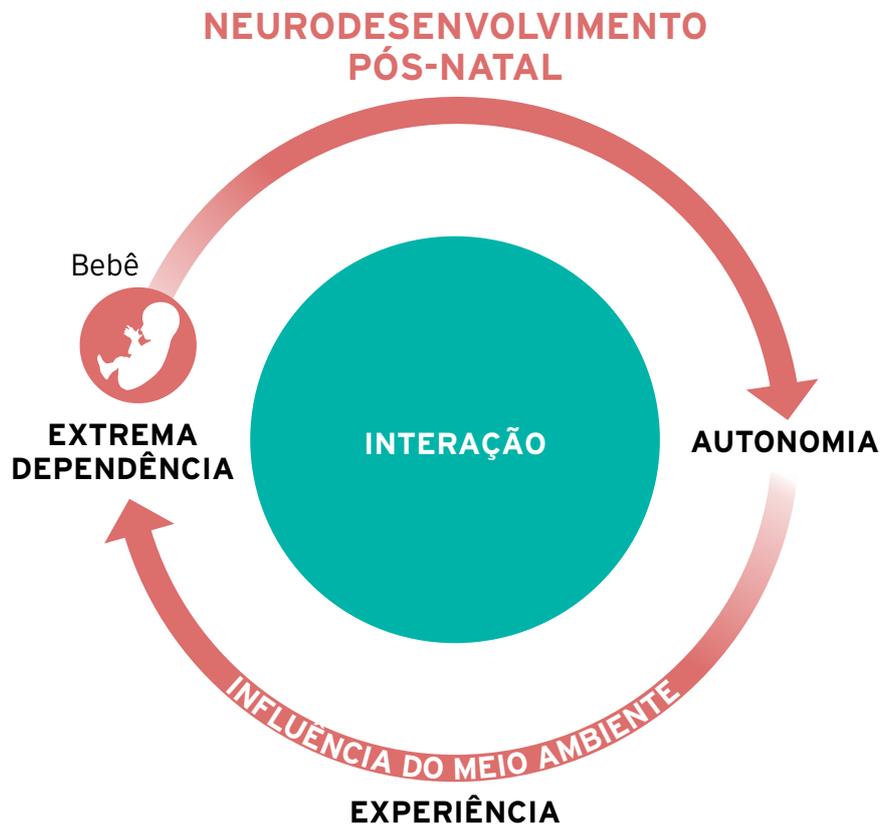


Figura 4 - Ciclo de desenvolvimento - influência do meio ambiente.

A aquisição da autonomia acontecerá aos poucos e terá características diferentes para as diversas idades. Por exemplo, o bebê, em suas primeiras semanas, reage de modo intenso à necessidade de alimentar-se, pois precisa sobreviver, mas, à medida que o tempo vai passando e percebe que suas necessidades são atendidas, passa a ter reações de solicitação mais atenuadas; aprende, nos meses seguintes, a esperar quando a mãe não está imediatamente disponível.

Em torno do primeiro ano, passa a usar pouco a pouco uma colher pequena, ainda com ajuda, e no segundo ano de vida já se alimenta sem ajuda. Mais tarde, será capaz de vestir-se sozinho, esperar sua vez nas brincadeiras, saber ganhar e perder. E assim por diante, por meio da interação com o ambiente que o cerca e com a participação ativa de seus familiares, irá adquirindo a autonomia que lhe permitirá uma convivência social adequada, alfabetização, outros aprendizados mais complexos e uma habilidade para lidar com as adversidades naturais da vida humana.

De importância fundamental para a criança será aprender a lidar com as frustrações que naturalmente irão surgindo. Lidar com a rotina, com regras do que pode ou não fazer, tolerar a espera e não ter tudo o que deseja vai lhe preparando para uma inserção social mais adequada no futuro. E este exercício começa muito cedo, com regras e limites mais elementares.

Estes ganhos nas aquisições dos indivíduos têm representação nos seus circuitos cerebrais, ou seja, o que apreendemos deixa seu registro no cérebro, sejam aprendizados motores, emocionais ou de outra ordem. Eles ocorrem dependendo da condição de maturidade cerebral, por isso é inconveniente antecipar aprendizados se a estrutura do cérebro não estiver pronta para assimilá-los. Assim como não conseguiremos incentivar uma criança de 6 meses a caminhar, também não conseguiremos a alfabetização em crianças com 4 anos de idade, mesmo porque não haveria vantagens nessa aquisição antes do tempo.

Desse modo, o indivíduo irá desenvolvendo habilidades e aprendendo a lidar com as solicitações do ambiente. Os familiares irão pouco a pouco ensinando as rotinas diárias, iniciando pelas mais simples, como, por exemplo, colocar uma sapatinha, indo até as mais complexas, como arrumar seus brinquedos ou sua mochila de escola. Cada ação dessas poderia ser considerada como um objetivo ou uma meta, igual a outras que surgirão na sua vida adulta, como preparar-se para uma

viagem, escolher as roupas que levará, providenciar as passagens aéreas e outros itens. Para isso precisará de capacidade de organização, monitorando todos os passos e convivendo com a frustração, muitas vezes, de ter que fazer algumas correções para finalmente atingir o objetivo desejado. Esta capacidade de organização se estrutura durante o seu processo de desenvolvimento e vai se aprimorando ao longo da vida, constituindo o que chamamos de **funções executivas**, características do ser humano.

Funcionamos dessa maneira, e todas as nossas ações têm um propósito e organização sequencial, formando a condição de autonomia de cada pessoa (Figura 5).

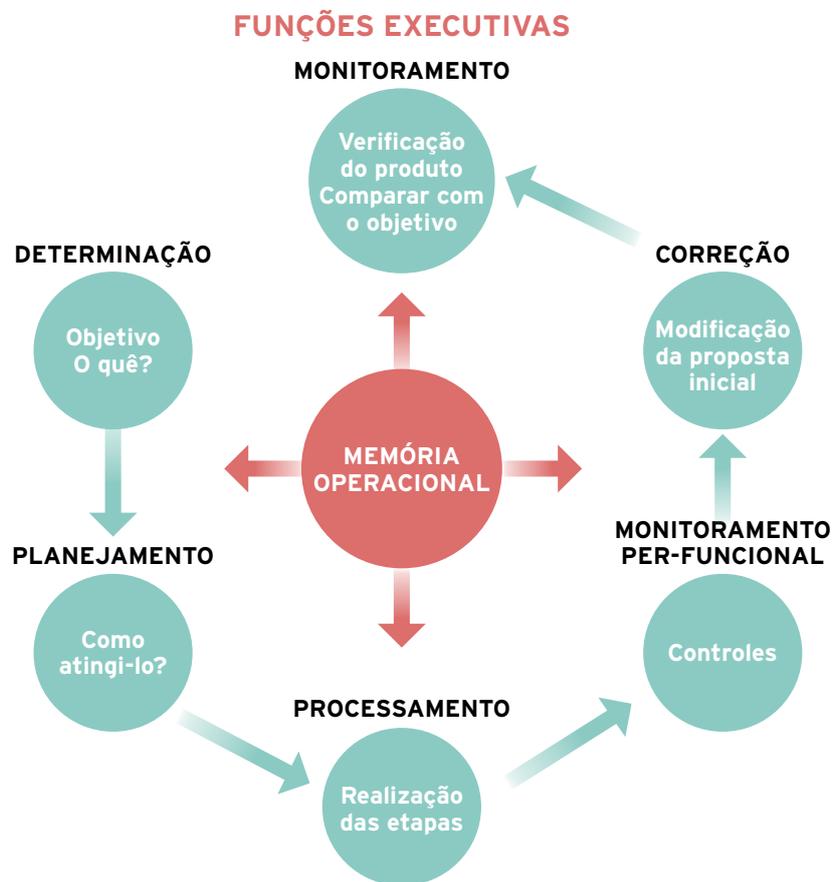
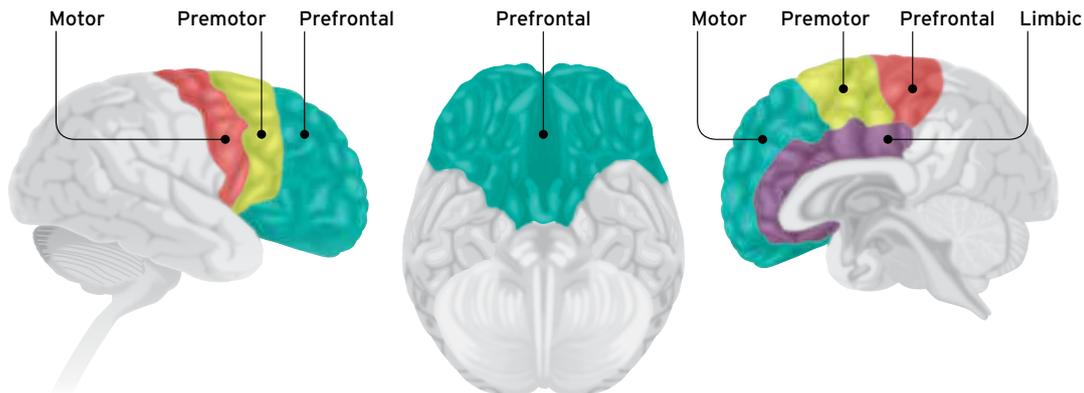


Figura 5 - Diagrama sequencial do circuito das funções executivas.

Auxiliadas por variadas áreas funcionais e localizadas em diversas regiões do cérebro, as funções executivas estruturalmente têm seus circuitos posicionados nas regiões frontais bilaterais, circuito límbico e amígdala cerebral. (Figura 6).



Fonte: users.humboldt.edu

Figura 6 - Localização das funções executivas - região pré-frontal.

Para desempenhar uma determinada tarefa, é necessário que a pessoa mantenha essa tarefa em sua mente durante as diferentes ações que precisa fazer para realizá-la. Isso é o que conceitualmente se chama de **memória de trabalho**.

Se o indivíduo não adquire autonomia, prejudica o desempenho pessoal com falhas de organização e planejamento, interferindo no sucesso de suas metas. Isso poderá ser observado em idades precoces, quando a criança passa a pedir ajuda para atividades simples que já deveria ser capaz de realizar. Essas crianças não foram incentivadas para se apropriarem desses aprendizados, ficando sempre na expectativa de que outros as auxiliassem ou fizessem por elas. Isso resulta em não aquisição de habilidades que lhes farão falta para outras novas solicitações. Um exemplo atual são crianças que, embora já tenham condições, solicitam permanentemente ajuda para vestir-se ou necessitam da presença constante do adulto, que precisa ficar sentado ao seu lado durante a realização de tarefas escolares em consequência de falhas no processo interacional que lhes favoreceria uma condição mais autônoma, consequente a uma capacidade executiva melhor desenvolvida.

SAIBA MAIS

O estabelecimento do vínculo é um capítulo importante do desenvolvimento infantil. É na interação com seus familiares que os vínculos irão acontecer e ficarão impressos nos seus circuitos neuronais cerebrais.

Para saber mais, veja artigo na página 69.

2. O desenvolvimento motor

O recém-nascido (RN) normal apresenta comportamento motor peculiar, que corresponde às suas condições de maturidade neurológica. Sua postura no berço é característica, deitada com os braços e pernas flexionados. Ele apresenta um conjunto de reflexos típicos desta fase: Moro, preensão palmar e plantar, apoio plantar, marcha reflexa e sucção reflexa. Alguns destes desaparecerão com o correr dos meses; a marcha reflexa, que se interrompe aos 2 meses, voltará por volta dos 12 meses de forma voluntária, quando a criança começar a caminhar.

No primeiro ano de vida, acontecem progressos significativos no desenvolvimento motor e ocorrem no sentido craniocaudal, isto é, da cabeça para os pés, obedecendo à sequência do processo de mielinização.

Podemos destacar três marcos fundamentais no desenvolvimento motor:

- sustentação da cabeça quando no colo: entre o 3º e o 5º mês;
- sentar sem apoio: entre o 7º e o 10º mês;
- andar sem apoio: entre o 12º e o 18º mês.

Também no primeiro mês de vida, a criança consegue elevar a cabeça do travesseiro quando colocada de bruços.

No segundo mês, tem maior habilidade nessa posição e explora o ambiente, rodando a cabeça de um lado para outro, olhando o que se passa em volta. Sorri es-

pontaneamente em determinados momentos, sem relação com o que ocorre no entorno (sorriso reflexo), ocorrendo com certa frequência durante o sono. É capaz de perceber sons, dirige o olhar e movimenta a cabeça para o lado de onde ouve uma voz.

Ainda no segundo mês, fixa o olhar em objetos ou pessoas e segue seu deslocamento, fazendo isso com mais constância até o terceiro mês, sorrindo, emitindo sons ou dando pequenas gargalhadas no contato com os pais (sorriso social). Começa a adquirir movimentos voluntários com as mãos, sendo capaz de levá-las até a mamadeira. Esses movimentos vão se aprimorando, e no quarto mês apanha objetos e os leva à boca, fazendo a preensão com a mão espalmada.

Em torno do terceiro e do quinto meses, demonstra maior atividade motora e interação. Passa a reconhecer visualmente os familiares e a relacionar-se de modo mais evidente. O bebê também se diverte observando as próprias mãos e seus movimentos. Mostra maior interesse pelo seu entorno, especialmente com seus pais e outros cuidadores, reconhecendo-os por meio do olhar e pela voz, respondendo ao contato por meio de sorriso e emissão de ruídos com a boca. É capaz de permanecer mais tempo sozinho, distraindo-se por sua própria conta, oferecendo bons períodos de tranquilidade e repouso para a mãe.

Começa a mudar de posições, podendo rodar, passando da posição deitada para ficar de bruços com o auxílio dos membros superiores, e também se deslocando pelo berço. Nesse período, os cuidados deverão ser redobrados, principalmente se colocado para higiene no trocador, de modo a evitar quedas e traumatismos.

SAIBA MAIS

Reflexo de Moro

A um estímulo mais brusco o bebê estende joga a cabeça para trás, estica as pernas, abre os braços e os fecha depois.

Preensão palmar e plantar

Pelo estímulo nos dedos dos pés e também na palma da mão, faz a flexão dos dedos.

Marcha reflexa

Colocado em pé, seguro pelas axilas, apoia-se nos pés e troca passos.

Sucção reflexa e pontos cardiais

O bebê abre a boca e suga o que se lhe oferece. Ao tocar qualquer região em torno da boca, ele vira o rosto para o lado estimulado.

Suas condições visuais progridem rapidamente, fixando melhor o olhar e mostrando maior capacidade de seguir o deslocamento de pessoas e objetos, com percepção tridimensional e noções de aproximação e distanciamento. É capaz de apanhar ou bater com a mão em um brinquedo que se desloca diante de si. Da percepção inicial de brilho e intensidade de cores, passa, em torno do quarto mês, à capacidade de perceber toda a variedade de cores. Começa desde essa época a apresentar preferência por determinados tipos e formas de objetos e cores. O reconhecimento da voz humana, em especial de seus pais, faz com que rode lateralmente a cabeça em sua busca.

A partir do quinto e do sexto meses, suas condições de equilíbrio permitem que comece progressivamente a sentar, no começo com apoio, mas, nas semanas seguintes, apresentará melhor postura, mesmo sem apoio. Nessa época, estará aprimorando também sua habilidade manual, conseguindo manipular melhor os objetos e trocar de mãos, iniciando aos poucos a preensão do tipo pinça, com o polegar e o indicador.

Esse progresso motor voluntário dos membros superiores lhe permite usar o apoio protetor das mãos ao cair para os lados, se estiver sentado.

Mais interessado nos objetos e brinquedos, o bebê será capaz de observar melhor os detalhes, mostrando inclusive uma preferência por determinada cor. Sua percepção e sua assimilação visuais estão mais amadurecidas, e sente prazer em passeios em que pode observar o ambiente (parques e supermercado, por exemplo). Entre o sétimo e o oitavo meses, demonstra interesse e preferência por certos desenhos ou mesmo figuras de livros infantis. Passa a aproveitar a posição sentada, podendo ver o mundo de modo mais amplo e interessante.

O bebê começa a engatinhar entre o 10º e o 12º mês, mas não é uma regra. Pode não se manifestar em um bom número de crianças, o que não constitui sinal de anormalidade. Alguns bebês chegam a ficar na posição do engatinhar, porém não realizam os movimentos de vaivém com os membros. Deslocam-se até de outras maneiras. Por exemplo, fazem isso quando sentados, com movimentos de flexão e extensão dos membros inferiores, indo para frente. Dessa forma, conseguem também deslocar-se e ir explorando o ambiente.

Durante esse mesmo período, mais próximo dos 12 meses de idade, começam a ficar de pé com apoio. Em seguida, tentam dar alguns passos, apoiando-se em móveis ou sendo seguro por uma das mãos, e depois passam a caminhar sem qualquer apoio. Determinadas crianças poderão ter essa reação mais tardiamente, até os 18 meses, o que se considera um tempo normal.

Alguns pais, com a intenção de ajudar o filho a andar, utilizam os conhecidos andadores, que permitem à criança deslocar-se com movimentos dos membros inferiores. No entanto, não serão úteis para o melhor desempenho motor, porque assim ele não terá a oportunidade de desenvolver sua própria capacidade na aquisição da postura e do equilíbrio do tronco de modo adequado. Além disso, oferecem risco de segurança. Afinal, nesses deslocamentos, sem um bom controle motor, as crianças ficam expostas a traumatismos de diversas ordens.

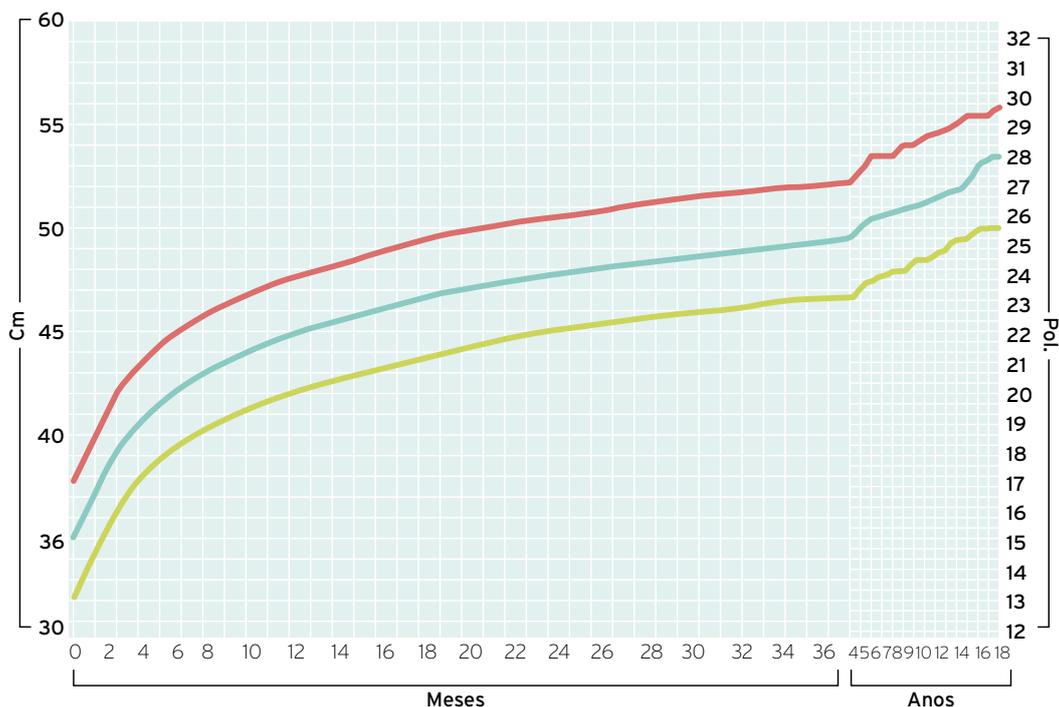
Quando completa um ano, a criança consegue bater palmas. Isso poderá ser visto na festa de comemoração do aniversário. Seus movimentos manuais são mais precisos, com utilização da preensão em pinça, na qual o bebê usa o polegar e o indicador, conseguindo surpreendentemente apanhar objetos de tamanho bastante reduzido.

Já terá condições motoras para brincar com jogos simples, como receber e jogar uma bola de volta ou mesmo empilhar alguns blocos.

É importante lembrar que esses períodos assim demarcados das aquisições motoras podem apresentar variações individuais consideradas normais, acontecendo em torno de uma faixa de tempo estreita. Mas é bom que os pais e cuidadores fiquem atentos, se essas aquisições saírem muito do padrão, quando será necessária uma atenção especial para saber quais as causas de um possível atraso.

Ainda no campo neurológico, é importante monitorar o crescimento do volume do crânio. Isso é avaliado pela medida do perímetro craniano (PC) nas consultas mensais com o pediatra. O resultado nos dá uma informação indireta do crescimento do cérebro, que se desenvolve rapidamente no primeiro ano de vida, aumentando cerca da metade do que fará até a vida adulta. Da mesma forma que para o peso e a altura, para o PC existem tabelas padronizadas e validadas para a população brasileira. Os controles devem ser anotados em um gráfico, o que permitirá ver como o processo está evoluindo.

PERÍMETRO CEFÁLICO MASCULINO



Exemplo de tabela para controle do perímetro do cérebro

Este é um período de intenso desenvolvimento, no qual a criança deixa de ser considerada um bebê e vai, progressivamente, ganhando maiores habilidades motoras, de comunicação e de independência. Passa a demonstrar mais seus interesses e a fazer escolhas, aceitando algumas sugestões e negando-se a outras que não sejam de seu interesse imediato.

Seu desenvolvimento motor enriquece progressivamente, mostrando maior agilidade com o próprio corpo, caminhando com maior segurança e desenvoltura, sendo capaz até de subir uma pequena escada, trocando passos, colocando um pé sobre um degrau e, depois, o outro pé no mesmo degrau e assim por diante, repetindo a sequência. Pequenas quedas fazem parte, e ela se sentirá capaz e gratificada de se pôr de pé novamente e reiniciar o que vinha fazendo.

Mostrará também maior desembaraço num parquinho, procurando atividades do tipo trepa-trepa, conseguindo alcançar pequena altura e ficar feliz com o resultado. Conseguirá correr e dar um chute numa bola. Ou mesmo puxar um brinquedo amarrado por uma corda. E subirá nos móveis com maior destreza.

Suas habilidades manuais irão se aprimorando até o final do segundo ano. Nessa época, a criança já consegue manipular melhor os objetos, fazendo alguns encaixes com brinquedos, usando até uma colher para levar alimentos à boca. Terá prazer em brincar com a areia e mesmo lambuzar-se com tinta enquanto pinta numa folha de papel.

Esse será um período de intensa diferenciação, principalmente nos âmbitos intelectual, social e emocional. A criança ampliará seus relacionamentos e buscará interação com colegas de sua idade.

O desenvolvimento motor continuará se refinando em sua complexidade, já tendo superado os eventos maiores e clássicos das idades anteriores. Agora, com mais desembaraço, a criança corre, pula e é capaz de subir escadas colocando um pé em cada degrau e até dispensando o apoio do corrimão. Ela passa a apreciar brincadeiras com mais ação e mostra um gosto especial por escalar o escorregador e descer rapidamente por sua rampa, sendo capaz de repetir isso seguidamente.

Em ambientes mais abertos, a criança vai mostrar preferência por correr e distanciar-se dos pais. Nesse caso, será necessário alertar que pode fazê-lo, mas que precisa não perder o contato e a referência com o local onde estão seus familiares, assim como é importante que os familiares observem os movimentos da criança.

A habilidade com os membros inferiores se aprimora e, nos meses que se seguem, observa-se que vai adquirindo capacidade para pedalar um triciclo, por exemplo.

Essa sucessão de atividades lhe permitirá ganhar cada vez mais destreza, habilidade e prazer no movimento. Será um período no qual os cuidados deverão ser mais observados, pois a criança tende a exagerar nas brincadeiras e ficar mais exposta a traumatismos. É, por isso mesmo, um período de pequenos acidentes, com cortes na pele e mesmo fraturas que necessitarão de atendimento hospitalar.

De um modo geral, os meninos buscam atividades de maior ação, como chutar bola, correr, e ter contatos físicos que mais parecem lutas. Já as meninas optam por brin-

cadeiras mais tranquilas, conversando, mostrando suas bonecas e simulando atividades domésticas, como cozinhar com panelinhas, limpar móveis e até usar a vassoura. Porém essas referências podem variar sem representar problema.

Algumas crianças nessa idade mostram prazer em folhear uma revista ou mesmo livros, atentas às figuras e até às narrativas de pequenas histórias, cuja repetição lhes agrada bastante. Mostram também interesse por desenhar ou rabiscar com lápis, conseguindo fazer traços verticais, garatujas e mesmo círculos. Atividades desse tipo podem mantê-las concentradas por longo tempo.

A destreza com os dedos vai se aprimorando. A criança já será capaz de tirar e colocar a tampa de canetas e de pequenos potes, rodar a maçaneta e abrir uma porta, e mesmo abrir recipientes. Será necessário cuidado para que ela não tenha acesso a frascos de medicamentos ou outras substâncias tóxicas que, ingeridas, possam provocar intoxicações de risco importante.

3. A linguagem

A aquisição da linguagem se desenvolve em várias etapas. Desde seu nascimento, a criança vai sendo exposta a um mundo de sons e de comunicação. Ela ouve os sons do ambiente que a cerca assim como a comunicação dos familiares entre eles e com ela. Inicialmente, terá uma percepção voltada para a entonação das vozes, se são mais suaves ou mais bruscas e grossas.

Será muito importante que os pais tenham conhecimento de que o bebê se comunica e busca comunicação. É preciso enfatizar a importância de que conversem com os pequenos, pois isso será fundamental para que eles desenvolvam a linguagem. Entre outras coisas, o bebê imita os sons, principalmente os labiais - ao mesmo tempo em que ouve o som e percebe como o adulto o produz (por exemplo, "mamã" e "papá").

A linguagem, mais especificamente a fala, surge em torno dos segundo e terceiro meses, com a emissão dos primeiros sons (gugugu...). Isso se chama gorjeio ou balbúcio, que certamente já possui tonalidades de comunicação e afetividade. Na sequência, em torno dos quatro meses, terá a percepção mais discriminada dos sons, como as vogais e algumas sílabas.

Nesse período, a audição continua progredindo. O bebê demonstra interesse especial pela voz humana, mais nitidamente pela de seus pais, dirigindo-lhes o olhar e rodando a cabeça. A voz da mãe lhe proporciona prazer e tranquilidade. Ouve seus próprios ruídos e sons que produz com o movimento dos seus lábios. Algumas vezes, os sons são feitos quando a mãe fala com ele, como se estivesse respondendo.

Suas condições visuais e auditivas, e também de interação, estão mais amadurecidas, passando a interagir com o meio e com as pessoas que os cercam.

Já em torno do quinto mês, os bebês imitam alguns sons emitidos pelos adultos. Mostram também reação às entonações com significado expressas pelo adulto, sorrindo ou tranquilizando-se com falas mais doces e reconfortantes, ou mesmo franzindo a face e chorando se um tom mais forte ou mesmo um grito for utilizado.

Por volta do sexto e do sétimo meses, surgem as vocalizações de sílabas características do que chamamos lalação.

Passam a ter a compreensão de gestos como “não” por movimento do dedo indicador ou por gestos laterais da cabeça realizados pelo cuidador. Mostram uma interação consistente pelo olhar e por meio de brincadeiras.

Se aos sete meses a criança não estiver emitindo sons ou mesmo se os emitia e deixou de fazê-lo e/ou reage pouco a ruídos, será importante ouvir a opinião de um profissional para esclarecer o que está ocorrendo. Em algumas situações, poderá estar havendo deficiência auditiva, e o diagnóstico precoce, antes do aniversário de um ano do bebê, pode trazer um melhor prognóstico.

SAIBA MAIS

Lalação: é quando a criança começa a treinar com monossílabos do tipo “ma-ma”, “ba-ba”, “da-da”, “ne-ne”, que diz como se estivesse conversando. Ela faz isso quando quer conseguir algo, chamar a atenção, comer etc.

As primeiras palavras vão surgir no período dos 10 aos 12 meses. As crianças utilizam para a sua emissão fonemas labiais (papá e mamã), pois vê como se produzem e ao mesmo tempo o som que é emitido; ao lado disso, percebem a felicidade dos pais ao fazê-lo. Passam a atender quando chamadas pelo nome. Interessam-se por canções infantis e pedem a sua repetição. Usam gestos para solicitar o que querem e entendem bem mais do que conseguem expressar.

Será importante falar com a criança de modo correto, embora em alguns momentos o adulto possa usar afetuosamente expressões com dicção mais infantilizada (“mamanhês”), imitando um bebê falando. O uso de pequenos livros com figuras ilustrativas certamente despertará interesse e servirá para introduzir palavras e novas informações.

Na linguagem, observa-se, no correr dos meses, que competências para a compreensão e a memória desenvolvem-se de forma rápida. A criança é capaz de entender quase tudo o que lhe é dito. Compreende quando alguém pede para que ela pegue o sapato ou sente em sua cadeira porque é chegada a hora de comer.

Irá, sucessivamente, emitindo mais palavras isoladas. Aos poucos, ficará mais articulada, com uma emissão peculiar na qual suprime sons, ou fala parte de vocábulos ou mesmo troca algum fonema, como “peto” por preto ou “tasa” por casa.

Nesses primeiros meses do segundo ano, a criança costuma utilizar uma palavra como se fosse frase, o que chamamos de palavra-frase: diz “aga” com a finalidade de dizer “eu quero água”. Utiliza gestos, aponta e emite “dá”, referindo-se ao que deseja. A seguir, passa a entender noções um pouco mais abstratas, como “dentro e fora”, “em cima” e “embaixo”, e começa a construir frases curtas quando se aproxima do final do segundo ano - com duas a três palavras como “dá água”, “qué leite” ou “dá bola, mamãe”.

A fala também apresentará um desenvolvimento exuberante nesse período. O vocabulário aumenta ricamente, as frases se tornam mais longas, construídas com cinco a seis palavras. Embora muitas vezes agramaticais, os relatos já se mostram bastante organizados. Passa a narrar pequenos fatos ou mesmo a organizar uma pequena história a partir das figuras de um livro.

Ela se mostrará interessada em ouvir histórias, como foi dito acima, o que contribuirá na ampliação tanto do seu vocabulário quanto da sua capacidade de aprender construções frasais gramaticais mais elaboradas.

Sua interação se intensifica. Formula perguntas, usa pronomes, preposições. Também expressa suas vontades, explica o que quer e o que não quer, pede informações. Sabe nomear a maioria dos objetos de seu ambiente, tem noções mais ampliadas das condições de relação, como alto/baixo, dentro/fora, atrás/na frente. A criança já diz seu nome e sua idade e segue ordens com duas a três sequências solicitadas.

Essa aquisição linguística pode variar de criança para criança e tem características diferentes em cada indivíduo. Por isso, são observadas diferenças quando se compara duas crianças normais, sendo que, em boa parte das vezes, constituem-se como variações de um desenvolvimento adequado. Em situações nas quais o progresso na linguagem estiver lento ou mesmo estacionado, será importante observar o comportamento global da criança, suas condições de interação e de audição, para compreender melhor como esse desenvolvimento está se dando. Isso permitirá intervenções cujo sucesso, muitas vezes, está relacionado a uma anormalidade e ao seu diagnóstico precoce.

4. O sono

O sono no primeiro ano de vida apresenta variações à medida que os meses vão transcorrendo.

Habitualmente, até o terceiro e quarto meses, os bebês costumam dormir boa parte do tempo, até cerca de 16 horas por dia. Eles acordam para as mamadas ou por algum desconforto, como fralda molhada, a cada duas ou três horas.

A ciclagem do sono ocorre inclusive durante o período noturno, indo do descanso tranquilo e profundo ao sono mais ativo. Este equivale ao sono REM do adulto, período de maior ocorrência de sonhos, e ocupa cerca de 50% a 80% do sono do recém-nascido. O padrão muda no restante da vida, com redução progressiva do sono REM.

Alguns bebês, nesse período, acordam duas ou três vezes durante a noite sem que haja maiores dificuldades em seu entorno. Observa-se que ainda não adquiriram o hábito do sono noturno mais prolongado.

Às vezes, dormem mais durante o dia do que à noite (“trocam o dia pela noite”, como dizem alguns pais); quando o acordar estiver ocorrendo durante a noite, será importante acolhê-los por curto tempo, evitando retirá-los do berço, mantendo a penumbra do quarto, incentivando-os a dormir novamente, e insistindo na aquisição de um sono noturno mais contínuo. Em outras ocasiões, há necessidade de ajuste alimentar, com aumento da quantidade láctea na última mamada.

Outros acordam muito cedo pela manhã. Isso poderá inicialmente ser contornado colocando-se cortinas para manter o ambiente mais escuro e aguardar que o sono volte. À medida que essas atitudes de adequação dos familiares forem se repetindo, costuma-se observar a recuperação do hábito noturno do sono.

Já a partir do quinto e do sexto meses, durante o dia passam a dormir menos ou não dormir no intervalo entre as mamadas. O sono até pode ocorrer após se alimentarem, mas por um curto tempo, depois acordam, e assim permanecem, interessando-se por algum objeto ou pela interação com o cuidador. Já à noite, o período de sono é mais prolongado, passando a acordar uma vez para mamar, quando anteriormente o faziam a cada três ou quatro horas.

Entre o sétimo e o oitavo meses, mostram-se bastante ativos. Mesmo no início da noite, quando chega seu horário de dormir, querem seguir entretidos e participando dos acontecimentos em família. Ainda que fiquem por mais alguns minutos juntos com os familiares, é importante manter a rotina e colocá-los em seguida para dormir, conservando-se o hábito já estabelecido. Muitas vezes, um banho aquecido ou mesmo uma massagem delicada auxilia para que fiquem mais tranquilos.

Outros lactentes acordam com alguma frequência à noite, de duas a quatro vezes, chorando e gerando estresse nos pais. É importante certificar-se de que nada desconfortável ou de maior risco esteja ocorrendo. Assim, os cuidadores devem atender o bebê, conversar por um breve tempo, procurar acalmá-lo e sair do quarto mesmo que siga chorando. Essa manifestação poderá permanecer em geral por curto tempo e aos poucos irá se extinguindo. Algumas crianças têm esse comportamento quando sentem o ambiente do quarto muito escuro, e nesse caso uma luz discreta de abajur poderá deixá-las mais calmas. Essa será uma época propícia para incentivar sua autonomia, deixando-a dormir em seu próprio quarto.

Observa-se que nessa idade mantêm períodos de até dez horas de sono noturno, e boa parte já não mais acorda durante a noite.

Assim seguem até o final do primeiro ano, quando algumas crianças passam a dispensar a mamada noturna. Mesmo se acordarem durante a noite, conseguirão satisfazer-se com um pouco de água para logo adormecerem.

Esses comportamentos alterados do sono também se manifestam na dificuldade em começar a dormir, preferindo ficar no colo e nos embalos da mãe. Adormecem depois de um tempo razoável. Porém, com certa frequência, despertam assim que são colocadas no berço, e retornam para o colo do cuidador. Podem seguir dormindo por um curto espaço de tempo, despertando novamente, repetindo-se essa situação de três a quatro vezes por noite, durante várias semanas, levando os pais à exaustão.

Na tentativa de acalmar seu bebê, a mãe oferece o peito a cada vez, e ele o suga vorazmente. Em certas ocasiões, insiste em permanecer sugando por tempo prolongado, mesmo que não esteja mais retirando o leite.

Com nove ou dez meses, podem continuar com as dificuldades de sono, resistindo a acomodar-se no berço, exigindo a presença do adulto, que muitas vezes deita com seu filho ou o leva para a cama do casal. Seguem os períodos curtos de sono, acordando diversas vezes e novamente solicitando os pais. Observa-se que estes muitas vezes se sentem inseguros em impor regras mais eficientes e acolhem excessivamente seu filho, o que determina um reforço na ansiedade e na insegurança do bebê.

SAIBA MAIS

O sono e a alimentação são duas áreas extremamente sensíveis às alterações emocionais do bebê. Nesses casos, os bebês se mostram excessivamente inquietos, com choro frequente e dificuldades para descansar. Passam a recusar alimentação, apresentam refluxo ou vômitos e há dificuldades no ganho de peso.

Os familiares e cuidadores devem ser esclarecidos sobre a importância do sono e de como lidar em circunstâncias adversas quando a criança mostra dificuldades em habituar-se à rotina e às regras naturalmente estabelecidas. Atitudes cuidadosas, esclarecedoras e firmes, mas com afeto, ajudam a contornar de modo adequado esses momentos, favorecendo uma melhor interação e possibilidades de organização comportamental e emocional do filho.

Muitas crianças, nesse período, mantêm o padrão já relatado, sendo colocadas para dormir e ficando calmas no berço. Outras resistem e parecem despertar nesse momento, insistindo e querendo continuar as brincadeiras. Pedem companhia, um beijo, outro beijo, até que se acomodam, dormindo em seguida por toda a noite.

Não é incomum que, mesmo após longos períodos de sono calmo, aconteçam noites em que a criança acorde por mais de uma vez, em ocasiões com choro, outras vezes amedrontada. Será necessário acolhê-la, procurar conversar e entender se houve algum fato significativo durante o dia que pudesse trazer-lhe insegurança e ansiedade, e tratar de tranquilizá-la. Embora esse comportamento possa continuar por algumas noites, irá se atenuando com as iniciativas adequadas dos pais, reforçando sua segurança com a garantia de que estarão sempre disponíveis para ajudá-la. Já atitudes como o excesso de acolhimento (passar a dormir junto com os pais, por exemplo) atuarão em sentido oposto, acentuando a insegurança e a dependência.

O sono noturno nessa idade estende-se por cerca de 10 a 12 horas. A criança costuma dormir à tarde por curto período de duas horas, pouco depois de almoçar; entretanto, algumas passam a não mais dormir nesse horário.

Os hábitos preparatórios são importantes para que adquira a consciência de que chegou a hora de dormir. Estabelecer um roteiro é fundamental: tomar seu banho no final da tarde; depois, jantar no início da noite (de preferência com a família); a seguir, colocar o pijama e escovar os dentes. Esse tipo de ritual organiza o encaminhamento para dormir. A criança se prepara para seguir para o seu quarto em poucos minutos mais. Será importante que os pais se alternem nessa rotina para colocar o filho na cama à noite; podem permanecer juntos por alguns poucos minutos, contar uma estória, dar um beijo de despedida para que fique no seu quarto e adormeça.

Algumas crianças têm preferência por ficar com uma pequena luz acesa em seu quarto ou até mesmo seguir lendo um livreto após a saída do pai ou da mãe. São hábitos que poderão ser mantidos. A televisão no quarto tem se mostrado inconveniente, especialmente na hora de dormir - mesmo vendo programas infantis. Isso reacende a atenção da criança e interfere na sequência do mecanismo natural do sono que estava se estabelecendo.

Períodos de maior insegurança farão com que a criança possa interromper seu sono algumas vezes durante a noite, ou mesmo apresentar pesadelos, terror noturno ou sonambulismo. Estas condições sinalizam dificuldades emocionais que poderão ser transitórias, mas que merecem dos pais atenção especial.



Biografia consultada

- BARKLEY, R. A. The executive functions and self-regulation: An evolutionary neuropsychological perspective. *Neuropsychological Review*, 11:1-29, 2001.
- BION, W. R. *Learning from experience*. 1ª ed. London: Heinemann; 1962.
- BUTTERWORTH, G.; MORISSETTE, P. Onset of pointing and the acquisition of language in infancy. *Journal of Reproductive and Infant Psychology*, 14:219-231, 1996.
- CUNHA, I. A revolução dos bebês. *Psicanálítica*, Revista da Sociedade de Psicanálise do Rio de Janeiro, 1:102-128, 2001.
- CYPEL, S. Distúrbios da comunicação na criança. A linguagem: aspectos neurológicos. In: DIAMENT, A.; CYPEL, S. *Neurologia Infantil*. 4ª ed. São Paulo: Atheneu, 2005.
- CYPEL, S. O papel das funções executivas nos transtornos de aprendizagem. In: ROTTA, N. T.; OHLWEILER, L.; RIESGO, R. S. (orgs.). *Transtornos da Aprendizagem - abordagem neurobiológica e multidisciplinar*. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- DIAMENT, A. *Evolução neurológica do lactente normal*. São Paulo: editoras Edart-EDUSP, 1976.
- DIAMENT, A.; CYPEL, S. Os exames físico e neurológico da criança. In: DIAMENT, A.; CYPEL, S. *Neurologia Infantil*. São Paulo: Atheneu, 2005, 4ª ed.
- D'ESPOSITO, M. Executive Function and Frontal Systems. In: SCHIFFER, M. et al. *Neuropsychiatry*. 2ª ed. New York: Lippincott Williams & Wilkins, 2002.
- FUSTER, J. *The prefrontal cortex: Anatomy, physiology and neuropsychology of the frontal lobes*. 3ª ed. New York: Raven Press, 1997.
- GROSSMANN, A.; CHURCHILL, J.; MCKINNEY, B. et al. Experience effects on brain development: possible contributions to psychopathology. *Journal Child Psychology and Psychiatry*, 44:33-63, 2003.
- REIMÃO, R. Sono normal e seus distúrbios na criança. In: DIAMENT, A.; CYPEL, S. *Neurologia Infantil*. São Paulo: Atheneu, 2005, 4ª ed.
- SHORE, A. *Affect dysregulation and disorders of the self*. London: W. W. Norton & Company, 2003.
- TREVARTHEN, C.; AITKEN, K. J. Brain development, infant communication, and empathy disorders: Intrinsic factors in child mental health. *Development and Psychopathology*, 6:597-633, 1994.
- VOLPE, J. J. *Neurology of the newborn*. 4th edition. Philadelphia: WB Saunders, 2001.
- WINNICOTT, D. W. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.





SER CRIANÇA HOJE

Como a criança era vista no passado, em especial a criança de 0 a 3 anos

Para entender como a maneira de ver e tratar a criança foi mudando ao longo dos tempos, é importante rever alguns fatos da história para esclarecer a influência das sociedades, dos estudos teóricos e das culturas, assim como avanços e retrocessos nas práticas. Demorou muito para que as crianças fossem consideradas como crianças, ou seja, um grupo diferenciado com necessidades, interesses e características próprias.

Diversos estudiosos da infância desenvolveram ideias, aportando diferentes perspectivas ao conceito de infância. **Ariès** (1914-1984), um importante historiador francês demonstra, no seu trabalho *A história social da criança e da família*, que, até o século XII ou XIII, inexistia na Europa o conceito de infância tal como veio a ser mais tarde, especialmente a partir do Iluminismo. Ser criança nem sempre foi sinônimo de fragilidade. A infância, assim como a conhecemos, é uma invenção da modernidade, concebida através de uma evolução cultural e histórica.

Somente a partir do século XVII é que se admite que a criança não estaria por si só preparada para entrar na vida adulta e deveria ter um tratamento diferenciado.

Para **Buckingham**, a introdução da educação compulsória no final do século XIX foi um dos principais fatores a separar as crianças dos adultos e, nesse sentido, um dos grandes pré-requisitos da concepção moderna de infância¹.

O interesse pela infância e sua relação com a educação trouxe diferentes visões e propostas que influenciaram gerações e colocaram em pauta as diversas percepções de criança, infância e educação.

¹ <http://www.capparelli.com.br/1.php>

SAIBA MAIS

John Locke (1632-1704), uma das influências mais importantes na mudança de atitude com relação à infância, afirma que a criança é uma “tábula rasa”, ou seja, a ideia de que as crianças chegavam ao mundo sem nenhum conhecimento, e que o vazio seria preenchido pela educação.

Phillipe Ariès (1914-1984) aponta a influência de fatores sociais, culturais e ambientais na vida das crianças, defendendo a ideia de “Privação Cultural”: a infância definida pela falta, pela negação da sua humanidade. Para Ariès a ideia de infância só apareceu com a sociedade capitalista, industrial.

Bernard Charlot (1944) critica o tratamento abstrato dado à infância e a necessidade de levar em conta as diferentes condições de vida para não mascarar a significação social da infância.

No **século XX**, antes e no decorrer da Segunda Guerra, acreditava-se que a diversidade originava-se em aspectos da natureza genética (biologia), desconsiderando os fatores culturais.

No **século XXI** instaura-se um debate político-educacional em defesa de uma infância considerada na sua dimensão de cidadão de direitos, apontando para a diversidade de populações infantis.

Alguns dos educadores considerados pioneiros defenderam diferentes teses e criaram metodologias de ensino, muitos dos quais são utilizados até os dias de hoje em escolas públicas e privadas:

- **Jean Jacques Rousseau** (1712-1778). Suas ideias tiveram uma forte influência na educação. Entre elas, defendeu a noção de que a criança não podia mais ser entendida como um adulto em miniatura. Ele também chamou a atenção para as necessidades da criança e as condições de seu desenvolvimento, afirmando que elas tinham características próprias e individualidade. Acreditava que seria preciso educar a criança de acordo com a natureza, desenvolvendo progressivamente seus sentidos e a razão com vistas à liberdade e à capacidade de julgar. Destacava o papel da mãe como educadora natural da criança.
- **Johann Heinrich Pestalozzi** (1746-1827). Considerava que a função principal do ensino é levar as crianças a desenvolver suas habilidades naturais e inatas, que a força da educação estava na família e no cuidado do desenvolvimento afetivo.
- **Friedrich Wilhelm August Fröbel** (1782-1852). Trabalhou com Pestalozzi e formulou suas próprias ideias e princípios educacionais. Em 1837, criou o primeiro jardim de infância, onde a criança se expressaria através das atividades de percepção sensorial, da linguagem e do brinquedo, dando ênfase à liberdade da criança.

O século XX começa consolidando os estudos científicos sobre a criança. Após a Primeira Guerra Mundial, programas de atendimento a crianças pequenas para diminuir a mortalidade infantil

juntam-se a programas de estimulação precoce em lares e creches, orientados por especialistas da área de saúde, como, por exemplo, o médico **Ovide Decroly** (1871-1932). **Decroly** foi um dos precursores dos métodos ativos, fundamentados na possibilidade de o aluno conduzir o próprio aprendizado e, assim, aprender a aprender.

A psiquiatra e educadora **Maria Montessori** (1870-1952) iniciou seus trabalhos com crianças portadoras de deficiências. Com o decorrer dos anos, passou a utilizar seu método também em crianças comuns em escolas regulares, onde obteve ótimos resultados. Seu método foi difundido através da “Pedagogia Científica”, um resumo das suas ideias sobre educação. O Método Montessori foi um dos primeiros métodos ativos quanto à criação e à aplicação prática escolar, tendo como principal objetivo as atividades motoras e sensoriais.

Célestin Freinet (1896-1966) contribuiu com a criação do trabalho-jogo. A pedagogia de Freinet se fundamenta em quatro eixos: a cooperação (para construir o conhecimento conjuntamente), a comunicação (para formalizá-lo, transmiti-lo e divulgá-lo), a documentação, com o chamado livro da vida (para registro diário dos fatos), e a afetividade (como vínculo entre as pessoas e delas com o conhecimento).

No campo da **psicologia**, importantes autores também contribuíram com propostas para a compreensão e a promoção do desenvolvimento das crianças pequenas:

- Para **Lev Vygotsky** (1896-1934) existem dois níveis de desenvolvimento: um *real*, já adquirido ou formado, que determina o que a criança já é capaz de fazer por si própria, e um *potencial*, que é a capacidade de aprender com outra pessoa.
- **Henri Wallon** (1879-1962) foi um pioneiro ao levar para a sala de aula não somente o corpo da criança, mas também suas emoções. Fundamentou suas ideias em quatro elementos básicos que se comunicam o tempo todo: a afetividade, o movimento, a inteligência e a formação do eu como pessoa.
- **Jean Piaget** (1896-1980), cujas pesquisas, voltadas ao desenvolvimento e à aprendizagem, partiram da observação das crianças e seu entorno para mostrar como elas conhecem e apreendem o mundo à sua volta, desde o nascimento até

SAIBA MAIS

Segundo a Sociedade Antroposófica, a palavra Antroposofia vem do grego e significa “conhecimento do ser humano”. Foi introduzida no início do século XX pelo austríaco **Rudolf Steiner** e pode ser caracterizada como um método de descoberta da natureza do ser humano e do universo, que amplia o conhecimento obtido pelo método científico convencional, bem como a sua aplicação em praticamente todas as áreas da vida humana.

a idade adulta, pesquisas estas que revolucionaram as ideias sobre a infância.

- Para **Donald Woods Winnicott** (1896-1971), cada ser humano traz um potencial inato para amadurecer, para se integrar. Porém, o fato de essa tendência ser inata não garante que ela realmente vá ocorrer. Isso dependerá de um ambiente facilitador que forneça cuidados suficientemente bons, sendo que, no início, esse ambiente é representado pela mãe. Ele estudou as etapas do desenvolvimento emocional das crianças desde o seu nascimento.

Não pode deixar de ser citado o criador da antroposofia, **Rudolf Steiner** (1861-1925), cuja preocupação no olhar do desenvolvimento do ser humano pautava-se nos aspectos da alma e na sensibilidade.

Após a Segunda Guerra Mundial, nasce uma nova preocupação com a situação social da infância e a ideia da criança como portadora de direitos (Declaração Universal dos Direitos da Criança, promulgada pela ONU em 1959).

A partir da década de 1960, aparecem teorias apontando o valor da estimulação precoce no desenvolvimento das crianças já desde o nascimento, utilizando o brincar como recurso. A partir da preocupação com as crianças socialmente desfavorecidas, surge nos Estados Unidos o programa “Head Start”, uma proposta de educação compensatória para trabalhar a “privação cultural”. Outro programa que é referência até hoje é a Pedagogia da Escuta, que surgiu em Reggio Emilia, cidade localizada no norte da Itália, por iniciativa de **Lóris Malaguzzi** (1920-1994).

As grandes transformações construídas em torno da

Primeira Infância apontam hoje o reconhecimento do direito de toda criança à infância, sendo sujeito construtor do seu conhecimento, ativo na busca da fantasia e da criatividade, possuidor de grande capacidade cognitiva e de sociabilidade e capaz de escolher seus caminhos de desenvolvimento.

Pesquisas atuais nos Estados Unidos, Europa Ocidental, Japão, Coreia e Nova Zelândia, entre outros, mostram não somente a importância da frequência às instituições de educação infantil de qualidade para a ampliação do desenvolvimento cognitivo, afetivo, físico e social da criança, como também a importância da convivência em um ambiente familiar estável. Porém, há um movimento na Europa e nos Estados Unidos que defende a criação das crianças pequenas, sobretudo até os 2 anos, junto à família, pregando a importância da presença da mãe neste período. No Brasil, alguns grupos começam também a incentivar esta possibilidade.

Vale citar as preocupações dos estudiosos e pesquisadores do desenvolvimento, pois refletem muito dos avanços e necessidades na compreensão do ser humano.

David Elkind, em 2004, fala da “infância estressada”, da pressão dos pais, das escolas e dos meios de comunicação. O **Berry Brazelton**, em 2002, tem toda a sua pesquisa e atuação voltadas para conscientizar pais e profissionais das diferenças individuais, e das necessidades essenciais das crianças de 0 a 6 anos. O médico e etólogo **Boris Cyrulnik**, em 2004 introduz o conceito de “resiliência”, fenômeno de resistência do ser humano a experiências negativas, e nos leva a refletir sobre a importância do afeto no caminho da não violência.

SAIBA MAIS

Outras contribuições científicas contemporâneas sobre o desenvolvimento infantil foram o construtivismo de **Constance Kamii** (2009), a psicogênese da língua escrita de **Emília Ferreiro** (2008) e **Jerôme Bruner** (1978), que valoriza as relações interpessoais, da individualidade, do aprender a pensar e a resolver problemas com autonomia.

Como a criança era tratada no passado, em especial a criança até os 3 anos

Embora historiadores tenham se debruçado para compreender como era realmente o tratamento das crianças desde a Antiguidade, há grande carência de documentos. Porém, além dos psicanalistas, e especificamente desde as proposições de **Sigmund Freud**, muitos estudiosos pesquisaram biografias, como fontes reveladoras da real situação das crianças nas mais diversas épocas.

A obra de **Ariès** (1970) sustenta que a criança era feliz, que podia misturar-se com pessoas de diversas classes e idades e que foi somente no início da época moderna que o conceito de um estado especial chamado infância foi “inventado”. Ariès culpabiliza a família por ter destruído a socialização das crianças, privando-as de liberdade.

O pensador social **Lloyd de Mause** (1974) fez um importante estudo da realidade do tratamento das crianças através da história. Seguem aqui alguns desses dados:

- O infanticídio - que durou desde a Antiguidade até o século IV -, de filhos legítimos ou ilegítimos, era praticado normalmente na Antiguidade, e filhos continuaram a ser mortos até o início do século XIX, sendo aceito e considerado um ato cotidiano. Se a criança não fosse perfeita, se chorasse demais ou pouco, se fosse diferente dos “modelos” disseminados em obras médicas, a prática do infanticídio era considerada perfeitamente normal. O primogênito ficava vivo, sobretudo os meninos, já que as meninas eram pouco valorizadas - até o início da Idade Média, em que provavelmente o infanticídio de filhos legítimos foi reduzido. Até o século IV, nem a lei, nem a opinião pública, nem os filósofos viam nada de errado no infanticídio na Grécia ou em Roma.
- Em muitas sociedades, as crianças eram sacrificadas aos deuses: celtas da Irlanda, galeses, escandinavos, egípcios, fenícios e até israelitas. Matar crianças só começou a ser considerado crime a partir das leis no ano 374, quando crianças abandonadas passaram a ser objeto de denúncias nas igrejas, e em 787, quando funda-se em Milão o primeiro orfanato para acolher crianças.
- Os recém-nascidos dormiam enfaixados em berços de madeira, envoltos dos pés à cabeça em tendas escuras e sem ventilação. Às vezes estas crianças eram jogadas em valas, rios etc.

- Era comum, até por volta do século XVIII, que crianças de famílias bem abastadas passassem seus primeiros anos de vida na casa das amas de leite, depois voltavam aos seus lares para ficar sob os cuidados de outros empregados, saindo por volta dos 7 anos para servir, aprender um ofício ou ir à escola. Mas a forma de abandono mais radical e mais antiga é a venda direta de crianças que, na época babilônica, era legal.
- Uma prática comum na Inglaterra no século XII era os ingleses venderem seus filhos de 7 anos, como escravos aos irlandeses. Esta prática continuou até a época moderna, sendo proibida, por exemplo, na Rússia, somente no século XIX. Outra forma de abandono era utilizar as crianças como reféns políticos ou como pagamento de dívidas.
- O costume de não amamentar os próprios filhos se estendeu até por volta do século XV na Europa, pois as amas é que desempenhavam esse papel. As crianças ficavam na casa das amas de leite entre 2 e 5 anos. As crianças, tanto pobres quanto ricas, e principalmente as meninas, não eram bem alimentadas e, às vezes, eram colocadas em jejum. Os bebês eram alimentados somente três vezes ao dia. A privação de alimentos era usada como uma forma de castigo. Ainda hoje isso acontece crianças em algumas sociedades.
- As crianças eram também enfaixadas e amarradas a diversos tipos de objetos ou móveis durante muitas horas, pendurados em ganchos nas paredes ou deixadas como pacotes em algum canto onde não atrapalhassem. Isso acontecia em quase todas as populações.

SAIBA MAIS

A expressão **infanticídio** vem do latim *infanticidium*, e sempre teve no decorrer da história o significado de morte de criança, especialmente do recém-nascido. Antigamente, referia-se à matança indiscriminada de crianças nos primeiros anos de vida.

SAIBA MAIS

Enema, enteroclistma, chuca ou **clister** são nomenclaturas que designam a introdução de líquido no ânus para lavagem, purgação ou administração de medicamentos. Enemas geralmente são realizados por razões médicas, para tratar a constipação, ou como parte de terapias alternativas.

- Até o século XVIII, não há dados sobre o controle da evacuação nos primeiros meses de vida das crianças. Até essa época usavam-se enemas ou laxantes em vez de penicos.

Antes do século XVIII, era comum aplicar castigos corporais nas crianças e nos bebês com chicotes, bengalas, varas de ferro e madeira, hastes etc. Esses castigos, embora provocassem feridas, eram considerados “normais” na vida das crianças. Por sua vez, quando essas crianças cresciam, também batiam nos seus filhos, criando assim uma prática que se repetia. Outro castigo comum era trancar crianças em espaços escuros como pequenos quartos, despensas, porões etc., e acredita-se que essa prática e a falta de cuidados seja uma das razões de muitas crianças, naquele tempo, sofrerem de atrasos físicos.

É no século XVIII que os pais se aproximaram dos seus filhos, tentando controlá-los em seus acessos de raiva e em suas necessidades. A criança passou a ser amamentada pela mãe, não era mais enfaixada, nem eram colocados enemas, mas não se brincava com ela e ainda era comum o espancamento. Porém, já se admitia criar uma empatia com a criança. Foi nessa época que nasceu a pediatria, que, junto com o cuidado dos pais, a descoberta da penicilina e o saneamento infantil, contribuíram para reduzir a mortalidade infantil.

No século XIX, começa uma fase ambivalente em que os pais tentam modelar seus filhos a partir do aparecimento de manuais de instrução infantil. Foi nesse século e em meados do século XX que criar um filho passou a representar formá-lo, guiá-lo por um bom caminho e socializá-lo. Do método da socialização surgiram todos os modelos psicológicos do século XX, desde **Sigmund Freud**

até **Burrhus Frederic Skinner**. É no século XIX que o pai começa a interessar-se pela criança, pela sua educação, ajudando muitas vezes a mãe no cuidado com os filhos.

Em meados do século XX, tanto a mãe como o pai participam do desenvolvimento da vida delas, tentando criar uma relação com elas e satisfazer suas necessidades. A criança passa a ser menos castigada e reprimida, embora este hábito continue até os dias de hoje em muitas sociedades. Essas mudanças exigem muito tempo de dedicação e diálogo por parte dos pais, sobretudo nos seis primeiros anos de vida. Para dar boas condições para que a criança consiga alcançar seus objetivos, no seu dia a dia os pais passam a brincar mais com ela, ficam mais à disposição, tentam interpretar seus conflitos emocionais e proporcionar objetos adequados aos seus interesses. Porém esse comportamento e essa dedicação nem sempre são viáveis para a maior parte dos pais.

Como as crianças são vistas hoje, em especial a criança de 0 a 3 anos

Desde o final do século XIX, várias disciplinas do conhecimento como História, Cultura, Psicologia, Educação, Medicina e outras afins das ciências humanas estudaram a infância. Mas é no início do século XXI que novas disciplinas, como as Ciências Sociais, as Neurociências e a Economia, assumem um papel fundamental ao colocar as crianças como prioritárias nas políticas e nos investimentos em equipamentos educacionais, creches, programas formais e não formais, e na formação de educadores que atuam junto às crianças entre 0 e 6 anos.

SAIBA MAIS

No Brasil, **Mary del Priore** traz na sua obra *História das crianças no Brasil* (1999) dados sobre a sociedade escravagista na qual as crianças brancas possuíam escravos. No início do século XIX, muitas crianças trabalhavam a partir dos 4 anos; e apenas um terço sobrevivia até os 10 anos de idade. Mesmo após a abolição da escravidão, crianças moradoras das antigas senzalas continuavam a trabalhar nas fazendas de cana em Pernambuco. No século XIX, crianças de famílias pobres não iam para a escola, apesar do ensino público no Brasil ter começado na segunda metade do século XVIII. Criança pobre era mão de obra nas lavouras, complementando o salário das famílias, fato que até hoje ainda acontece em muitas regiões, em detrimento da educação formal.

É considerado como Primeira Infância o período de vida entre o nascimento e os 6 anos de idade. É fundamental que os conhecimentos sobre esta área multidisciplinar e multissetorial sejam bem divulgados com o objetivo de chamar atenção sobre a importância deste período da vida na constituição dos seres humanos. Compreender a relevância de ações adequadas, por parte dos adultos, para garantir que as crianças possam ter uma vida significativa no que diz respeito às suas necessidades, seus interesses, direitos e potenciais constitui, sem dúvida, prioridade para o desenvolvimento saudável das futuras gerações.

Uma das importantes contribuições da Antropologia, no âmbito da infância, foi chamar a atenção para as diferenças entre os grupos infantis e entre as infâncias. Do ponto de vista global, todas as crianças estão hoje expostas à mídia, ao mercado e às redes sociais, desde poucos meses de idade. Elas têm vivido um bombardeio de informações e de pressões que não obedecem aos ritmos naturais do seu desenvolvimento. E inúmeros excessos estão ocorrendo: de estímulos antes do tempo, de brinquedos e de incentivo ao consumo, de atividades, de cuidados, de alimentos etc. Os pais, geralmente, não conseguem estar presentes no cotidiano das crianças, e muitos programas educacionais não têm olhado para necessidades, interesses e potenciais dos diversos grupos e culturas infantis, nem das suas individualidades.

Muitas crianças pequenas estão, ao mesmo tempo, muito expostas e muito solitárias, espelham seus sofrimentos através da hiperatividade, depressão, obesidade, apatia, problemas de sono, insatisfação, extrema dependência dos adultos, e até doenças mais graves como alergias, problemas digestivos e respiratórios, obesidade, câncer etc. Estas manifestações, além de consequências do ambiente a que as crianças estão expostas, têm a ver com um descompasso entre ritmos, necessidades internas e estímulos externos. Muitas crianças, desde o seu nascimento, são hiperestimuladas ou negligenciadas.

As crianças, de forma geral, não vivem nos seus tempos internos: a pressão que os adultos fazem sobre elas com relação às obrigações *versus* o tempo livre - o tempo de SER CRIANÇA - tem tirado oportunidades de elas viverem infâncias mais saudáveis na maior parte das metrópoles.

O mundo tecnológico e midiático, a ansiedade da sociedade pelo sucesso, pelos

bens de consumo e pela superestimulação, está trazendo efeitos muito preocupantes no processo de desenvolvimento das crianças: na escola e no cotidiano das famílias ou das comunidades pulam-se etapas essenciais para o desenvolvimento físico e psíquico saudável das crianças, independentemente da cultura ou do contexto.

Crianças das grandes cidades têm tido, na sua maioria, pouco tempo para brincar. Apesar de terem muitos brinquedos, estes são rapidamente “descartados”, elas têm agendas superlotadas e pouco tempo livre. A TV e os *videogames* vêm dominando a atual geração de tal forma que elas acabam ficando menos autônomas ou interessadas em interagir com brinquedos ou com outras crianças. Elas têm pouco contato com o meio ambiente natural, o que acaba restringido os seus movimentos. As atividades são geralmente direcionadas e faltam espaços para a criatividade, a imaginação ou a fantasia.

Crianças das periferias, muitas vezes, ficam horas sozinhas ou aos cuidados de irmãos mais velhos ou cuidadores. Passam longos períodos na frente da TV e muito tempo dentro de casa. O espaço público tornou-se inseguro e violento. Algumas crianças têm a oportunidade de participar de programas locais que incentivam o brincar, o lazer junto com a família, contato com música e artes. Essas são exceções, mas servem como modelos inspiradores no nosso país.

Crianças de comunidades rurais têm muito contato com a natureza, mas ainda são, muitas vezes, privadas do seu tempo de ser criança, constituindo, desde pequeninas, mão de obra dentro ou fora de casa. Em sua maior parte, almejam o que recebem através da mídia: brinquedos, a vida da cidade grande etc.

Crianças de comunidades ribeirinhas, quilombolas ou indígenas têm repertórios lúdicos que vêm sendo (re)conhecidos por alguns pesquisadores e que marcam singularidades de brinquedos e brincadeiras que falam dos rituais, dos costumes e da cultura local. Para compreender o cotidiano destas crianças, é importante conhecer seus rituais. Nesses contextos, ainda há muita falta de informação a respeito da alimentação saudável, vacinas e prevenção de doenças. Embora os avanços da ciência possam levar grandes contribuições para estas populações infantis e suas famílias, é necessário criar pontes de diálogo entre suas culturas particulares e os avanços e conhecimentos a respeito da infância no século atual.

No Brasil, há também uma mistura de influência de características de outros países que podem ser observadas de Norte a Sul. Por exemplo, se compararmos o cotidiano de crianças das cidades brasileiras com a vida de crianças dos Estados Unidos, nota-se como o mercado e sistemas educacionais têm influenciado algumas camadas socioeconômicas.

Crianças que vivem em contato com suas raízes, sobretudo em comunidades isoladas e que preservam valores, rituais, costumes e até dialetos locais – sobretudo nas regiões Norte, Nordeste ou no interior de vários estados –, assemelham-se na sua cultura à das crianças de regiões como a África e alguns países latinos e centro-americanos. Em muitas comunidades do Sul do Brasil, a influência de países europeus continua a ser um traço marcante através das línguas e dos valores que permeiam os cotidianos das crianças.

Outras características preocupantes que podemos identificar nas crianças do século XXI:

- crianças agressivas que expressam sua raiva através de brincadeiras e de atitudes violentas;
- crianças com grandes carências afetivas ou com excesso de permissividade;
- crianças superestimuladas, com agendas lotadas;
- pressão escolar precoce;
- falta de interesse e concentração por parte das crianças, grande parte das quais é encaminhada para acompanhamento psicopedagógico e/ou psicoterapêutico;
- abuso sexual dentro de casa;
- crianças convivendo em espaços fora dos seus ritmos naturais:
- em ambientes artificiais;
- em espaços “seguros e ascéticos”;

- com pouco contato com a natureza;
- desvinculadas de ritmos, toques, contatos, olhares, oportunidades de trocas;
- crianças deixadas tão sem limites nem regras que se tornam pequenos tiranos;
- crianças exigidas pelo seu entorno a estarem preparadas para o futuro, pulando fases e experiências essenciais no seu processo de desenvolvimento;
- crianças expostas ao mercado do consumo, sendo educadas para o “ter” mais do que para o “ser”.

Observam-se, por outro lado:

- crianças “privilegiadas” por terem a presença e a participação consciente dos pais nos seus processos de desenvolvimento;
- crianças muito inteligentes que participam diretamente das dificuldades do cotidiano dos pais e estão em contato direto com a mídia, *videogames* e computadores, geralmente bem antes do momento adequado;
- crianças extremamente frágeis precisando de cuidado e proteção desde a mais tenra infância: elas são tremendamente sensíveis, sendo o corpo o primeiro veículo a sentir diretamente qualquer estímulo ou invasão vindos de fora. Mas, à medida que as crianças crescem, elas vão criando, de forma inconsciente, defesas, camadas de proteção que, se por um lado as resguardam, por outro vão encobrendo suas verdadeiras emoções e sentimentos, que vão sendo “abafados”, reprimidos;
- crianças com uma percepção muito aguçada, que captam tudo ao seu redor;
- crianças muito “espertas” e “sábias” que são ouvidas.

Considerando a situação da Primeira Infância no Brasil hoje, os novos paradigmas educacionais e a urgência por mudanças, percebe-se que é necessária uma profunda reflexão e também ações para avançar nas práticas cotidianas.

Conceito de criança - conceito de infância

Infância

É na infância do ser humano onde tudo começa, tanto o que é da natureza genética quanto também o que decorre das relações e dos vínculos que cada pessoa estabelece com seu entorno: os espaços de convivência, os atores com quem interage, cada olhar, cada gesto, cada atitude de empatia, antipatia ou indiferença, cada estímulo, excessos ou faltas; aconchego, frieza, rejeição, afetos ou violências, objetos, mobiliário, climas, ritmos ou a falta deles; alimentação, cuidados com a higiene; as culturas, as músicas, os costumes, vestimentas, rituais, brincadeiras e valores.

Esses e outros fatores interferem significativamente nos primeiros anos de vida de forma dinâmica, na formação de cada indivíduo, fase em que as crianças mostram e expressam da forma mais pura, menos contaminada e mais transparente, seus potenciais, suas emoções, suas dificuldades, seus medos e suas tendências.

As faixas de idade constituindo a infância propriamente dita variam demograficamente, sendo sucedidas pela adolescência, idade adulta, terceira idade etc.

Criança

A conotação desse campo é de ordem psicológica. Com efeito, nas disciplinas originadas da psicologia comportamental, o discurso que trata das “fases de desenvolvimento” da criança, adquiriu uma forte legitimidade. Nesta linha, há um “ideal” de criança, e as teorias de desenvolvimento foram fundamentais, já desde o início do século XX, para o estabelecimento de parâmetros de “normalidade” que pautaram e orientaram pais e educadores, a partir dos anos 1940, até os dias atuais.

Crianças

Trata-se aqui de um terceiro campo, este, antropológico. Os indivíduos reagrupados sob esse nome constituem “territórios”, no sentido literal, com características específicas conforme tempos e espaços, com suas estruturas e seus modelos de comportamento particulares, seus gêneros de vida, seus sistemas de ação cons-

truídos pelos próprios atores. Segundo esse paradigma, as crianças devem ser consideradas uma população ou um conjunto de populações com pleno direito, com seus traços culturais, seus ritos, suas linguagens, suas “imagens-ações” etc.

Principais aspectos que levaram a uma mudança na visão de criança e estruturação do conceito de infância

Do ponto de vista das teorias e dos pensadores, a visão da criança passa da unilateralidade das disciplinas para novas áreas de conhecimento e caminha para uma visão multidisciplinar.

O historiador **Phillipe Ariès** (1970), nos seus estudos sobre a infância, mostrou que a infância é uma construção histórica que emerge em um dado momento e em um dado grupo social.

Ariès, De Mause (1974) e outros historiadores mostraram que o conceito de infância eclode na modernidade europeia, com as ideias de **Rousseau**. A tese de Ariès é polêmica, mas importante para avançar na reflexão da existência de várias infâncias em oposição à ideia de uma infância única para todos os povos e todas as épocas.

Além dos educadores, psicólogos e médicos, surgem três novas ciências que irão fazer com que os olhares se voltem para a importância e a prioridade da Primeira Infância, sobretudo dos três primeiros anos de vida: as Ciências Sociais, especialmente a Antropologia, as Neurociências e a Economia.

As Ciências Sociais

Embora pouco citado nesta área, o sociólogo **Florestan Fernandes** (1947), no seu estudo “As trocinhas do Bom Retiro”, pesquisa realizada por ele nos **anos 1940** em que fez um levantamento das brincadeiras de rua das crianças do bairro de São Paulo, foi um dos pioneiros em apontar a importância das crianças como um grupo que cria cultura.

E será somente nos **anos 1980**, com a abordagem socioantropológica - hoje representada por pensadores como **William Corsaro, Manuel Jacinto Sarmiento,**

Régine Sirota, Jens Qvortrup, Clarice Cohn e Ângela Nunes, entre outros -, que voltarão à tona as significações que as crianças atribuem aos diversos componentes dos estilos de vida que levam, considerando-se a diversidade de comportamentos, representações e contextos de naturezas múltiplas. As Ciências Sociais começam a formular pensamentos sobre os grupos infantis, considerando as crianças como atores sociais que têm voz, linguagens, são criadoras de culturas, têm direitos e precisam ser ouvidas e (re)conhecidas.

As ideias de pensadores pós-modernos como **Edgar Morin** (2001) quanto à complexidade dos seres humanos, e as do sociólogo polonês **Zigmunt Bauman** (2006) sobre a “vida líquida”, têm tido grande influência na forma como vemos hoje as crianças, na sua complexidade e na realidade de que muitos episódios, objetos, eventos e, inclusive, relações, de tão dinâmicas, tornam-se “descartáveis”.

Está havendo uma mudança de atitude ética e metodológica em curso: partir das crianças para o estudo das realidades da infância.

As neurociências

Esta ciência, que revolucionou a compreensão a respeito do desenvolvimento do cérebro, veio confirmar o que a psicologia do desenvolvimento e a área de educação já afirmavam na primeira década do século XX. Autores como o canadense **Fraser Mustard** (2007), que desenvolveu estudos sobre a importância de investimento em creches, e **Jack Shonkoff** (norte-americano, de Harvard - Center on the Developing Child), têm contribuído com as ideias de que, desde o nascimento até os 6 anos, o cérebro possui grande plasticidade, ou seja, facilidade maior de estabelecer conexões entre as células nervosas em comparação com a idade adulta. Várias atividades da vida cotidiana, como brincar, ouvir música, poesias, histórias, praticar atividades criativas têm um profundo sentido educativo. Levam ao desenvolvimento de “redes neuronais” de grande resiliência, que poderão ser acionadas em aprendizagens posteriores.

A economia

James Heckmann deu visibilidade à Primeira Infância quando recebeu o Prêmio

Nobel em 2000 por ter criado métodos para avaliar o sucesso de programas sociais e de educação, mostrando a diferença que faz cada dólar investido na Primeira Infância e que, “quanto antes os estímulos vierem, mais chances a criança terá de se tornar um adulto bem-sucedido”. Na visão dele, é mais lento aprender toda uma gama de aquisições depois da Primeira Infância. A ausência dos incentivos e pré-requisitos corretos nessa fase da vida está associada a diversos indicadores ruins, como, evasão escolar, gravidez na adolescência, criminalidade e até os índices de tabagismo, sempre mais altos em sociedades incapazes de fornecer às suas crianças uma educação apropriada nos primeiros anos de vida.

As ideias de Heckmann tiveram grande influência no Brasil, voltando os olhares dos economistas e governos para investimentos no atendimento à Primeira Infância, já desde a gravidez, parto e primeiros anos de vida. Nesse sentido, as áreas de saúde, educação e assistência social dialogam atualmente com os orçamentos nesta área.

Do ponto de vista das práticas, passou-se da falta de atenção, de consideração, privação e violência da criança para a incorporação das orientações de médicos e educadores, que transformaram as relações tanto dentro da família quanto nas instituições que cuidam de crianças. A partir da constatação das inúmeras violações de direitos, as crianças passaram a ser amparadas por diversos instrumentos da legislação. Tornaram-se sujeitos de direitos, passaram a ser olhadas e tratadas a partir das suas necessidades, e as propostas e programas formais e não formais foram caminhando para desenhos mais adequados e saudáveis para os pequenos. Porém, a sociedade como um todo tem ainda muitos desafios pela frente para, efetivamente, tornar as orientações e os conhecimentos teóricos em práticas concretas. Atualmente, começa a ser disseminada mais amplamente a ideia de que a responsabilidade pela educação das crianças pequenas não cabe unicamente à família ou à creche, mas passa também a ser responsabilidade dos órgãos de saúde, assistência social e dever do Estado.

Sobre estas novas ideias, é importante que se avance para ações e pensamentos “sem fronteiras”, no sentido de criar “diálogos interdisciplinares” “intersectoriais”, a caminho de uma interlocução entre as diversas áreas de conhecimento e, sobretudo, a partir da diversidade de realidades e culturas infantis.

Referenciais legais

A 1ª Declaração dos Direitos da Criança - “Declaração de Genebra” (1923), serviu como base, no Brasil, para a criação da **“Convenção dos Direitos da Criança”** (1989), composta de 54 artigos que incorporam desde direitos civis, econômicos, sociais e culturais, incluindo o direito à vida, à saúde, à alimentação, a educação, ao lazer, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade, à convivência familiar e comunitária, bem como estar a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

Nesse contexto, a **Constituição da República Federativa do Brasil** (1988) constitui o marco legal da tutela às crianças e aos adolescentes do País. Dispõe o art. 227:

Art. 227. É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. (Redação dada Pela Emenda Constitucional nº 65, de 2010)

A Constituição Federal de 1988 congrega as lutas e demandas das áreas de: *educação* - que integram creches e pré-escolas no sistema educacional; *do movimento das mulheres* - educação e ampliação do direito à creche no local de trabalho também para os filhos dos trabalhadores homens e para toda faixa etária de 0 a 6 anos; e as do *movimento dos direitos humanos*.

No que tange especificamente à educação infantil, a Constituição garante que:

- é um direito da criança do nascimento até 5 anos de idade;
- é dever do Estado a garantia da oferta de educação infantil a todas as crianças nas esferas, federal, estadual e municipal;
- os municípios devem contar com a assistência técnica e financeira da União e do Estado;
- a creche - ou o atendimento na faixa de 0 a 3 anos - é de competência da área da educação, e não da assistência social;

- a frequência à pré-escola, na idade de 4 e 5 anos, é obrigatória para todas as crianças, devendo ser universalizada até 2016.

O Congresso Nacional:

a) aprovou o **Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA** (1990), que veio promover um importante conjunto de avanços dentre eles, o **direito das crianças à educação infantil**;

b) ratificou a **Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança** (1990);

c) elaborou leis específicas para as áreas de:

- *saúde* (1990) o **Sistema Único de Saúde - SUS**, que estabelece os princípios e diretrizes da universalidade, integralidade, equidade e resolutividade nos serviços;
- *assistência social* (1993) - a **Lei Orgânica de Assistência Social - Loas**, que estabelece como dever do Estado a proteção à família, à maternidade, à infância, à adolescência e à velhice e a prioridade do amparo às crianças e aos adolescentes em situação de risco pessoal e/ou social;
- *educação*: (1996) - as **Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, estabelecendo a educação infantil, de 0 a 5 anos, como primeira etapa da educação básica, devendo ser assegurada a todas as crianças que a solicitarem;

d) promulgou a **Emenda Constitucional** (2009) que tornou obrigatória, para as crianças de 4 e 5 anos de idade, a frequência à pré-escola.

A nova LDB (1996) explicita que a educação escolar compõe-se de:

I - educação básica, formada pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio. Especifica-se que a educação infantil tem por base o desenvolvimento integral da criança até 6 anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. **A educação infantil deve ser oferecida em: creches, ou entidades equivalentes, para crianças até 3 anos de idade; e pré-escolas, para crianças de 4 a 6.**

II - educação superior.

O **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil** (1999) adota a divisão por faixas etárias e afirma que o desenvolvimento integral destas depende dos aspectos afetivos, dos cuidados com o corpo, com a qualidade da alimentação e a saúde e com as oportunidades de acesso à diversidade de conhecimentos.

Alguns dos princípios citados:

1. igualdade de condições para acesso e permanência na escola: liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber; pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas; respeito à liberdade e apreço à tolerância; coexistência de instituições públicas e privadas de ensino; gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais; valorização do profissional de educação escolar; gestão democrática de ensino público, na forma da lei e da legislação dos sistemas de ensino; garantia de padrão de qualidade; valorização da experiência extraescolar; vinculação entre educação escolar e as práticas sociais;
2. as instituições de educação infantil integram o Sistema Municipal de Ensino;
3. os sistemas de ensino definirão normas de gestão democrática dos estabelecimentos públicos de educação infantil, atendendo aos princípios de participação dos profissionais da educação, da família e da comunidade, na elaboração e execução do projeto pedagógico da instituição e da participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes;
4. as crianças com necessidades especiais, sempre que possível, em função de suas condições específicas, devem ser atendidas na rede regular de creches e pré-escolas, respeitando o direito a atendimento especializado, inclusive por órgão próprio do sistema, quando for o caso;
5. os docentes da educação infantil devem ser formados em cursos de nível superior (em licenciatura, de graduação plena), como formação mínima a oferecida em nível médio (modalidade normal), que contemplem conteúdos específicos relativos a essa etapa da educação;
6. a formação de profissionais de educação para administração, planejamento,

inspeção, supervisão e orientação educacional para a educação infantil será feita em cursos de graduação em pedagogia ou em nível de pós-graduação;

7. os sistemas de ensino promoverão a valorização dos profissionais que atuam em creches e pré-escolas, no que diz respeito à formação profissional, condições de trabalho, plano de carreira e remuneração condigna.

O Plano Nacional pela Primeira Infância, publicado em 2010 e elaborado em um processo de ampla participação social e política das instituições que compõem a Rede Nacional Primeira Infância, foi aprovado pelo Conanda (Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente). Propõe ações amplas e articuladas de promoção e realização dos direitos das crianças de 0 a 6 anos de idade até 2022.

O documento aponta alguns avanços recentes, tais como:

- Sistema de Garantia dos Direitos da Criança e do Adolescente;
- Política de Atendimento da Criança e do Adolescente;
- políticas, planos e programas setoriais específicos para a Primeira Infância ou que a incluem em seu escopo;
- investimento crescente de recursos financeiros na infância e na adolescência; os fundos da criança e do adolescente;
- Rede de Monitoramento Amiga da Criança;
- Observatório Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente;
- Pacto Nacional “Um mundo para a criança e o adolescente do Semiárido”.

As principais ações finalísticas do plano:

- a saúde das crianças;
- a educação infantil;
- a família e a comunidade da criança;
- a assistência social às crianças e suas famílias;

- a atenção à criança em situação de vulnerabilidade;
- o acolhimento institucional;
- a família acolhedora, adoção;
- direito de brincar e o brincar de todas as crianças;
- a criança e o espaço - a cidade e o meio ambiente;
- a questão da diversidade (crianças negras, quilombolas e indígenas);
- o enfrentamento das violências contra as crianças;
- o documento de cidadania a todas as crianças;
- a proteção das crianças contra a pressão consumista;
- o controle da exposição precoce das crianças aos meios de comunicação;
- a prevenção de acidentes na Primeira Infância.

Os direitos das crianças, reconhecidos no “papel”, garantem um avanço jurídico, no entanto os resultados desse avanço necessitam ser traduzidos em ações concretas no campo das políticas sociais para a infância brasileira.

A pluralidade de infâncias do Brasil (ganhos e desafios)

Uma das importantes contribuições das Ciências Sociais é o conceito de multiculturalidade: cada ser humano é constituído por uma multiculturalidade que provém das memórias orgânicas, das culturas universais, da cultura de origem da mãe, da do pai, a das raízes familiares, comunitárias e a da cultura pós-moderna que chega através da tecnologia e dos meios de comunicação. Esta multiculturalidade influencia e transforma as imagens que percebemos e recebemos ao olharmos para cada criança na sua complexidade única.

Pouco conhecemos as crianças reais, suas singularidades nos seus diversos contextos, pois estamos sempre comparando-as com um ideal de criança pautado pela sociedade, pelas teorias ou pela cultura.

As crianças estão permanentemente falando, dizendo e se expressando por inúmeros meios, seus sentimentos, percepções, emoções, momentos, pensamentos, mesmo sem consciência de fazê-lo. Há necessidade de olhar e ouvir as crianças e compreender suas mensagens. Cada ser humano tem uma essência particular, um dom, uma tendência: algumas crianças têm mais propensão a se expressarem pelo corpo, o gesto, o movimento; outras têm mais facilidade com os sons, a palavra; outras com expressões artísticas e criativas; e assim por diante. Há crianças mais introvertidas, crianças mais sensíveis, crianças mais reflexivas, crianças mais intuitivas. A partir da identificação dos interesses, necessidades, temperamentos e potenciais de cada uma, os pais, educadores ou cuidadores têm a possibilidade de oferecer a cada criança, não somente um estímulo para o desenvolvimento dos seus potenciais individuais, como também desafios e ampliação de repertórios para elas experimentarem outras formas, outras áreas, outras possibilidades de ser, conhecer e conviver.

É imprescindível identificar estas tendências individuais, sobretudo nos primeiros três anos de vida, para cuidar de respeitar as singularidades de cada criança e, no decorrer do seu desenvolvimento, do seu crescimento e da sua vida escolar, não “matar” ou “violentar” estas características que irão traçar o futuro de cada uma.

Estar consciente do quão importante é dar voz às crianças, escutar e compreender suas expressões através do brincar, do gesto, do movimento, da palavra, das doenças, das suas atitudes, reações etc. é fundamental para poder readequar propostas, atividades e espaços, tanto dentro da família quanto na escola ou na comunidade. Educadores, tomadores de decisão, formadores de opinião, cuidadores e pais precisam processar uma mudança de postura frente à realidade e aos conhecimentos multidisciplinares disponíveis e as experiências multissetoriais em curso, com o objetivo de tornar o processo de desenvolvimento e crescimento das crianças adequado e significativo.

Para começar, precisamos aprender a “ouvir” o que as crianças estão nos dizendo de diversas formas.

As gerações anteriores receberam uma educação pautada pela informação, valores e normas sociais bem claros: SER era mais importante do que TER, e as crianças tinham pouco ou nenhum espaço de opinião ou expressão.

Hoje, a informação está acessível e ao alcance de qualquer um fora da escola; vive-se uma profunda crise de valores, a febre do consumo atropelou nossas vidas e as crianças começam a se manifestar de variadas formas, mesmo que não possamos ou queiramos “ouvi-las”.

O grande desafio é, pois, conhecê-las, escutá-las, observá-las, interpretar seus desenhos, brincadeiras, gestos, dores, agressividades, doenças: pistas para oferecer atividades, desafios e ambientes adequados, conforme o momento, temperamento, reações e potenciais individuais.

Algumas perguntas precisam ser colocadas: o que queremos para as nossas crianças? Prepará-las para a vida ou para o sucesso? Que se tornem seres humanos no pleno desenvolvimento dos seus potenciais ou pessoas preparadas para o mercado? Que se tornem seres humanos conectados com sua verdadeira natureza de ser e com suas culturas ou seres “globalizados”, sem respeito pelas suas singularidades? Queremos incluir as diferenças ou oferecer uma educação uniforme e globalizada? Queremos respeitar e valorizar os contextos socioculturais nos quais estas crianças crescem ou impor uma cultura global?

Nesse sentido, alguns dos desafios que precisam ser confrontados:

- conhecer a complexidade das crianças, suas individualidades, ouvindo-as e observando-as de forma permanente;
- ter flexibilidade para atuar entre o individual e o coletivo: como ouvir e respeitar a individualidade em grupos de 20, 30 ou mais crianças;
- ter jogo de cintura entre oferecer tempo livre - atividades autônomas, de livre escolha das crianças - e transmissão de conhecimentos com atividades direcionadas;
- não engessar propostas;
- não se antecipar aos processos e necessidades individuais das crianças;
- evitar pressionar as crianças: respeitar os ritmos individuais de desenvolvimento;
- não rotular, comparar, nem realizar avaliações que comparem crianças entre si;
- não expor crianças a situações, conteúdos ou atividades inadequadas;

- pais e educadores ficarem conectados com as mensagens que se escondem por trás da agressividade, das doenças, da introversão, da indiferença, do choro, do medo, das temáticas que aparecem nas brincadeiras, nos desenhos etc.;
- valorizar e acolher o diferente, o singular, para incluir e dar espaço a todos e cada um dentro dos grupos;
- abrir-se para aprender com as crianças que sabem muito e que nós adultos não sabemos;
- ter clareza dos valores: as crianças, em contato com tantas informações, confundem-se ou incorporam alguns desvios que, por não serem conversados, trabalhados, acabam sendo introjetados. A crise de valores não é somente das crianças, mas também dos pais que precisam de muita orientação e informação;
- escola e família devem unir-se na tarefa educacional, em diálogo permanente;
- educadores e pais poderem intermediar de forma equilibrada as atividades das crianças - entre o mundo virtual, informações a que têm acesso, obrigações dentro de casa e na escola, atividades físicas, atividades de lazer, desejos, limites e possibilidades;
- estimular diálogos intersetoriais para a promoção do desenvolvimento infantil;
- investir, de forma permanente, na formação e no autodesenvolvimento dos educadores e cuidadores;
- orientar pais e cuidadores sobre desenvolvimento infantil, valores, direitos, estimulando suas origens culturais.

Consequências desta nova visão no cuidado e no afeto oferecido às crianças pequenas

De forma geral, as famílias, em todos os contextos, têm vivido cotidianos bastante estressantes com a mudança dos papéis dentro da família. As mulheres hoje, em sua grande maioria, trabalham fora, muitas vezes criam os filhos sem uma figura masculina e em muitos casos estas mães são adolescentes. Em um grande número de famílias são os irmãos mais velhos, avós, vizinhos ou babás que tomam conta das crianças.

Toda esta situação interfere profundamente no desenvolvimento das crianças pequenas. Os bebês que dependem do peito materno sofrem muitas vezes o estresse que suas mães vivem, geralmente fazendo grandes esforços para se deslocarem do trabalho para a casa ou para a creche para poderem amamentar seus filhos.

Nos casos em que as crianças permanecem no ambiente do lar com um cuidador responsável, estes ritmos cotidianos, como dormir, acordar, alimentar-se, receber cuidados com higiene, brincar, experimentar, conhecer diferentes ambientes e receber estímulos adequados, são essenciais para o desenvolvimento saudável das crianças nos primeiros anos e precisam ser bem compreendidos pelos responsáveis. Daí, orientações de pediatras, agentes de saúde, visitadoras e educadores são sempre desejáveis.

Crianças que frequentam creches, muitas permanecendo em período integral, precisam também ter seus ritmos respeitados, ter uma ou duas figuras adultas fixas de referência, e muito tempo livre, para poderem explorar os espaços, os materiais, as pessoas com quem interagem, poderem ter tempo para se descobrirem a si mesmas, respondendo aos desafios, possibilidades apresentadas e adquirirem autonomia. A partir da criação de ambientes acolhedores, adequados, seguros e estimulantes, os cuidadores têm a possibilidade de acompanhar e conhecer os movimentos das crianças, suas curiosidades, seus progressos e seus potenciais.

A TV, a mídia, a tecnologia e o grande consumo de brinquedos são fato hoje na rotina das crianças. iPads, iPhones, jogos de computador, *videogames* etc. vêm ocupando o papel de distrair as crianças, não somente quando os responsáveis estão ocupados, mas também nas inúmeras situações e em espaços por elas frequentados, dentro de carros, restaurantes, *shopping centers* e até nos parques. Já vemos bebês nos seus carrinhos manuseando estes aparelhos. A tecnologia faz parte hoje do cotidiano, porém, se olharmos para o que é adequado enquanto estímulo para crianças entre 0 e 3 anos, estes equipamentos são absolutamente prescindíveis: sem consciência, oferecem-se às crianças estímulos inadequados para distraí-las, que, entre outras coisas, provocam ansiedade, dependência e falta de interação e experiências com o mundo real.

No que diz respeito ao mercado de brinquedos e à propaganda voltada para crianças, hoje todas têm acesso a estes: desde os mais sofisticados brinquedos, bone-

cas, bichinhos de pelúcia, bolas, carrinhos, blocos etc., passando por brinquedos artesanais, até brinquedos “descartáveis”; todos eles passaram a ter um papel de “protagonistas” principais na vida das famílias. Os pais compram, em geral, muito mais a partir de um desejo próprio, ou porque as crianças pedem, e eles tentam, assim, satisfazê-las imediatamente, suavizando, de alguma forma, a culpa pela falta de presença no cotidiano dos filhos. As crianças acabam tornando-se, neste âmbito, as donas da decisão na compra. Atualmente, compram-se brinquedos não somente para marcar datas como Dia da Criança, aniversários ou Natal, mas sem motivos pontuais e de forma permanente, com a facilidade de eles estarem acessíveis em bancas, padarias, supermercados, na rua etc.

Se observarmos as crianças entre 0 e 3 anos brincando com os brinquedos que ganham, podemos destacar algumas situações que chamam a atenção, como o fato de terem preferência por alguns brinquedos, especialmente bonecas, bichos de pelúcia, bolas ou carrinhos. Com panelas, colheres de pau, panos ou outros elementos encontrados no cotidiano ou na natureza, criam mundos imaginários, mergulhadas na sua fantasia e imaginação.

Muitos dos outros brinquedos que ganham, em sua grande maioria, se não prendem especialmente sua atenção, acabam rapidamente tornando-se descartáveis. Nem sempre as crianças são orientadas a cuidar ou arrumar seus próprios brinquedos. Assim, o “ter” passou a ser uma forma de inconscientemente chamar a atenção dos adultos, ou torna-se objeto de desejo por conta das propagandas ou porque o amiguinho possui esse possível novo brinquedo. A “vida líquida”, sobre a qual o sociólogo polonês **Zigmunt Bauman** tanto tem refletido, faz também parte do universo das crianças: tudo se torna rapidamente descartável e sem valor.

Este panorama acontece não somente com crianças que moram em centros urbanos, seja em apartamentos, vilas, comunidades etc., mas também com aquelas que moram em comunidades rurais, no interior ou à beira-mar. As crianças acabam perdendo oportunidades de estar em contato com a natureza ou vincular-se com outras crianças ou adultos.

No que diz respeito à pressão precoce, este fato acontece já com bebês, que com poucos meses de vida acabam sendo estimulados, em muitas situações bem an-

tes de estarem “prontos”, tanto no que se refere ao seu desenvolvimento corporal e cognitivo quanto ao afetivo. Alguns exemplos: na família, muitas crianças são estimuladas a andar com andadores, ficando eretas antes de o corpo estar preparado. Muitos pais e cuidadores têm receio de deixar a criança movimentar-se de forma autônoma para experimentar seu corpo no espaço e interagir com os objetos à sua volta. Os pais têm ficado hiperprotetores no que se refere à segurança, medrosos de quedas, perda de equilíbrio etc.

O espaço onde a criança costuma ficar precisa ser cuidado em termos de segurança. Nos espaços internos, quinas, tomadas, pisos encerados, fogões, portas, objetos pequenos ao alcance da mão, boca, nariz e ouvido, entre outros, precisam ter a supervisão de um adulto. Em espaços externos, como os gramados ou tanques de areia, estes devem ser cuidados e higienizados, deve-se fazer manutenção da segurança em equipamentos que podem enferrujar ou soltar lascas. Os pais ou cuidadores devem ficar junto das crianças, sobretudo nesta faixa etária, propiciando e estimulando sua autonomia e novos desafios, sem apressá-las, já que cada criança tem o seu próprio ritmo de desenvolvimento, que precisa ser conhecido e respeitado pelos adultos responsáveis.

Além da adequação dos espaços e brinquedos, é importante que a criança tenha uma rotina de sono, alimentação, higiene, brincadeira. Esta rotina é fundamental, dando segurança à criança, referenciais que, eventualmente, podem mudar, mas que constituem um aprendizado inestimável para sua vida como ser humano. Nos centros urbanos, muitos pais, por não terem com quem deixar seus bebês quando precisam sair de dia ou à noite, acabam não somente tirando os mesmos da sua rotina, como os expõem a lugares e situações inadequados como barulho, poluição, música, muitas horas no carro, ambientes inadequados. Essas crianças podem ter reações como angústia, agressividade, irritação, sonolência, inapetência, passividade etc.

A mesma situação acontece em culturas ou comunidades em que as crianças, desde bem pequenas, representam uma força de trabalho para o sustento familiar ou são obrigadas a trabalhar: situações absolutamente inadequadas e prejudiciais para o seu desenvolvimento físico e psíquico.

O papel dos profissionais, especialmente os da educação

Considerando a situação da infância hoje, os novos paradigmas educacionais e a urgência de mudanças, os profissionais precisam:

- passar por um processo de autoconhecimento, desenvolvimento e atualização permanentes;
- trabalhar com as crianças tanto a transmissão de saberes quanto a formação integral, estimulando potenciais e criando oportunidades;
- conhecer e propiciar a expressão das linguagens verbais e não verbais próprias e das crianças (artes, brincar, movimento, música, poesia etc.);
- transmitir nosso patrimônio cultural, acolher a diversidade cultural das crianças, incentivar a produção das culturas atuais;
- ouvir, observar, registrar, analisar e recriar, a partir das necessidades, interesses e potenciais de cada criança e de cada grupo;
- criar espaços flexíveis;
- adequar as atividades que respeitem ritmos, habilidades e necessidades de cada criança e de cada grupo;
- dialogar com os teóricos, a equipe escolar, os pais e, principalmente, com as crianças;
- estabelecer uma contínua dialética entre as imagens internas das crianças e as imagens que recebem do mundo à sua volta.

Não é possível “garantir” infâncias mais felizes para as crianças, mas, talvez sim, possibilitar infâncias vividas de forma mais significativa. Criar espaços e oportunidades para as crianças poderem brincar de forma autônoma, escolherem do que, com que e com quem querem brincar; tempos e espaços para expressar suas fantasias, imaginação e criatividade e suas diversas linguagens expressivas - arte, movimento, música etc. - propiciam pistas para os profissionais começarem a entender estes universos infantis.

Crianças têm necessidade de momentos de troca e outros momentos de solidão. Momentos de ficar mais quietas, outros de se movimentar. Momentos de falar, tocar um instrumento, modelar ou pintar. Brincar com palavras, com o corpo, com objetos ou brinquedos. Todas estas linguagens precisam ser conhecidas pelos profissionais, para que possam criar oportunidades para as crianças serem crianças nos seus tempos certos de viverem suas infâncias.

Bibliografia sugerida

ARIÈS, P. *L'enfant et la vie familiale sous l'Ancien Régime*. Paris: Plon, Point Seuil, 1960.

GREENSPAN, S. I., BRAZELTON, B. *As necessidades essenciais das crianças*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BRAZELTON, B., JOSHUA S *3 a 6 anos: momentos decisivos do desenvolvimento infantil*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

CYRULNIK, B. *O patinho feio*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

DE MAUSE, L. *The evolution of childhood*. New York: The Psychohistory Press, 1974.

DEL PRIORE, M. *História das crianças no Brasil*. São Paulo: Ed. Contexto, 1999.

ELKIND, D. *Sem tempo para ser criança: a infância estressada*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

FRIEDMANN, A. História e percurso da sociologia e da antropologia na área da infância. São Paulo, *Revista Veras* n. 2, 2010, in: <http://iseveracruz.edu.br/revistas/index.php/revistaveras/article/view/57/41>

PIAGET, J. *A formação do símbolo na criança - imitação, jogo e sonho, imagem e representação*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

<http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/celestin-freinet-307897.shtml>





○ ESTABELECIMENTO DO VÍNCULO

É nos primeiros anos de vida da criança que a formação biopsicossocial se organiza a partir dos vínculos iniciais, ou seja, das relações interpessoais precoces. Isso faz com que haja uma concentração prioritária de interesses de um conhecimento mais aprofundado e detalhado sobre essa temática. Como estas relações ocorrem principalmente no ambiente familiar, é de fundamental importância buscar e oferecer neste período as melhores condições para que possa realizar sua função de constituição de um ser humano integral e integrado.

Deste modo, é importante resgatar a família como responsável pelo desenvolvimento do indivíduo até torná-lo sujeito de si mesmo, possibilitando sua individualização e autonomia, senso de respeito ao outro e a si mesmo, com espírito de cidadania e de solidariedade ao sofrimento alheio, e o mais capacitado possível para lidar de modo responsável com a sua própria vida e com o social e cultural que o rodeia, protegendo-o deste modo da marginalidade e da violência.

O modo como estes vínculos forem se estabelecendo é que vão modelar os diversos comportamentos do indivíduo. Isso se dará pelas vivências sucessivas e consequentes aprendizados que se farão de maneira independente em ordem de complexidade crescente, dos mais simples aos mais complexos. Esta sucessão de aprendizados irá estruturando no cérebro redes de circuitos que representarão o que foi aprendido e servirão como alicerces seguros para o prosseguimento de um desenvolvimento integral do indivíduo e mais especialmente para a sua progressiva maturidade emocional.

A valorização dos vínculos afetivos familiares do início da vida expressa, em sua essência, a importância da preocupação e dos cuidados, e cada vez mais nos tem-

pos atuais, em constituir e preservar a condição de humanização do ser humano, o que aponta para a necessidade de vê-lo de maneira holística.

No momento em que a criança passa a conviver no seu dia a dia com outras pessoas fora do ambiente familiar, como, por exemplo, começa a frequentar a creche ou mesmo outras atividades de lazer como os espaços lúdicos, também serão importantes os vínculos afetivos e a preservação das condições citadas anteriormente.

Vínculo - o início

Pode-se considerar que o início do vínculo já se estabelece no começo da gestação. Saber da gravidez, observar as transformações em seu corpo, o primeiro exame de ultrassonografia mostrando um bebê se constituindo, o aparecimento dos movimentos fetais irão provocando na mãe sentimentos de ordem diversa, de prazer, de acolhimento. Mas também são naturais os sentimentos de ansiedade e insegurança sobre sua capacidade para cuidar do filho que está gerando, de como estará o relacionamento com seu companheiro neste período, e outras vivências de diferentes ordens. Esta composição emocional será parte constitutiva do contexto no qual se dará a relação que a mãe estabelecerá com o seu bebê, iniciando uma sutil e complexa interação já nos primórdios da vida.

Além disso, é necessário ter em conta que a gravidez é uma situação que envolve não somente a mulher, mas também o companheiro, o lugar e as pessoas próximas, que reagirão de diferentes maneiras à gestação.

Tornar-se mãe e pai, em certo sentido, acontece da noite para o dia, mas é uma função na qual devemos crescer por meio da experiência dos erros e acertos que praticamos. A presença do amor, portanto, é imprescindível, mas não é só isso. É importante também o aprendizado de como exercer estas funções.

Sabe-se que o bebê humano passa um longo período de dependência em relação a outro ser humano, que garanta sua vida física e psíquica.

Tudo com que o bebê conta ao nascer, além de seu desamparo e impotência, é uma quantidade de energia vital, não integrada, indiscriminada e difusa. Sua dependência de um contato com outro ser humano que exerça a função materna é

total, para que venha gradativamente a organizar toda sua energia de vida e construir suas funções adaptativas, que nos outros mamíferos já estão prontas ao nascer.

A função materna

Não existe tarefa de maior responsabilidade do que a de ser mãe, de ser responsável por uma nova vida que depende dela para seu bem-estar físico e mental.

É preciso grande esforço de imaginação e amor para vivenciar os aspectos emocionais que, desde o início, permeiam o vínculo com seu filho. Este pequeno ser requer, antes de qualquer coisa, ser compreendido e ocupar um lugar de importância fundamental na vida de uma (ou mais) pessoa(s).

É importante salientar que a função materna pode ser exercida por uma pessoa independentemente de ter dado à luz. Pode ser homem ou mulher, desde que tenha condição de maternagem. Ou seja, deve haver um afeto em relação ao bebê, um desejo de que ele sobreviva e se desenvolva, um prazer mútuo de tê-lo como filho, de cuidar dele, e uma experiência amorosa de acolhimento, que prioriza aquele pequeno ser em seu universo emocional, “inundando-o” de afeto, de bem querer. Isso significa conferir-lhe a importância de ser único, fundamental e indispensável em seu existir para aquela determinada pessoa.

Nesse vínculo, a mãe passa ao seu bebê os limites e a proteção, oferecendo-lhe o máximo de conforto possível no novo ambiente extrauterino, que, por ser desconhecido, pode ser sentido por ele como hostil ou até mesmo agressivo.

SAIBA MAIS

A maternagem é a atividade de cuidar. Esse cuidar propicia à criança atenção necessária e suporte emocional para um desenvolvimento neuropsicomotor saudável.

Em termos gerais, essa é a função humanizante do vínculo mãe/bebê. Trata-se de um conjunto de sensações, sentimentos, atitudes etc. que propiciam a formação do psiquismo da criança e que vai além dos cuidados com sua sobrevivência física: amamentação, alimentação, higiene etc. (embora seja importante que estejam presentes em todas estas atividades).

Esse conjunto de disposições é predominantemente inconsciente e depende da personalidade materna. Mas também depende de fatores da sua realidade e esforços intencionais conscientes da mãe, na busca de melhor destino para a complexa situação de vínculos na relação com seu filho.

Daí a importância de buscar estratégias e capacitar educadores e técnicas no sentido de sensibilizar as mães e os cuidadores para o valor de sua função, de lhes facilitar posicionamentos mais adequados e potencializar suas habilidades, por meio de informação e reflexão interativa.

Nesse universo de vínculos, é de fundamental importância a oscilação natural, mas balanceada, entre presença e ausência da mãe, o momento de satisfação e prazer *versus* o vazio e a frustração deixados pela sua falta.

Quando há uma ausência curta, provisória, vivenciar conforto x desconforto, prazer x desprazer, é algo importante para auxiliar o bebê a construir a sua percepção das diferenças. A diferença percebida e vivenciada afetivamente é a base para a aquisição da capacidade de discriminação do “eu e do não eu”, ou seja, do “eu e do outro, diferente de mim”, base de futuras possibilidades do bebê se identificar com modelos de pessoas que o circundam e de posterior construção da sua própria identidade.

Porém, se a ausência se prolongar demasiadamente, pode ser sentida como intolerável, gerando uma experiência emocional de inexistência e, posteriormente, se persistir, de desamparo total, causando danos psicológicos de variadas intensidades.

O sucesso desses processos depende de a mãe conseguir manter um bebê presente, em sua mente, mesmo que esteja longe, o que permite ao bebê também construir dentro de si mesmo uma representação de figura de mãe como um ser suficientemente bom, protetor e permanente.

Esse espaço de falta provocado pela ausência natural materna em muitos momentos da vida cotidiana é o que vai permitir à criança no futuro a aquisição da linguagem e da simbolização.

A interpretação correta e o acolhimento pela figura materna do que o bebê possa estar sentindo constrói, nesta fase, o caminho para a estruturação gradativa das fantasias enriquecedoras do psiquismo infantil e o gradual reconhecimento da realidade, dos sentimentos vividos dentro dele e das percepções e dos conhecimentos que vai adquirindo sobre o mundo real que o rodeia.

Se esse tipo de interpretação, de apreensão do que o bebê possa estar vivenciando emocionalmente, não for possível para a mãe, por falta de sensibilidade afetiva, ou por desconhecimento da importância de sua observação e atenção ao que o bebê vive, ou, ainda, se a interpretação for muito distorcida por dificuldades emocionais maternas significativas, haverá uma tradução limitada dos anseios infantis ou certa indiferença ao bebê real. Isso poderá resultar em um enfraquecimento no vínculo, o que poderá impedir o reconhecimento da existência daquele bebê como ser importante, único e singular - para a mãe -, gerando igualmente no bebê sentimentos de inexistência ou de ser de pouca importância, podendo provocar comprometimentos emocionais e psíquicos de várias ordens e intensidades, no comportamento, na escolaridade, com pobreza de criatividade, de reconhecimento da própria vida afetiva e da existência do outro.

A função paterna

Dar à luz é uma experiência única e mobiliza intensa carga emocional na mulher. Mas essa experiência comovente e extraordinária precisa ser compartilhada com alguém, num vínculo afetivo no qual se sinta acolhida.

Pode ser que a mãe não saiba verbalizar diretamente esse sentimento, mas é importante que o marido esteja presente e compreenda o que ela está sentindo, que ele se interesse pelos sentimentos dela e também pelo bebê.

Compartilhar com o marido suas vivências e sentimentos de alegria ou temor naquele momento inicial do vínculo com o filho ameniza a carga de intensa responsabilidade que acompanha o prazer de ter dado à luz.

A figura paterna deverá saber que desempenha um papel importante nesse momento: o de oferecer continência e reassseguramento afetivo à esposa. O pai precisa sentir-se útil desde o início. Primeiramente, para a mãe, e, indiretamente, para o recém-nascido; aos poucos, diretamente útil também para o bebê, complementando a função de acolhimento da mãe.

Sua presença sensível e protetora será fundamental para favorecer que a mãe tolere a insegurança inicial quanto à função materna, a necessidade de atenção e os sentimentos de fragilidade e medo.

Essas aspirações tornam-se inúteis quando se estabelece um confronto com a figura materna: uma disputa pela atenção e pelo amor do bebê. Quando duas pessoas irão cuidar da criança, precisarão estar num vínculo de colaboração e compreensão mútuas. Caso contrário, a situação fica bastante confusa para o bebê, que se sente abandonado e preterido frente à disputa entre os pais (ou outros rivais, como mãe e avó, ou as duas avós etc.).

O confinamento da mãe, nos primeiros dias ou até nos primeiros meses após o parto, exige maturidade emocional do marido, para não se sentir ou não tolerar ser deixado, de fato, de lado. Para a mãe, é importante que o recém-nascido seja sua prioridade.

Uma maneira de a esposa ajudar o marido a não ceder aos impulsos de ciúme e a sentimentos de fragilidade e rejeição é pedir sua ajuda. Em vez de pedir auxílio aos próprios pais ou amigos, pode dar-lhe a oportunidade e o espaço para sentir-se útil, e para poder tomar contato com sua função imprescindível e essencial, neste momento, junto à esposa e ao filho.

Em cada etapa do desenvolvimento da criança, a importância e a necessidade da figura paterna se apresentarão com características específicas.

No decorrer do primeiro ano, será muito necessária sua intervenção afetuosa, compreensiva, mas firme e coerente. Isso será importante a fim de ajudar a mãe e o bebê a transformarem o vínculo “deles dois como se fossem uma só pessoa”, em algo mais diferenciado em suas individualidades, acolhendo e elaborando as angústias decorrentes dessa vivência de separação e individuação - condição fundamental para que a criança evolua da extrema dependência para a independência relativa.

Também será a figura paterna o principal representante do sistema das regras na família. Colocando limites, permitirá aos filhos saírem do mundo de satisfação plena dos desejos, desconhecimento da existência do outro, para o universo da alteridade, com respeito pelas diferenças. Caso o pai seja ausente, é importante que outra pessoa assuma esse relevante papel.

A consolidação do vínculo

É necessário e saudável que a mãe tome consciência de que seu bebê é único (diferente do de amigas ou dos filhos que já tem ou pode vir a ter) e que ela, mesmo sendo a mesma, também será um pouco diferente para cada um de seus filhos.

Marta Harris (1988) menciona com precisão o processo de vínculo:

O relacionamento se desenvolve com a capacidade de duas pessoas experimentarem e se ajustarem à natureza uma da outra. Da maneira como seu filho precisa de alimentação e espaço para crescer, precisa da segurança de um vínculo amoroso, no qual possa se expressar, deixar-se conhecer e conhecer-se e perceber a grande quantidade de sentimentos por ele vividos. Por meio de sua resposta como mãe às necessidades físicas e emocionais do bebê, ele vai aprender a conhecer a mãe e a construir sua confiança em uma pessoa cuidadosa e prestativa. Por meio de sua interpretação adequada dos sentimentos dele, o bebê vai aprender a conhecer-se.

A mãe não precisa acertar sempre, basta estar verdadeiramente envolvida no vínculo e disponível para aprender com a experiência que estará sendo vivida.

As primeiras necessidades do bebê são ser carregado, vestido, alimentado e ter alguém que aos poucos o coloque em contato com os estímulos do mundo externo, para que não lhe pareçam de repente tão diferentes do meio intrauterino e possam ser gradativamente tolerados, sem serem vividos como intrusivos e ameaçadores.

A proteção do corpo da mãe, o seu calor, os seus gestos de delicadeza, empatia e proteção vão lhe garantir a segurança e o conforto emocional necessários para favorecer novos contatos com o mundo externo desconhecido.

Como já mencionamos, a mãe deverá estar presente afetivamente e com empa-

tia para com o filho para atender tanto suas sensações desagradáveis, como dor e desconforto expressos em termos físicos (evacuações, urina, vômitos, gases etc.), quanto sua necessidade de alimento e afeto amoroso. Deverá também compreender os sentimentos e desejos que a criança expressará nesse início pelo contato físico, por meio da voz, carinhos, toques, olhar... Essa é a função do acolhimento materno.

A tolerância do bebê à frustração aumentará como decorrência do predomínio de vivências de compreensão e satisfação de suas necessidades, que serão sentidas como recursos positivos e bons, expressão de um vínculo estável e confiável. Esse sentimento lhe dará apoio emocional em eventuais momentos de sofrimento por frustração, sem que entre em desespero. No entanto, o bebê ainda não teve tempo para o acúmulo dessas experiências.

Depois que o bebê adquire um pouco mais de experiência interior, tendo uma ideia melhor sobre suas próprias necessidades por interpretá-las corretamente, começa a se comunicar mais ativamente e com maior clareza. Porém, muitas vezes não consegue saber o que está querendo, até que alguém o satisfaça e o prepare para que a experiência negativa seja apagada.

A amamentação

Alimentar-se e viver o que chamamos de amamentação representa o mundo inteiro para o recém-nascido, a fonte de suas relações com o meio privilegiado pelo qual estabelece contato emocional, nutrindo não somente seu corpo, mas também sua mente.

Nessa fase inicial de vinculação afetiva, a situação positiva da amamentação, na qual a mulher se sente confiante, capaz de usufruir e se sentir feliz na doação física e íntima, é a maneira mais completa de ser alcançado o estado de unidade e harmonia total na relação mãe/bebê. As evidências que apontam para a importância do aleitamento materno são indiscutíveis. O que não pode ocorrer é uma interpretação equivocada que coloque em equivalência amor pelo filho e desejo de amamentar, gerando um julgamento depreciativo das mães que por uma ou outra razão não o fazem.

Nem sempre é possível que a amamentação aconteça, e a mãe dependerá muito de

si mesma para alcançar tal condição, aprendendo como fazê-lo, embora seu sucesso ou fracasso no estabelecimento do aleitamento também possa ser influenciado pela ajuda que recebe do médico, da enfermeira, do marido ou outros familiares.

Nas semanas seguintes ao nascimento, a amamentação é o acontecimento mais importante para a mãe e o bebê. No entanto, não deve ser forçada. Isso deve ser alcançado com cautela, paciência e tranquilidade. A maioria dos recém-nascidos não sabe bem como mamar de imediato e precisa de um pouco de estímulo e tentativas de aproximação ao seio. A mãe também estará sujeita a sentimentos de insegurança em relação à eficácia de seu leite para realmente sustentar seu bebê. A ansiedade só diminui quando ele mama com firmeza, fica satisfeito e se desenvolve. Quando isso não acontece, será mais suportável para a mãe sustentar uma atitude de persistência por mais um tempo se estiver consciente de que a alimentação é o mundo inteiro para o filho e a fonte de todas suas novas interações.

Nesse encontro inicial mãe/bebê, o que está suposto na amamentação não é de ordem meramente orgânica, física. Um ser humano está sendo desenvolvido a partir de manifestações e de palavras carinhosas que humanizam. A mulher sustenta o filho com leite, com seu colo e seu olhar, tentando interpretar o choro e lhe dando significado. Nesse momento, o recém-nascido é provido de um conjunto de sinais da presença materna que implicam o desejo da mãe e constituem uma experiência de satisfação e prazer para ambos. Estabelece-se um vínculo no qual a mulher alimenta seu bebê e também se alimenta afetivamente, permitindo que a relação amadureça na dimensão psíquica e emocional.



O bebê de 3 meses

A partir do terceiro mês, estabelece-se uma linha divisória no desenvolvimento do bebê e em sua estruturação psíquica e emocional.

O filho se mostra mais estável e suas experiências são mais articuladas. Está mais centrado e integrado, e o reconhecimento das pessoas que ama é evidente. O sorriso para os pais é de franco prazer.

A memória e o pensamento já se evidenciam incipientes. Pode ajustar sua mente, focar seus olhos e alcançar as coisas com a mão deliberadamente, distinguindo também o que gosta e o que não gosta.

As bases de nosso caráter são estabelecidas na infância, e o sentimento do que temos dentro de nós para lidar com o que a vida nos apresenta se liga à repetição de experiências boas e tranquilizadoras dessa época.

Embora ninguém tenha somente experiências boas, na infância é fundamental que estas sejam em maior número do que as ruins. Os pais e cuidadores são os responsáveis por assegurar que as coisas aconteçam dessa forma.

Milhares de pequenos eventos geram a ideia de esperança e confiança a cada vez que o adulto atende a uma necessidade do bebê (física e emocional).

O bebê passará a se sentir amado e com confiança em si e no outro sempre que tiver contato com um adulto atento e sensível ao que ele está vivendo.

É bom que se saiba que, nessa fase, as crianças são fáceis e frequentemente inundadas por uma torrente de sentimentos que partem de dentro delas. Muitas vezes, é difícil para os pais tolerar a raiva, o medo ou o desamor vindos de um bebê que se sente transtornado e que pode dirigir esses sentimentos para as pessoas (pais) que são o mundo inteiro para ele - mas, justamente por isso, tudo que lhe acontece parece vir dos pais.

Quando os pais conseguem manter um bom contato com a realidade e lembrar-se de que esses sentimentos do filho, embora intensos, não são reais, colocam-se como transformadores, moderadores das angústias da criança, ajudando assim a suportá-las.

No entanto, ninguém é perfeito, e seria enganoso levar o bebê a pensar que a vida

está livre de conflitos. Como também seria um erro os pais pensarem que podem evitar que os filhos sofram, mesmo que adorassem fazer isso, protegendo-os da dura realidade.

Os que tentam evitar que o bebê sinta qualquer frustração ou ansiedade estão privando-o da possibilidade de exercitar sua capacidade de lidar com um pouquinho de sofrimento a cada vez, dentro do tolerável para ele, fundamental para capacitá-lo a aguentar as situações nas quais não vai poder ter seu desejo atendido.

O difícil, nessa tarefa de educar, está justamente na avaliação da dose dessas experiências toleráveis - nem tão tênues que o bebê não as perceba, nem tão fortes que supere sua capacidade de contê-las ou de se manter se sentindo uma pessoa por inteiro.

Algumas dificuldades podem aparecer nesta época: problemas para dormir e para se alimentar, o que pode ter relação com a condição emocional vincular pais e bebê.

Por exemplo, o filho que não consegue dormir ou acorda com frequência pode estar expressando sua dificuldade em se separar da mãe, em ficar sozinho. Ela pode ser sensível o suficiente para acolhê-lo, entendendo-o. O problema é que, se isso persiste por mais tempo, a ansiedade do bebê pode afetar os pais, que também começam a se afligir e a perder a condição de transmitir ao filho segurança, tranquilidade e afeto que seriam necessários para que se acalmasse.

São variadas as informações e sugestões práticas do que deve ser feito em situações como essas. O importante é ajudar os pais a pensarem sobre o significado do que está acontecendo, saber que esses problemas podem estar ligados a como o bebê está se sentindo.

Costuma então ser benéfico mãe e pai refletirem um pouco sobre o que neles emocionalmente é acionado por aquele pequeno ser e que possa ter a ver com a história de vida de cada um, neste momento no qual se dá necessariamente a identificação com o filho. Frequentemente, a compreensão dessas relações ameniza a turbulência.

Em suma, assim como os pais são sensíveis ao estado mental do bebê, ele também é sensível ao dos pais.

Uma questão que se propõe é como manter um equilíbrio entre dar ao bebê a

proteção de que ele precisa e proporcionar-lhe ao mesmo tempo estímulo que encoraje sua curiosidade crescente pelo mundo.

Os bebês precisam se sentir seguros tanto no saber que estão presentes na mente dos pais como na sua rotina de vida. A partir daí, utilizam sua força natural de vida para buscar novas experiências e ampliar rapidamente seus interesses.

Iniciando a capacidade para pensar, seus horizontes vão se alargando e suas respostas sociais serão cada vez mais variadas.

Aos poucos, acontece seu crescimento mental. Sua capacidade para pensar vai se expandindo na medida em que ele consegue reter na mente coisas que não estão lá presentes e evocar uma pessoa mentalmente quando ela está ausente, suportando melhor a sua falta - como na hora em que a mãe se afasta. Assim, contará mais com seus próprios recursos.



A capacidade de separação

Toda criança passa pelo momento de perceber que não é a mesma pessoa que a mãe que a carrega, a conforta e a faz feliz. Sente que não tem controle sobre essa presença, da qual tanto depende e que é tão confortadora. Essa percepção é difícil de ser aceita. O bebê tenta reproduzir a experiência confortadora de todas as formas e maneiras: por meio dos brinquedos, do próprio corpo, com sua memória e imaginação.

Muitas vezes, ele percebe que não tem poder absoluto sobre a figura materna, que ela tem autonomia e independência, e fica muito ressentido por isso. Mas é importante que a criança aprenda a diferenciar o que vem de dentro dela e o que está fora e separado dela. Assim, irá se capacitando para estabelecer novos vínculos que serão significativos para o seu desenvolvimento.

A preferência pelo pai, que costuma surgir em torno dos seis meses, frequentemente ocorre com base nesses fatos e expressa o ressentimento do bebê pela não disponibilidade total da mãe para si.

Quando os pais têm um bom relacionamento e não sentem necessidade de competir pela atenção do filho, lidam com essas flutuações da preferência do bebê e o ajudam a elaborar suas complexas emoções de amor, hostilidade, ciúme, culpa e tristeza.

Também nesta época, a importância da presença do pai se torna mais evidente, sendo visto como um ser à parte e diferente.

Cada bebê descobre o mundo em seu ritmo e tem sua maneira particular de juntar suas experiências mentais, de se tornar integrado e de aprender ou de recusar-se a aprender, às vezes. Possui sua maneira de ser, que é diferente da do pai, da mãe e dos irmãos ou de outras crianças. Não há vantagens especiais em querer que ele seja precoce ou adote outras características que não as que lhes são as mais verdadeiras.

O desmame

Para os bebês amamentados pela mãe, o período de desmame ocorre normalmente durante a segunda metade do primeiro ano de vida, quando a criança já se acostumou aos outros alimentos e está apta a reduzir a dependência da figura materna. O bebê que usa mamadeira tende a se apegar por mais tempo a ela, uma vez que a tem sob mais controle.

Tanto para o bebê como para a mãe, o desmame é algo significativo. Todas as faltas iniciais, intervalos e ausências são uma prática para este momento.

O desmame é, portanto, um processo intenso de perda, um ato de encarar a separação também para a mãe, embora, conscientemente, ela possa desejar iniciar esse processo.

É um momento de vivência de uma série de emoções em relação a essa perda, sendo importante deixar que a criança expresse raiva, tristeza ou aborrecimento.

Seu medo é, sem dúvida, que a perda do seio represente a perda real de sua mãe. Por isso, a mãe precisa estar preparada para resmungos e agarramentos fora do habitual. E também deve ficar atenta para que seus sentimentos e defesas em relação à sua própria experiência infantil de desmame, separação e perda não dificultem o momento de seu filho ou reduzam sua percepção em relação às necessidades dele naquele período.

Uma boa solução é quando o pai se dispõe a ajudar a ambos, dando apoio à mulher para deixar o bebê crescer.

O desmame, como todos os outros progressos e mudanças importantes na vida da criança, deverá ser feito gradualmente, para que ela possa assimilá-lo. Para que cresçam com confiança em si e em suas capacidades, não podem ser apressadas. Precisam de tempo para conhecer, compreender como reagem e incorporar a experiência pela qual estão passando.

De qualquer modo, é importante que nesta fase a experiência de perda do seio seja superada pela descoberta dentro de si de alguns bons sentimentos que costumava ter quando era amamentada. A criança amadurece quando o sofrimento do desmame é superado.

Aprender a falar pode estar bem próximo. O fim do desmame incentiva o desenvolvimento, pois há muitos ganhos a serem usufruídos ao se despedir de um estágio já superado.

Nessa fase, predominam sentimentos conflitantes e de ansiedade entre querer a mudança e ir em frente ou, ao mesmo tempo, permanecer na etapa conhecida.

É necessário ajudar a criança a encontrar o equilíbrio e a lidar com o que quer, mas não pode ter, e com o que não quer, mas precisa fazer. Ela começa a perceber que não é tão poderosa, que as coisas não acontecem magicamente e que as pessoas têm mentes e vidas próprias. A realidade pode dizer não aos seus desejos.

Os pais e cuidadores precisam de bom senso, sensibilidade e flexibilidade para lidar com essas situações de frustração. Também pode ser difícil para eles estarem “perdendo” um bebê, embora “ganhando” uma pequena criança.

A criança dos 13 aos 24 meses

É um período de transição de bebê para criança, e compreender seus sentimentos e necessidades é essencial para a construção de um vínculo saudável com a figura materna, com os outros e com a vida.

Deve-se permitir, mais uma vez, que a criança desenvolva seu próprio ritmo, já que está lidando com uma questão fundamental para ela, que é ser um indivíduo, capaz de aprender a fazer muitas coisas e fazê-las por si mesma. Muitas vezes, excesso de expectativas, ansiedades e mesmo desconhecimento dos pais interferem no desenvolvimento da criança, desviando-a do seu modo pessoal de crescimento e de sua coordenação natural interna. Isso cria desajustes em seu comportamento, em virtude da confusão entre seus sentimentos de amor e ódio - impulsos que predominam com frequência nessa época.

De modo geral, as aquisições no desenvolvimento são muitas e rápidas, alternando-se em período de evolução e regressão, que uma vez toleradas pelos pais tornarão mais fácil para a criança construir sua identidade.

Os marcos importantes do crescimento nessa idade serão aprender a andar e a falar.

O prazer de andar

Para alguns bebês esse aprendizado é mais difícil, enquanto outros dispensam a etapa anterior de engatinhar. Mas para todos exige esforço, empenho, frustração e determinação. Para os pais, demanda flexibilidade para acompanharem seus filhos em suas vivências de menor desamparo e mais segurança, ao mesmo tempo em que se defrontam com sua vulnerabilidade e com os medos de abandono, devido à sua maior autonomia.

Quando o bebê começa a se locomover engatinhando e, mais tarde, andando, está realizando fatos históricos em sua independência. Já pode seguir os pais e cuidadores para ver onde estão indo, pode satisfazer sua curiosidade, e o mundo se torna um lugar muito diferente. O bebê se identifica mais com os adultos, tornando-se, com frequência, ainda mais onipotente.

Entre o primeiro e o segundo anos há uma vinculação muito estreita entre o que o bebê pode conseguir do ponto de vista motor e os estados emocionais que experimenta e promove em seus pais e cuidadores.

Conforme o que consegue, sentimentos de satisfação intensa se alternam com frustrações enormes, do mesmo modo que se alternam o medo e o desejo de explorar ou os impulsos de independência intercalados com momentos de irritabilidade e de dependência.

Os pais e cuidadores, muitas vezes, se perguntam se podem fazer mais coisas para ajudar a criança a crescer. Ocupar-se dele é o melhor alimento para um bebê, mas têm de levar em conta que, se a estimulação é excessiva, isso também pode acabar prejudicando a criança. Considerar as condições de segurança da casa ou da creche para evitar acidentes, impor limites adequados e dar-lhe confiança são bons modos de ensiná-la a crescer.

Pode ser que precisem de uma dose extra de paciência para suportar toda vez que a criança queira e lute para fazer coisas sozinha. Mas é importantíssimo que ela tenha a oportunidade de tentar, sem que se estabeleça um conflito de vontades ou enfrentamento desnecessário.

A importância da comunicação com a criança

Comunicar-se com o bebê desde a gravidez, com gestos, com o olhar e a voz, estimula seu desenvolvimento.

Desde que o bebê nasce, é importante que a mãe e o pai e os cuidadores se dirijam a ele enquanto o alimentam ou o vestem. Que estejam conversando com ele.

Quando as crianças ainda não sabem falar, “conversam” com gestos e imitam os mais velhos, buscando exteriorizar o que sentem e o que pensam. Isso até aprenderem o dom maravilhoso da palavra. O importante para esse diálogo é que o adulto saiba escutar o que os gestos e as palavras dizem.

As crianças nascem com potencial para a comunicação, mas necessitam do ambiente para desenvolvê-lo. Para isso, tem que ser levado em conta, em primeiro lugar, tudo o que tem a ver com a comunicação não verbal. Sentem-se incluídos e em segurança quando compreendidos em seus sentimentos de aflição, alegria ou dor, expressos por gritos ou choros.

Contar histórias, mostrar gravuras nos livros e cantar músicas são atos que enriquecem a experiência do bebê. A proximidade com o pai ou a mãe ou cuidadores, nesses momentos, ajuda a fazer com que associem vivência de aprendizado com prazer e aconchego afetivo.

A voz da mãe (música das palavras) transmite os significados emocionais que ela vive, e os bebês são especialistas em captá-los.

O bebê e seus relacionamentos na família

A criança, quando começa a falar, passa a exercer uma ação mais ativa nas relações que estabelece. Essas relações refletirão no vínculo inicial com a mãe e nos sentimentos que vêm daí, sejam relacionados a si mesmo ou aos outros.

Os pais costumam reagir de modo oscilante quanto às manifestações de independência do filho. Ora com prazer e orgulho, ora com apreensão por vê-lo crescendo ou com tristeza pela “perda” da condição de bebê.

Por outro lado, a percepção crescente pelo bebê de que a mãe tem autonomia, interesses próprios e que ele não é o “centro” da vida dela gera variados senti-

mentos que demandam compreensão, tolerância e sensibilidade dos pais - para ajudá-lo nesta elaboração.

Quando isso acontece, o bebê também pode ir se sentindo encorajado a alargar suas experiências com outras pessoas (adultos, irmãos), e vai sentindo o pai, padrasto ou quem ocupe esta função como figura cada vez mais significativa na relação pessoal e também com a mãe, com a qual percebe que ele mantém um tipo especial de vínculo.

É sempre importante dizer a verdade. Isso se torna especialmente necessário quando a mãe vai se afastar por pouco tempo a fim de evitar o exagero da dependência e a diminuição da confiança no vínculo, fazendo a criança se sentir insegura e temerosa. A verdade, em muitos momentos, pode fazer a criança sofrer, mas lhe estarão sendo garantidas melhores condições para a estabilidade emocional e uma rota de desenvolvimento com vínculos mais dignos de se tornarem modelos de identificação.

Convém lembrar que é natural que a criança proteste quando a mãe se ausenta. O que deve causar certa preocupação é a criança ficar indiferente à presença ou à ausência da figura materna.

O modo como a criança vai lidar com os momentos de afastamento dos pais depende de seu temperamento, mas também da maneira como foi se estabelecendo o vínculo com a mãe e a maneira como se dará a reação a estas situações mais prolongadas dela, como, por exemplo, a retomada do trabalho.

A rotina diária e o crescimento

“Devemos dar ao bebê que está crescendo uma oportunidade para que teste suas capacidades e recursos, observando, dentro do possível, suas reais capacidades para fazê-lo, sem se sentir derrotado em demasiado a ponto de leva-lo a desistir de tentar novamente” (HARRIS, 1988).

Saber dosar essas possibilidades não é tarefa fácil para os pais ou cuidadores, mas o fato de o bebê ter suas experiências dentro de uma estrutura segura, com uma pessoa que tome conta dele, lhe dá a oportunidade de se sentir cada vez maior e mais forte.

Nem sempre os pais têm paciência para deixar o filho errar; muitas vezes, também não têm tempo. No entanto, é preciso evitar apressá-lo mais do que o necessário.

Com essas questões em mente, os pais devem enfrentar os conflitos, os estresses, as demandas e birras que fazem parte do desenvolvimento da criança (até que ela venha a ter sua individualidade) e permeiam todos os aspectos do seu dia a dia.

Um cotidiano ordenado e estável, previsível, traz para o bebê sensação de segurança e permanência, elementos muito importantes para a sua vida.

Porém, nem tudo no desenvolvimento pode ter esse evoluir tranquilo. Muitos transtornos e dificuldades podem surgir; e o importante, muitas vezes, continua sendo não o fato em si, mas a maneira como se lida com ele.

O hábito de dormir e sonhar

A função nutriente se dá tanto em dormir como em sonhar. Dormir é o estado em que predominam os processos reconstrutores do organismo. Na infância, além disso, é quando se ativa o hormônio do crescimento. Quanto ao sonhar, é quando a vida emocional, com seus conflitos e ansiedades, se manifesta com menos censura, também é esse processo que permite elaborar essa vivência e o preparar-se para atuar no mundo externo.

As necessidades de sono são diferentes em cada pessoa, mas todos passam por momentos de sono profundo e sono mais leve. Saber isso é importante para o hábito de dormir sozinho, hábito que envolve ensinar a criança, quando ela acorda à noite, a ser capaz de voltar a dormir por si mesma.

Mesmo que os pequenos não disponham de linguagem verbal para explicar com o que sonham, são capazes de expressar suas emoções, seja dormindo calmamente ou tendo pesadelos. É muito importante que os pais os observem e percebam se têm medo, se demonstram insegurança. Essa atitude ajuda a acalmá-los.

Dormir implica uma despedida, que implica separação, que implica ter de abandonar as atividades diurnas, e também entrar em território desconhecido. No entanto, não conseguir adormecer sozinho pode atrapalhar o desenvolvimento da autonomia.

Para que o bebê consiga ir para a cama com tranquilidade, sentindo que é um lugar agradável e não uma prisão, será necessário um trabalho que permita à criança ir se sentindo acompanhada dos personagens protetores e recursos seus próprios para se sentir protegida e segura.

Mudanças na vida do bebê podem ocasionar algum tipo de distúrbio do sono, no qual costumam estar presentes sentimentos de vulnerabilidade e dependência, medo de ser esquecido ou abandonado ou sentimentos de ciúme e rejeição ao verem os pais dormindo juntos. A atitude mais eficiente é resistir à tentação de levá-lo para a cama do casal, e assim deixá-lo continuar no berço depois de ser atendido, acolhido e encorajado a continuar em seu lugar. Esse procedimento exige atitudes repetidas de persistência, coerência e crença dos pais de que estão agindo certo. Porque até os bebês são capazes de detectar a insegurança e a incoerência dos que os tratam - ou entre o que dizem e o que fazem.

A criança precisa de companhia, mas também necessita aprender a estar consigo mesma. Oferecer-lhe objetos aos quais está vinculada e um ambiente calmo, permitir a ela que brinque com seu próprio corpo, estabelecer um ritmo para dormir que estabiliza um ritual, que se transforma em hábito, são a chave para um bom sono do filho e dos pais. Trata-se de intervir bem para ter de fazê-lo o mínimo possível.



Alimentação como centro da relação mãe/bebê

O sentido de identidade da mãe e o desejo de exercer bem a maternidade estão centrados também no alimento que ela oferece ao filho. E a aceitação (ou não) por parte dele interfere nos sentimentos de segurança ou rejeição na mãe. As ansiedades em relação ao fato de o bebê estar ou não comendo o suficiente são profundas e surgem da responsabilidade assustadora pela vida de outra pessoa. Muitas vezes, essa mesma ansiedade materna é a responsável por um distúrbio de alimentação do filho, que não acontece em outros ambientes.

A disciplina como forma de amor

Neste período, ou mesmo antes, acontecem muitas situações em que o bebê diz “não”. Com frequência, é a primeira palavra dita por ele, na busca de sua individualidade e autonomia, essenciais para seu sentido de identidade.

Por que os bebês se opõem? Para manifestar crescimento, para se diferenciar, marcar uma fronteira entre ele e seus pais, comunicar uma decisão, escolher e, inclusive, manifestar poder.

Daí ser essencial que os pais aceitem muitos “nãos” ditos pelo filho, para que ele possa progredir e aprender a fazer coisas sozinho. É importante que tenha oportunidade de descobrir suas capacidades e recursos.

Embora o “não” também possa conter agressividade e rejeição, ou mesmo manipulação, o bebê precisa expressar seus sentimentos sem ser punido ou visto como uma criança rebelde e malcriada.

De modo geral, se o bebê sente que o respeitam e o escutam quando demonstra sua própria vontade, é mais provável que coopere quando for necessário que obedeça.

Para que a criança seja capaz de obedecer com vontade, é preciso que aprenda a confiar que quem lhe dá ordens a leva em consideração e acredita que os bebês precisam que alguém lhes diga “não”. Muitas vezes, no entanto, as proibições são impostas não por que algo não devia ser feito ou pudesse ser perigoso para ela ou para os outros, mas, sim, porque os pais querem parar de se preocupar ou de sentir ansiedade.

Também acontece de muitos pais hesitarem sobre se devem ou não disciplinar a criança nessa idade, com receio de que o uso da autoridade possa atrapalhar ou inibir o desenvolvimento natural de sua personalidade ou liberdade de expressão.

Atualmente, muitas vezes, são os pais que parecem estar cada vez mais submetidos aos filhos. Custa-lhes muito impor limites ou ensinar-lhes a obedecerem. A contenção tem de vir de fora, quando a criança está descontrolada internamente, o que não é raro nessa idade. O marco mais importante é a atitude dos pais ao colocar limites. Estes, preferivelmente, devem ser poucos e se referir somente às coisas realmente importantes. Os pais precisam impor limites firmes e coerentes.

As confrontações são inevitáveis, e será necessário, por parte dos pais, tolerar a raiva da criança ao ser contrariada ou ao ver frustrada uma determinada ação.

Se os pais concordam, de modo geral, em relação aos limites, esses momentos de conflito poderão ser administrados mais facilmente, o que também acontece com outras pessoas que estiverem cuidando da criança.

O controle dos esfíncteres

Geralmente, um bebê consegue se manter limpo e seco ao redor do final do segundo ano de vida. É preciso que os pais fiquem atentos aos sinais, por parte da criança, de que ela está preparada emocionalmente para enfrentar o processo. Só assim colaborará de forma decisiva. Caso perceba que está sendo submetida, a criança acabará confrontando os pais e demonstrando raiva.

Ainda nessa idade, o conteúdo do corpo (xixi e cocô) está intimamente associado a sensações boas ou más. De qualquer modo, é suficientemente valioso para a criança, e ela pode não querer se desfazer desse conteúdo.

O certo é que, para conseguir resultados satisfatórios para todos, não convém apressar esse processo. É necessário encontrar o momento de maturidade adequado.

Ataques de birra

Resultam do conflito, nessa idade, de se perceber vulnerável e dependente, sem controle das coisas e, ao mesmo tempo, com desejo de se desenvolver e ser independente, o que demanda afastar-se dos pais ou cuidadores. São manifestações bruscas de mudanças de humor, frequentes nessa época da vida da criança.

Quando esse conflito se intensifica, as emoções transbordam sem controle e acontece um ataque de birra. A criança busca se livrar dos sentimentos que não consegue suportar - e de modo exagerado, parecido com o que fazia quando bebê, com agitação motora e gritos de desespero.

Esses ataques são, até certo ponto, parte (e um fardo) do processo de crescimento e precisam ser tolerados. Minutos depois, a criança pode ser acalmada, acolhida e ficará mais disponível a ouvir o que pai, mãe ou cuidadores têm a dizer. Se forem muito frequentes, convém avaliar se os pais não estão esperando padrões muito altos de comportamento ou contrariando demais o filho, se a escola não está propondo atividades muito exaustivas. De todo modo, é preciso que os pais se diferenciem do filho, separando as emoções, sem que se sintam também ansiosos e raivosos.

A criança de 24 a 36 meses

A criança de 2 anos gasta grande parte de seu tempo fazendo tentativas obstinadas de independência. Ao mesmo tempo, vigia a mãe para estar segura de que, em momentos de necessidade, pode correr para junto dela.

Poderemos sentir que, já que deu largos passos em seu desenvolvimento, poderia proceder sempre de modo razoável. No entanto, sob muitos aspectos, até há bem pouco tempo era um bebezinho e, muitas vezes, voltará a sê-lo. A criança de 2 anos é, com frequência, incontrolável e impulsiva: tem de obter imediatamente tudo o que quer. Não tolera demora, porque não compreende ainda o sentido do tempo. Acessos de raiva são frequentes. Suas vontades são imperiosas, pode ser exigente e dominadora para com a família. A tentativa de orientá-la e ensiná-la, exigir limpeza e polidez, tem que ser feita com consideração por suas características individuais e por sua vida interior, intensamente emotiva, e com boa vontade de aprender a respeito de suas necessidades. (ROSENBLUTH, 1973)

Nessa época, a criança também tende a superestimar suas capacidades e a ficar muito frustrada com seus fracassos, o que exige do adulto muita vigilância e disponibilidade para acolhê-la.

A família continua sendo o centro de seus afetos, e sua possessividade em relação a quem ama não permite partilhá-la com ninguém. É uma idade cheia de encantos e prazer para os pais, apesar dos períodos de rebeldia e tirania, que podem ser muito cansativos.

Embora haja no desenvolvimento estágios que se sucedem com regularidade, seu ritmo e, ocasionalmente, sua ordem variam de criança para criança. Se a criança se afasta da média, isso não significa, de imediato, que haja problemas.

O conhecimento dos fatores subjacentes aos observáveis pode levar os pais a pensarem mais e melhor sobre seus filhos, apreendendo um significado mais profundo de seu desenvolvimento e de sua personalidade, extraíndo daí parte da adequação em suas atitudes e também o prazer e o privilégio de serem pais.

Os momentos de preocupação são inevitáveis, mas sem certa dose de ansiedade não haveria ímpeto de aprender e crescer por meio do esforço para enfrentar os problemas mais imediatos. Isso se aplica ao desenvolvimento da criança, mas igualmente ao papel da mãe e do pai.

Os “erros” também são inevitáveis, e serão menos importantes do que os sentimentos dos pais para com eles, bem como as atitudes de interesse e aflição. A criança reage ao que são os pais, verdadeiramente.

A figura principal de sua vida continua a ser a mãe, da qual ainda depende, embora já consiga tolerar melhor pequenas ausências dela, à medida que vai conseguindo reter em sua mente a imagem dessa figura como a que protege e acolhe sempre que necessário.

De modo geral, essa fase se caracteriza pela ambivalência entre sentimentos de amor e ódio em relação aos pais e pela flutuação de apego entre um e outro, principalmente quando eles estiverem juntos e a criança se sentir excluída.

Essa relação triangular (mãe/pai/filho ou filha), que teve início na fase anterior, continua sendo de vital importância na vida da criança, e sua elaboração gradativa definirá características de sua configuração emocional futura.

Seu amor é possessivo em relação ao genitor do sexo oposto, e a dor de ser o terceiro, o excluído, é muito intensa e mesclada com sentimentos de ciúme e rivalidade com o genitor do mesmo sexo, o qual, muitas vezes, é sentido como o rival que a criança desejaria eliminar. Certamente, como também ama a este mesmo “genitor rival”, sente-se invadida pela culpa e pelo remorso.

O uso da sensualidade

Sensualidade é definida como o prazer de qualquer sensação corporal. O problema com que nos defrontamos é saber se, por meio de um conhecimento a respeito e atitudes adequadas, podemos ajudar a criança na medida em que ela se torna consciente de suas diversas sensações, permanecendo livre dos sentimentos de culpa e medo, tão frequentemente associados com o prazer corporal. Se isso for possível, a sensualidade comprovará ser um forte fundamento para seu desenvolvimento psíquico e estabelecimento de seus vínculos.

Convém lembrar que a relação amorosa com os pais proporciona à criança outra espécie de impulso para o desenvolvimento psíquico, já que se esforça, tão frequentemente, em ganhar a sua aprovação por meio de novas realizações e gracinhas. Ela busca seu crescimento em benefício dos pais, por exemplo, controlando seus esfíncteres e tentando dizer palavras que eles compreendam. Mas muitas vezes passará a incomodá-los com seus abraços ou sua curiosidade, em excesso, até obrigá-los a reagir asperamente, deixando a criança confusa.

Se for obrigada a certa moderação no comportamento, a criança não precisará esperar uma punição súbita de pais exasperados ou de sua própria consciência severa.

Portanto, é aconselhável que os pais, ao brincarem com seus filhos, limitem-se a brincadeiras corporais que possam tolerar com prazer e bom humor, interrompendo-as ao sentirem o excesso.

Em verdade, o prazer dos pais e cuidadores com as brincadeiras, de modo geral, deveria constituir uma das mais fortes influências do ambiente na vida mental da criança.

A criança também terá curiosidade, preocupação e, eventualmente, ansiedade em relação às diferenças físicas entre meninos e meninas, e será bem-vinda uma atitude paciente e de esclarecimento natural e verdadeiro por parte dos pais.

Esse procedimento é importante na medida em que sabemos que a identificação com o progenitor do mesmo sexo (e ter orgulho de ser menino ou menina) é o que levará a criança a um acordo com sua própria identidade.

É na busca pelo equilíbrio entre amor e ódio que, pouco a pouco, o ser humano alcança a maturidade emocional. O que significa ir transformando a imagem interna que a criança tem dos pais (“pais internos”) em figuras menos severas, cruéis e rígidas da infância - e aproximando-os, o mais possível, em figuras justas, flexíveis e benevolentes. É com esta tarefa enorme que a criança de 2 anos começa a lidar.

Os maus e confusos sentimentos que dedica aos pais, mais a culpa que isso acarreta, geram tristeza e desamor em relação a si mesma. Quando, no entanto, esse estado emocional é enfrentado por ela, torna-se um incentivo para seu desenvolvimento. Além disso, a busca por compensar o dano que sente ter causado ao outro a faz descobrir sua capacidade de reparação, que é uma ferramenta imprescindível ao equilíbrio futuro de sua autoestima.

Quando outro bebê está para chegar na família

Surge o problema de como preparar uma criança de 2 anos para o evento próximo. Muitos pais pensam que a criança é muito novinha para compreender coisas assim - o quê, o como e o quando contar. Mas elas observam tudo ao redor com muita atenção, mesmo que não pareçam atentas. E muitas surpreendem os pais pelo fato de parecerem saber da gravidez da mãe antes que lhe seja comunicada.

De qualquer forma, é muito útil dizer à criança, verdadeiramente, que outro bebê vai chegar porque é o desejo dos pais, o que não quer dizer que não a amam muito e continuarão a amá-la.

Quanto ao “de onde vêm os bebês”, convém também falar a verdade mais próxima de seu entendimento e dar oportunidade para que a criança expresse suas fantasias, seus temores e os represente nas brincadeiras, para poder elaborá-los.

Essa notícia costuma deixar a criança de 2 anos com ciúme ou um tanto preocupada com a possibilidade de o “intruso” vir lhe roubar o lugar ao qual estava acostumada na família, suas regalias, o carinho e a atenção dos pais.

Todo tipo de dificuldade pode aparecer, inclusive regredir em funções já adquiridas, voltando até mesmo a proceder como um bebê.

Muitos pais tentam contornar a situação colocando-se servis e satisfazendo todos os desejos da criança para que ela não se sinta menos importante. Mas isso não a ajuda a deixar de sentir o que sente e pode aumentar ainda mais seu sentimento de culpa, devido à raiva do novo bebê.

O melhor é ajudá-la a aprender a lidar com seu ciúme, a controlar seus eventuais ataques ao bebê mais novo e a conseguir aceitar compartilhar o amor dos pais, sendo esta parte essencial para o crescimento psíquico.

Um novo modo de estar na sociedade

Confiar nos pais permite às crianças evoluir na direção de adquirir sua própria autonomia. No caminho em direção a ela, uma conquista básica é conseguir controlar o xixi e o cocô e aprender a se limpar sozinhas.

Na verdade, todos os orifícios do corpo estão carregados de significados emocionais, e seus produtos podem ser usados com significados de agressão ou de presente em relação a seus pais. O ânus e a uretra, sobretudo, também são plenos de significação social, porque, em nossa cultura, as funções excretoras e sexuais são as mais vinculadas ao campo da intimidade e foco de proibições e preconceitos.

Para as crianças, os conteúdos do corpo são misteriosos. Elas põem o dedo por todos os lados e também o fazem com seu próprio corpo, cheias de curiosidade.

A questão global do controle das funções excretórias envolve outros fatores além do mero controle dos esfíncteres. E é cheio de significado emocional não só para a criança como para a mãe.

Finalmente, embora o ambiente influa de modo decisivo, não convém esquecer que o controle dos esfíncteres é uma conquista da criança e de que o transcurso deste processo tem influência sobre sua personalidade.

Atualmente, a educação da higiene, em geral, começa bem mais tarde que no passado. Continua valendo a regra básica para o trato com a criança em desenvolvimento: vá com calma e respeite seu ritmo natural e suas características próprias.

Costuma ser sensato esperar até que a criança tenha idade para se sentar no vaso por si, até que possa controlar os esfíncteres e que demonstre real incômodo e vontade de tirar as fraldas.

Isso pode acontecer entre 2 e 3 anos e levar meses até que se instaure o novo hábito de modo estável.

A atitude da mãe, de grande ansiedade, passa para a criança que, por sua vez, reage com ansiedade. Portanto, é melhor evitar demasiada pressão e o embate de vontades. Quanto mais calma a mãe, maiores as probabilidades de êxito. Também as crianças, em certo momento, desejam se tornar limpas, ávidas por crescer, para agradar os adultos, e também a si mesmas.

O prazer de fazer oposição - “sendo do contra”

Encontrar um bom equilíbrio entre impor limites a situações explosivas e não dar-lhes demasiada importância para que não aumentem é um desafio para os pais. Isso vai ser mais exigido ainda com a criança de 2 anos, que costuma ser excessivamente imperiosa e mandona.

A descoberta de orifícios e da nova capacidade de abri-los e fechá-los por sua vontade (controle dos esfíncteres) coincide com o prazer de se opor. É a idade do protesto e do desafio.

E os pais são testados nessa etapa, tendo de se lembrar que querer bem ao filho supõe tanto compreender sua evolução e aceitar suas descobertas, como colocar-lhe limites adequados. Para a criança, poder dizer “não” significa querer diferenciar-se do mundo, mas também manipulá-lo. De modo mais amplo: manifesta um crescimento, marca uma fronteira e comunica uma decisão/escolha.

A etapa do “não” costuma coincidir com um momento de grande energia. A necessidade de manipular objetos com muita força, rasgar, golpear, tem a ver com as necessidades de explorar limites com os novos sentimentos de poder que a criança experimenta.

Surge, com vigor, o desejo de se tornar independente, e a linguagem falada é uma nova via para consegui-lo. Talvez o “não” seja a primeira palavra com sentido abstrato, diferente das utilizadas para denominar objetos e pessoas próximas.

A autonomia vai aumentando: crescem as capacidades de sua mente, ampliam os movimentos, incrementa-se a linguagem e, sobretudo, a consciência de si mesmo.

Embora, às vezes, empregado de modo incompreensível para a própria criança e para os adultos que tentam interpretar seus desejos, o “não” também evidencia a necessidade de colocar uma barreira, um limite entre ela e seus pais, quem sabe até expressando a necessidade de proteger-se do que sente como uma atitude invasiva.

A criança pode estar, por outro lado, querendo apenas dizer que gostaria de ter o direito de escolher. Nesse sentido, o negativismo seria o princípio de uma tomada de decisão, que mais tarde cumpriria uma função de construir sua identidade.

Outro aspecto importante é o efeito direto que os “nãos” têm sobre os pais. A criança detecta, rapidamente, como e a que dizer “não” para conseguir o que quer e, assim, manipular os adultos e as situações.

Essa manipulação acaba por ser empregada em relação à alimentação e com as questões sobre a hora e o local de dormir. Essa etapa é inevitável, e os pais a enfrentarão melhor se tiverem um critério, e que este seja flexível e firme para ir se adaptando ao crescimento da criança, ao mesmo tempo em que lhe oferece segurança.

Estabelecer prioridades também evita que a criança, ao ouvir “não” em excesso, acabe por não lhe dar importância.

Será mais eficiente a lida com os negativismos dessa idade, e com os impulsos de destrutividade (vontade de quebrar coisas, brinquedos) que surgirão, se a mãe, ainda figura de amparo para a criança, estabelecer um plano de atividades, disciplina e rotina no decorrer do dia e ajudá-la a descobrir que pode consertar coisas que estraga, para que não se sinta tão culpada.

No entanto, alguns problemas são regra geral nessa idade, tais como fases de perturbação no sono, explosões temperamentais, rejeições repentinas em relação a determinados alimentos ou certos lugares e pessoas. Tais dificuldades costumam estar relacionadas à vida íntima de fantasias e impulsos da criança. Em última análise, podem estar ligadas a ansiedades em relação à própria segurança ou à ansiedade de ter podido ferir, por desejo ou ação, alguém a quem ama.

O apego à mãe e a possibilidade de separação

Quanto mais as necessidades da dupla mãe/bebê tenham sido preenchidas em sua ligação inicial, maior a possibilidade de que, aos 2 ou 3 anos, a criança e a mãe possam tolerar momentos de separação no dia a dia e a percepção de que são duas individualidades.

Quando predominarem sentimentos possessivos e mutuamente invasivos, surgirá hostilidade no vínculo, abalando sua segurança e confiabilidade e dificultando o processo de individualização posterior.

Por várias circunstâncias inevitáveis, pode ser que a mãe e a criança tenham de se separar. Mas no longo prazo, o importante é saber que, nessa idade, ainda é difícil para ela aguentar esta experiência. Por isso, os pais devem prepará-la bem para isso, acostumando-a, aos poucos, à(s) pessoa(s) com quem ela vai ficar.

Se a criança for para uma creche, vale a pena salientar que, nessa idade, ela tende a oscilar entre desejar e não desejar brincar em grupo com outros colegas. Quando o faz, é por curtos espaços de tempo; e geralmente com crianças mais velhas, com as quais se sente mais confiante e segura.

Atividades, interesses e linguagem

É complexa a relação entre os fatores de maturação e aprendizado, mas não há dúvidas, como enfatizamos até aqui, de que a influência do ambiente nos primeiros anos de vida pode ser decisiva em muitos aspectos do desenvolvimento.

O papel dos pais em ajudar a criança a desenvolver habilidades e a aprender consiste, basicamente, em oferecer-lhe, nessa fase, o ambiente apropriado e materiais variados para satisfazer sua curiosidade natural.

A criança pequena absorve muita coisa olhando e imitando as pessoas ao redor, por meio de atividades e suas próprias vivências.

À medida que aumenta o uso das palavras para resolver situações de seu cotidiano, aparecem também as soluções imaginativas. Ela tende a surpreender os adultos com provas de sua boa memória e compreensão dos acontecimentos.

Comentário Final

Como é possível perceber pelo que foi descrito, desde os primeiros momentos de vida, incluindo o período gestacional, estará em desenvolvimento uma pessoa cuja estruturação funcional, emocional e comportamentos futuros dependerão significativamente das características dos vínculos que irá estabelecendo com o seu entorno, mais especificamente, com seus pais e ou cuidadores. Será importante que os familiares sejam esclarecidos sobre como esse processo ocorre e o quanto ele é determinante para o desenvolvimento da criança. Desta forma poderão atuar de modo consistente para favorecer e promover a organização das bases fundamentais que permitirão à criança uma adequação para uma vida com sucesso e plena inserção social .



Bibliografia consultada.

- ANZIEU, D - *Psicanalisar*. São Paulo, Editora Ideias e Letras, 2006.
- BAUER, M. (org) *Resiliência y vida cotidiana*. Montevideo: Psicolibros, 2007.
- BION, W. R. Attacks on linking. *Int J Psychoanal*, vol 40, 1959.
- BION, W. R. *Uma teoria do pensamento*. Buenos Aires: Horne, 1962 a.
- BION, W. R. *Aprendiendo de la experiencia*. Buenos Aires: Horne, 1962 b.
- BOTBOL, M. *Bebé, bienvenido al mundo (0-3 a)*. Madri: Editorial Sintesis, 2005.
- CARON, N. A. (org) *A Relação Mãe-Bebê*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.
- HARRIS, M. *Crianças e bebês à luz de observações psicanalíticas*. São Paulo: Vértice, 1988.
- ROSENBLUTH, D. (org). *Compreendendo seu filho de 1 ano*. Rio de Janeiro: Mini-Imago, 1973.
- ROSENBLUTH, D. (org). *Compreendendo seu filho de 2 anos*. Rio de Janeiro: Mini-Imago, 1973.
- ROSENBLUTH, D. (org). *Compreendendo seu filho de 3 anos*. Rio de Janeiro: Mini-Imago, 1973.
- MALDONADO, M. T. *Como cuidar de bebês e crianças pequenas*. São Paulo: Sarai-va, 1993.
- MIDDLEMORE, M.P. Os Usos da Sensualidade. In: *A Educação de Crianças à Luz da Investigação Psicanalítica*. Rio de Janeiro, Imago, 1973.
- MILLER, L. *Compreendendo seu bebê*. Clínica Tavistock- Imago, 1992.
- NÓBREGA, F. J. *Vínculo Mãe/Filho*. São Paulo: Revinter, 2005.
- SOIFER, Raquel. *Psicología del embarazo, parto y puerpério*. Buenos Aires: Ed. kargieman, 1987.
- SPITZ, R. A. *O primeiro ano de vida*. São Paulo: Martins Fontes, 1973.
- STEINER, D *Compreendendo seu filho de um ano*. Rio de Janeiro, Imago, 1992
- WINNICOTT, D. W. *A criança e o seu mundo*. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 1982.
- WINNICOTT, D. W. *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- WINNICOTT, D. W. *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- WINNICOTT, D. W. *Os bebês e suas mães*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.





○ BRINCAR

que é brincar

O brincar, fenômeno que faz parte da vida de todo ser humano, é muito mais do que um episódio da infância: é uma das linguagens essenciais das crianças, refletida nas suas brincadeiras, nas suas expressões lúdicas plásticas, nas suas expressões corporais, musicais, linguísticas, gestuais etc. O brincar contribui para determinar o temperamento, os potenciais e as possibilidades criativas de cada indivíduo. Trata-se de um fenômeno que começa no nascimento como um impulso inato e irá perdurar e enriquecer-se do repertório das diversas culturas com as quais cada ser humano tem contato ao longo da sua vida, das formas mais variadas, no cotidiano, na profissão, no lazer.

Para poder dar tempo e espaço para o brincar - que inclui brincadeiras, manuseio de materiais, objetos e brinquedos diversos; contato com sons, ritmos, instrumentos musicais, canções; expressão corporal, gestual e diversidade de movimentos; experiências com diversas técnicas e expressões plásticas, entre tantos outros caminhos lúdicos -, é importante criar estes tempos e espaços na vida das crianças.

As etapas do brincar

Jean Piaget (1896-1980) observou e elaborou sua teoria a respeito das diferentes etapas do brincar na vida das crianças. Ele afirma que todas as formas lúdicas acontecem em algum momento no desenvolvimento do ser humano, porém o momento, a idade ou a especificidade variam conforme cada criança, cada grupo e os materiais e atividades disponíveis.

Piaget distingue três tipos de estruturas que caracterizam o brincar infantil: **o exercício, o símbolo e a regra.**

* **Jogos de exercício** - Nas crianças até 1 ano e meio/2 anos, fase em que aparece a linguagem, a atividade lúdica tem como característica essencial o exercício: as crianças se exercitam nas suas atividades de brincar pelo simples prazer de fazer rolar uma bola, produzir sons ou bater com um martelo, repetindo essas ações e observando seus efeitos e resultados. Essas brincadeiras caracterizam a fase do desenvolvimento pré-verbal e se prolongam, muitas vezes, até a idade adulta; mas, com o passar dos anos, diminuem sua intensidade e importância. Quando o objetivo da brincadeira não dá mais lugar a qualquer aprendizagem, as crianças cansam. Esta é a fase de descobrir o mundo através dos sentidos, e é por isso que o contato com os outros, com objetos e o mundo ao redor são as principais motivações lúdicas.

* **Jogos simbólicos** - Os jogos simbólicos caracterizam a fase que começa com o aparecimento da linguagem e que vai se estender até os 6-7 anos. Especialmente a fase dos 3 anos - com o aparecimento do "eu" - é importante para o desenvolvimento da imaginação e da fantasia. No jogo simbólico, as crianças se interessam pelas realidades simbolizadas, e o símbolo serve para evocá-las. As crianças não brincam para aprender a lavar-se ou a dormir, mas para utilizar com liberdade suas habilidades individuais, reproduzir suas ações para mostrá-las a si próprias e aos outros. Imitar, brincar de faz de conta, representar, desenhar, modelar, além de todas as atividades físicas e ao ar livre, são as ações a serem incentivadas neste período. As crianças brincam muito voltadas para si mesmas, e ainda é difícil para elas perceberem o outro como diferente.

Educadores, pais e cuidadores precisam estimular as crianças no seu faz de conta e na sua imaginação, oferecendo elementos e espaços adequados para que elas possam experimentar o mundo à sua volta, imitá-lo, compreendê-lo, expressá-lo. As crianças que não viverem com liberdade este período poderão necessitar, em algum momento das suas vidas, compensar esta falta.

* **Jogos de construção** - Esta fase ocupa uma posição entre o jogo e o trabalho, ou entre o jogo e a imitação, e ocorre de forma paralela à fase dos jogos simbólicos. A **construção** constitui a transição entre os três tipos e as condutas adap-

tadas. As crianças, pequenas pesquisadoras, fazem uso de materiais concretos e de conceitos abstratos. A construção e a desconstrução permeiam suas ações. Importante dar especial atenção aos brinquedos escolhidos, pois as crianças gostam de desmontar, descobrir o que tem por dentro de cada objeto, material ou brinquedo. Por exemplo: crianças de 2 ou 3 anos empilham blocos - materiais concretos -; mais adiante, elas irão construir conceitos matemáticos - conceitos abstratos.

* **Jogos de regras** - Embora o jogo de regras seja característico a partir dos 6/7 anos, as crianças começam bem antes a ter contato com eles. As regras são universais, externas às crianças ou a seus grupos. Jogos de tabuleiro e de quadra contribuem para a introdução das crianças no mundo socializado e com regras, levando a elas a consciência do outro e estimulando a competição e a cooperação.



Potencial do brincar para o desenvolvimento integral das crianças

Compreender qual é o impacto do brincar na vida das crianças implica conhecer como acontece o processo de desenvolvimento delas. As crianças se desenvolvem de forma integrada nos aspectos cognitivo, afetivo, físico-motor, moral, linguístico e social. Esses processos acontecem a partir das suas interações com o meio físico e social: elas vão conhecendo o mundo a partir de suas ações sobre este. Nessas interações, as crianças vão assimilando determinadas informações, segundo os seus estágios de desenvolvimento.

Estimular é fazer com que as crianças se tornem ativas, pelo que é importante prestar atenção aos estímulos que as tornam passivas (TV, videogames, alguns brinquedos). Movimentar-se, sorrir, falar, brincar estão ligados ao amadurecimento do sistema nervoso e têm um profundo sentido educacional, levando ao desenvolvimento de “redes neuronais” que poderão ser acionadas em aprendizagens posteriores. Nesse sentido, a família, a escola e o meio cultural são fundamentais para apresentar novas informações.

Afetos positivos nas interações das crianças com os adultos geram sentimentos de segurança e prazer, fatores imprescindíveis para a saúde mental.

Até o aparecimento da linguagem, as crianças conhecem o mundo através dos seus sentidos. Depois, na sequência, entram em um período de elaboração de **imagens internas** (fantasias, representações simbólicas) que vão se formando e se expressando; e de **percepções externas** que se impregnam nos seus corpos: o que ouvem, o que veem e experimentam fica gravado com maior ou menor impacto.

O potencial do brincar

Para cuidadores e/ou professores, é interessante propor brincadeiras e outras atividades que levem em conta a realidade de cada grupo de crianças, a partir de propostas que constituam desafios e sejam, ao mesmo tempo, significativas e capazes de incentivar a descoberta, a criatividade e o espírito crítico, possibilitando às crianças a construção de autonomia, criticidade, criatividade, responsabilidade e cooperação.

Deve-se prestar especial atenção para não considerar o brincar um único e exclusivo recurso de ação, já que essa seria uma postura ingênua. Trata-se de uma alternativa significativa e importante, mas seu uso não exclui outros caminhos como artes, movimentos, música, atividades com objetivos específicos, entre outras.

Há um aspecto ao qual se deve dar especial atenção quando se trabalha com o brincar de forma mais consciente, no sentido de resgatar sua espontaneidade e, junto com ela, sua importância no desenvolvimento integral das crianças.

O desenvolvimento integral das crianças

O desenvolvimento cognitivo

Piaget mostrou a importância do caráter construtivo do desenvolvimento cognitivo nas crianças, rejeitando a visão de que as ideias são inatas, adquiridas sem esforço ou transmitidas hereditariamente. Também esclareceu que o desenvolvimento intelectual é produto da própria atividade das crianças, que não param de estruturar e reestruturar seus próprios esquemas, de construir o mundo à medida que o percebem.

O desenvolvimento cognitivo é espontâneo e ligado ao processo geral da embriogênese, que diz respeito ao desenvolvimento do corpo, do sistema nervoso e das funções mentais. Trata-se de um processo de desenvolvimento total. Em outras palavras, refere-se à totalidade das estruturas de conhecimento.

Uma vez responsável pela formação dos conhecimentos, o desenvolvimento cognitivo é resultado de uma interação entre o sujeito - sua principal fonte - e o meio em que ele vive. A aquisição do conhecimento depende do desenvolvimento a que o sujeito está submetido. A assimilação de determinadas informações só é possível em certos níveis de desenvolvimento.

Podem-se distinguir três estágios ou períodos de desenvolvimento que marcam o aparecimento dessas estruturas sucessivamente construídas:

1. Período sensório-motor: do nascimento a um ano e meio de idade as crianças conhecem o mundo, os outros e os objetos ao seu redor a partir de:

- interações;
- percepção;
- sentidos;
- imitação;
- experimentação.

2. Período da inteligência representativa: a partir do aparecimento da linguagem - de um ano e meio até 6, 7 anos - desenvolvimento da:

- imaginação e fantasia;
- universo simbólico;
- faz-de-conta;
- teatro;
- contos;
- construção de conceitos.

a. Período Pré-operatório - 2 a 7/8 anos

Neste período as crianças estão muito centradas em si mesmas. É a fase dos 'porques' e elas agem simulando. As crianças percebem de forma global, sem discriminar detalhes. Elas agem no nível das intuições.

b. Período das operações concretas - 7 a 11/12 anos

As crianças desenvolvem neste período noções de tempo, espaço, causalidade, noções físicas. Elas dependem do mundo concreto ainda para chegar na abstração.

Nesta fase as crianças já são capazes de compreender e seguir regras e se colocar no lugar dos outros.

3. Período das operações formais: construção das estruturas intelectuais próprias (raciocínio hipotético-dedutivo): - dos 11 até os 15, 16 anos

Ocorre aqui o momento mais importante no desenvolvimento da inteligência: o ser humano consegue libertar-se do pensamento concreto. A partir deste período, o diálogo torna-se possível. O indivíduo consegue se colocar no lugar do outro e cooperar.

As fases de desenvolvimento da inteligência nas crianças são diretamente influenciadas pela hereditariedade e pelas experiências adquiridas por elas mesmas.

A característica essencial da aprendizagem, segundo **Lev Vygotsky**, compreende a área de desenvolvimento potencial. Ela faz nascer, estimula e ativa nas crianças processos internos no âmbito das inter-relações com outros, que são absorvidos pelo curso do desenvolvimento e se convertem em aquisições internas.

Lev Vygotsky (1896-1934), pensador russo. Foi um pioneiro ao propor que o desenvolvimento intelectual e cognitivo das crianças se dá em decorrência das interações sociais e das suas condições de vida.

A principal diferença entre o pensamento de **Piaget** e de **Vygotsky** foi a de que o primeiro partiu do estudo do indivíduo e generalizou para o estudo do coletivo, e o segundo partiu do coletivo para o individual.

O desenvolvimento através das interações sociais e da influência do contexto sociocultural

No processo de construção do conhecimento, as interações sociais entre as crianças devem ser distinguidas de outras interações (com objetos, com atividades), bem como das interações que ocorrem com os adultos. Graças às suas experiências sociais, as crianças têm acesso à cultura, aos valores e conhecimentos historicamente criados pelo homem. Vygotsky salienta ainda a importância da atividade das crianças na construção de seu conhecimento, tanto na família quanto na comunidade.

Ao se aprofundar no estudo do papel das experiências sociais e culturais a partir da análise do jogo infantil, Vygotsky afirma que as crianças transformam, graças à imaginação, os objetos produzidos socialmente. Por exemplo: um lápis poderá se transformar em um avião, uma caixa em um carro, e assim por diante. Dessa forma, as crianças internalizam conceitos do mundo e da sua cultura, experimentando e dando significados diversos aos objetos à sua volta.

Durante a atividade lúdica, as crianças podem ser despertadas pela consciência de conhecimentos sociais, que poderão ajudá-las no desenvolvimento de uma compreensão positiva da sociedade e na aquisição de habilidades.

O desenvolvimento da linguagem

A linguagem, forma de representação verbal, é uma habilidade básica no processo de desenvolvimento. De acordo com Piaget, ela só aparece depois do pensamento, que por sua vez depende, sobretudo, da coordenação de esquemas sensório-motores.

Por ser uma forma de comunicação e expressão, a linguagem constitui-se num meio de interação social. Falar, ler e escrever são recursos que o indivíduo utiliza para ter acesso aos conhecimentos construídos pela história e pela sociedade.

Paralelamente, a linguagem permite desenvolver a memória, a imaginação e a criatividade, bem como - e muito especialmente - passar do pensamento concreto ao mais abstrato. A linguagem é, portanto, o meio básico de comunicação social dos indivíduos. Até adquirir essa habilidade, as crianças se valem da atividade lúdica para comunicar seus pensamentos e sentimentos.

Uma vez que está intimamente relacionada à representação simbólica, a atividade lúdica reflete e facilita o seu desenvolvimento.

O desenvolvimento afetivo

À medida que a criança se desenvolve e interage com o meio e o grupo, são formadas suas identidades, autoimagem e personalidade. Indissociável do processo de construção do conhecimento é a afetividade, que, de fato, vai influenciar o caminho das crianças na escolha de seus objetivos.

Amor, ódio, agressividade, medo, insegurança, tensão, alegria ou tristeza são alguns dos afetos mais comuns, com os quais cabe ao educador lidar para encaminhar as crianças em seu desenvolvimento.

A motivação é outro fator que influencia o desenvolvimento. Se ela for significativa, as crianças vão se esforçar para desenvolver atividades mais complexas. Por outro lado, se as crianças estiverem afetivamente perturbadas, poderão sofrer

um bloqueio no desenvolvimento geral, uma vez que os problemas afetivos consumirão suas energias.

Nos primeiros anos de vida, a atividade lúdica espelha e melhora o progresso das crianças; na idade escolar, mediante a autoafirmação, essa atividade vai ajudá-las na tarefa de consolidação do eu. É por seu intermédio que se pode comprovar a importância dos intercâmbios afetivos das crianças entre si ou com os adultos significativos, como pais, professores e família. A atividade lúdica é uma “janela” da vida emocional das crianças, um espelho que revela o que a criança está vivendo, sentindo, seus medos, angústias, inseguranças.

A oportunidade de as crianças expressarem seus afetos e emoções através do brincar é estimulada pelo oferecimento de um ambiente e um espaço que facilitem a expressão. A tarefa de criar essas condições, no entanto, é do adulto.

O desenvolvimento físico-motor

Assim como o conhecimento, o sujeito constrói os movimentos, construção que não depende apenas de “recursos biológicos e psicológicos”, mas também de “condições do meio ambiente no qual ele vive” (*Freire, 1989*).

As crianças se desenvolvem por meio da exploração do corpo e do espaço. Para Piaget, a ação psicomotora é precursora do pensamento representativo e do desenvolvimento cognitivo. A interação das crianças em ações motoras, visuais, táteis e auditivas sobre os objetos do seu meio é essencial para o seu desenvolvimento integral. A atividade sensório-motora é especialmente importante para o desenvolvimento de conceitos espaciais e da habilidade de utilizar termos linguísticos correspondentes.

A atividade lúdica é um meio básico mediante o qual se dá o desenvolvimento físico-motor. O equipamento utilizado e os espaços pensados para a brincadeira são fundamentais para a motivação de diferentes tipos de jogos motores.

A introdução de brincadeiras que estimulem o desempenho físico-motor nunca foi tão importante como hoje em dia, quando a brincadeira infantil vem sendo comprometida por atividades sedentárias, como ver televisão e brincar com jogos no computador.

Dessa forma, também para o desenvolvimento físico-motor, brincar tem papel fundamental no ambiente escolar, e deve ser aproveitado num trabalho integrado com áreas afins.

O desenvolvimento moral

O desenvolvimento moral é também um processo interior construído ao longo do tempo. As regras exteriores são apropriadas pelas crianças, quando elas as constroem sem pressões. As crianças criam suas próprias regras morais quando resolvem “sacrificar certos benefícios imediatos em proveito de uma relação recíproca de confiança com o adulto ou com outras crianças” (Kamii, 2009). Essa relação é o pano de fundo para o desenvolvimento da autonomia, que só pode ser conseguida com a cooperação.

Nessa linha de pensamento, Piaget constata que a forma mais interessante de promover a cooperação, fator essencial do progresso intelectual, é o trabalho em grupo.

Os jogos em grupo, norteados por regras convencionais, arbitrárias, fixadas por convenção e consenso, são particularmente interessantes. “Os papéis de cada criança são interdependentes, pois um não pode existir sem o outro; são opostos, pois um tem que prever o que o outro vai fazer, o que implica a possibilidade de usar de estratégia; são colaboradores, pois o jogo não pode acontecer sem um mútuo acordo dos jogadores nas regras e uma cooperação, seguindo-as e aceitando suas consequências” (KAMII & DEVRIES, 1991).

Os jogos são sistemas complexos de regras, e as regras morais, por sua vez, são recebidas, a cada geração, pelas anteriores, ao passo que os jogos sociais comportam regras elaboradas pelas crianças. Na transmissão das regras do jogo de bolinhas, por exemplo, os mais velhos passam primeiro às crianças a forma de brincar.

No jogo estão compreendidas:

- a cooperação e a autonomia;
- a consciência da regra;
- a consciência da razão de ser das leis.

Importante frisar que os bebês e crianças entre 0 e 3 anos, por ainda estarem em uma fase egocêntrica, não têm como adquirir esta noção de grupo. Mas é nesta idade que as primeiras sementes, através da convivência com outras crianças, família ou grupos, podem desencadear esta percepção para o seu desenvolvimento futuro.

Todas as áreas de desenvolvimento foram analisadas de forma independente para melhor caracterização. No ser humano, porém, elas existem integradas, o que não permite isolá-las umas das outras.

Espaços, atividades, brincadeiras e brinquedos adequados

Espaços

Desde o nascimento até os 3 anos, as crianças precisam sempre de um adulto por perto. O espaço no qual a criança se movimenta precisa ser seguro, minimizando os riscos de acidentes.

Nesta idade, é muito importante que as crianças saiam diariamente para tomar ar puro e sol entre 9h e 11h, ou entre 15h e 16h. Que estejam em contato com a natureza em locais em que não haja risco de levar à boca aquilo que possa machucá-las ou levar doenças ou contaminação. A criança precisa ser protegida contra o excesso de exposição ao sol, mas deixada solta para explorar o espaço e as diferentes possibilidades. No parquinho, é importante reparar se a areia está limpa e se os brinquedos não oferecem riscos com lascas, pontas, pregos, etc. A criança leva tudo à boca, e por isso o olhar permanente do adulto e a adequação do entorno são essenciais.

A criança precisa de estímulos, mas sem exageros. Ambientes como *shopping centers* ou espaços muito barulhentos e lotados não são adequados, pois acabam deixando os pequenos muito irritados. Espaços de convivência comunitários, teatrinhos voltados para esta faixa etária, sobretudo para as crianças de 2 e 3 anos, precisam ser escolhidos com atenção com relação aos conteúdos, para que elas não fiquem assustadas e para que haja liberdade para se movimentarem. As crianças precisam poder se deslocar, correr, experimentar o próprio corpo. Em geral, as crianças pequenas não permanecem concentradas mais do que 10 a 15 minutos na mesma atividade. Espaços menores, seguros e sem exagero de barulho e estímulos são os mais interessantes.

Quando em casa, é importante que a criança esteja em espaços por onde possa se movimentar e ter objetos ou brinquedos adequados que possa explorar levando à boca, jogando, deixando rolar, que não venham a machucá-la. Objetos ou brinquedos sonoros, que estimulem o movimento, a preensão, a curiosidade são ótimos, mas nada em excesso.

As crianças, nesta idade, precisam de rotinas: para comer, para dormir, serem higienizadas, brincar etc. Passeios podem cansá-las, portanto não é recomendável exagerar ou emendar um programa no outro. É importante que o adulto se adéque ao programa da criança e não o contrário.

As atividades e brincadeiras

- 1. Brincadeiras e jogos livres** - o tempo livre das crianças é essencial para o seu desenvolvimento. É a hora em que cada criança escolhe do que quer brincar, com quem, com o quê. É a oportunidade de o adulto conhecer os gostos, interesses e habilidades das crianças.
- 2. Brincadeiras e jogos direcionados ou estruturados** - brincadeiras, jogos, materiais e brinquedos podem constituir a grande possibilidade para introduzir ou ensinar diversos conteúdos, atitudes e valores. É possível, através de atividades criativas, brincadeiras, jogos e inúmeras atividades adequadas, trazer a ludicidade para introduzir:
 - os primeiros sons e palavras da língua nativa ou de outras - através do teatro, contação de histórias ou dos jogos de papéis;
 - noções matemáticas - através de jogos e brincadeiras com números, contagem dos dedos, de objetos, músicas ou brincadeiras com os dedos etc.;
 - incentivo às artes e à criatividade - através da criatividade, manuseio de diversas técnicas e materiais e dos jogos de construção: com giz de cera, tintas não tóxicas, massinhas, construções com cubos, na areia ou na terra, construção de casinhas, cidades etc.;
 - incentivo ao movimento - focando nas brincadeiras e jogos sensório-motores e brincadeiras físicas: brincadeiras de pular, rodar, empurrar com elementos de apoio, bolas, etc.

O interessante é chegar a um equilíbrio entre os dois tipos de brincadeiras - as livres e as direcionadas - e sempre levar em conta a adequação, conforme o estágio de desenvolvimento de cada grupo de crianças, interesses, necessidades e potenciais. É importante observar e registrar a qualidade do brincar do ponto de vista motor, social, emocional, estético, cognitivo, comunicativo e moral, assim como as diversas temáticas e os comportamentos que aparecem durante as brincadeiras, já que as crianças, como anteriormente explicado, desenvolvem-se de forma integral.

Embora existam inúmeros programas de televisão especialmente pensados para a primeira infância, não é recomendável a exposição à TV, computador ou vídeos por longos períodos. E a seleção do que as crianças assistem deve ser bem criteriosa. As crianças pequenas precisam experimentar e usar todos seus sentidos para poder desenvolver-se de forma saudável, e o universo digital é somente um dos estímulos que irão contribuir com este desenvolvimento. Expô-las a esse estímulo durante períodos muito longos irá prejudicar este processo de desenvolvimento integral.

Faz de conta

As brincadeiras de faz de conta não têm regras fixas, pois mudam conforme cada criança, o seu momento, os objetos com os quais brinca, o que está vivendo, seus companheiros de brincar, situações que quer compreender, medos que precisa assimilar.

O faz de conta (brincar de casinha, médico, supermercado ou outras situações que reproduzem a vida real), a imitação, o teatro, brincadeiras corporais, de construção, de roda, musicais, confecção de brinquedos com sucata, introdução de brincadeiras tradicionais, teatrinhos de fantoches, teatros de sombras etc., trabalhos manuais adequados, mágicas, construção de pipas - com a assistência de um adulto - ou outros brinquedos, entre inúmeras outras atividades, são exemplos do imenso repertório que pode ser proposto às crianças no estágio do Jogo Simbólico.

O faz de conta tem o potencial de desenvolver valores, socialização, expressões diversas, cuidados; aproximar da vida real, imaginada, desejada, temida. Ajuda as crianças a trabalharem, de forma inconsciente, conflitos ou sofrimentos que possam estar vivenciando e a assimilarem situações do seu entorno.

Brinquedos de construção

Brinquedos de montar, construir e encaixar são adequados e auxiliam as crianças a montarem suas próprias cidades, casas, cenários ou histórias.

Habilidades psicomotoras, incluindo a coordenação olho-mão e o desenvolvimento da habilidade dos dedos e das mãos, podem ser estimuladas com brinquedos de montar e desmontar mais complicados, blocos de tamanhos e formas diferentes, assim como jogos e quebra-cabeças simples.

Pelo fato de a criança ser um “pequeno cientista” que quer descobrir sempre o que tem “por dentro” dos brinquedos ou objetos, é fundamental a escolha criteriosa dos materiais aos quais ela tem acesso.

Brincadeiras de roda

As brincadeiras de roda funcionam para juntar as crianças em grupo. Em geral, são acompanhadas de músicas ritmadas e nelas participam todas as crianças da mesma forma. As regras variam conforme a brincadeira. As canções são geralmente ritmadas, simples e fáceis de serem memorizadas pelas crianças.

Estas brincadeiras são muito atrativas para os bebês e para as crianças pequenas, pois acolhem, dão segurança, permitem que elas se vejam, se reconheçam, se organizem. Aprendem ritmos, a bater palmas, incorporam novo vocabulário, aprendem a esperar a vez, a sentar, a movimentar-se seguindo uma direção, desenvolvem a motricidade, trabalham o corpo, as emoções, a autoestima e diversas habilidades.

Atividades corporais

Atividades com bola, corda, materiais que incentivem o movimento e que estimulem brincadeiras corporais, como tico-tico, carrinhos para puxar, subir ou para carregar brinquedos; objetos para subir ou cavalgar, são ótimas escolhas. São também boas opções os brinquedos para o ar livre, como bolas, brinquedos infláveis, espelhos d'água ou caixas de areia com pás e cubos.

As brincadeiras com bolas são uma introdução aos jogos estruturados, e as re-

gras variam de uma a outra. As bolas devem ser grandes ou médias e leves para as crianças pequenas. Estas brincadeiras não precisam ter regras fixas, pois as crianças ainda não estão prontas para segui-las.

A bola motiva, atrai, socializa, trabalha a coordenação motora, capacidades e habilidades corporais e o movimento.

Os materiais e brinquedos

Na seleção de brinquedos e materiais, são importantes as cores, tamanho, não toxicidade de tintas, materiais que não machuquem, materiais naturais. Sobre tudo para os bebês, escolher objetos grandes, atóxicos, com costuras reforçadas, sem lascas, sem pontas, sem fios, de preferência materiais naturais - algodão, lã, madeira, já que elas levam tudo à boca e exploram através dos sentidos.

Os brinquedos devem estimular a fantasia, a construção, a cognição e o movimento físico motor: brinquedos feitos de sucata, panos, madeira, bolas, blocos, motocas; móveis em escala, acessórios de casinha, bonecas, acessórios para construção de cenários, fantasias, blocos de encaixe, jogos de construção; acessórios para brincadeiras, materiais para artes plásticas, livros de pano, plástico, cartolina, dão o tom às propostas e devem respeitar interesses, necessidades, potenciais e a cultura local.

Atitudes das crianças ao brincar

No ato de brincar, as crianças reagem com seu corpo, movimentos, gestos, olhares, sorrisos, expressões faciais de desconforto, frustração e alegria, conquista. Com o movimento de mãos, braços e pernas, demonstram sua agitação, excitação, euforia.

Frente ao estímulo de uma voz, um barulho, uma música, um som, reagem com o corpo na direção de onde vem, podendo gostar ou não, ficar assustadas ou começar a imitar o que escutam.

As crianças, quando motivadas a alcançar um objeto ou uma pessoa próxima, são desafiadas a se movimentar. Brinquedos ou objetos estimulantes, interessantes

as fazem reagir com seus corpos.

As crianças, ao observarem outras pessoas, imitam seus gestos e comportamentos de comunicação, alegria, tristeza, raiva, surpresa etc.

As crianças tendem a responder aos inúmeros desafios a elas apresentados de forma proativa, reagindo positiva ou negativamente, tanto física quanto emocionalmente, com entusiasmo ou com medo, agindo ou ficando quietas. As brincadeiras e brinquedos estimulam também as crianças a se expressarem através de sons, imitando, balbuciando, dando gritinhos, experimentando repetir os sons das palavras que escutam.

Crianças ficam muito motivadas quando suas pequenas conquistas são comemoradas. Assim, conseguir rolar uma bola, alcançar um objeto, pegá-lo, construir, montar, ou experimentar gera a mais ampla gama de reações, base para o desenvolvimento da personalidade e do temperamento. Por exemplo: as crianças irão reagir com alegria, frustração, insistência ou desistência, paciência, raiva etc. Todas essas emoções são expressões determinantes do seu perfil psicológico.

O papel do educador

O educador que pretende facilitar os processos de desenvolvimento das crianças precisa:

- ser um alavancador de novos rumos, motivador para a mudança, autoconhecimento, autotransformação e reformulação de valores orientados para um mundo mais cooperativo, considerando a preponderância da competitividade no mundo atual;
- saber ouvir, observar e reconsiderar o processo de desenvolvimento das crianças;
- refletir a respeito da sua própria prática, recriando-a em função das necessidades das crianças sob sua responsabilidade, avaliando o seu processo e a sua postura;
- reconstruir, junto com outros colegas, os saberes;
- ser flexível e aberto para as mudanças;

- trabalhar a partir dos conflitos, procurando caminhos para resolvê-los;
- utilizar o erro como alavanca e desafio para novas possibilidades e aprendizagens;
- formar, propiciar a abertura de canais nas crianças e oferecer ferramentas para que cada uma possa ser ela mesma, se descobrir, se expressar, e para procurar, dentro de si e no mundo externo, as informações necessárias para o seu crescimento;
- facilitar e orientar os processos de desenvolvimento das crianças, colocar questionamentos que as “provoquem” e as “desequilibrem”, em prol da sua transformação, seu desenvolvimento e aprendizagens.

Premissas básicas para a capacitação dos cuidadores e dos educadores

Há três fatores básicos no trabalho educacional:

1. a ação - fazer;
2. a reflexão - pensar, refletir;
3. o sentimento - perceber, sentir;

O educador está sempre fazendo, propondo, atuando. Dentro do âmbito do fazer e propor não podemos trazer uma proposta desvinculada de uma reflexão, de um planejamento prévio. Mas o fazer não deve se limitar ao propor, conduzir, controlar e ensinar. Há um ingrediente fundamental nesse fazer que é o *observar* e *escutar*: grande desafio de tomar distância e reconhecer a singularidade e a individualidade de cada criança. É a forma que temos de ter informação sobre o momento, os sentimentos, os valores, os pensamentos de cada uma delas.

O que é possível observar no ato de brincar das crianças:

- brincadeiras espontâneas;
- movimentos, expressão corporal;

- emoções, sentimentos;
- vínculos, trocas;
- habilidades;
- interesses;
- necessidades;
- valores;
- potenciais;
- dificuldades.

Em que situações observar

Em todas as situações possíveis é importante observar as atitudes, reações e comportamentos das crianças, inclusive enquanto elas são trocadas, durante a alimentação, no banho, no decorrer das brincadeiras livres - dentro da sala, no momento de escolhas autônomas, na hora do recreio e no decorrer das brincadeiras direcionadas e/ou coletivas.

A ampliação do repertório a partir do estudo de teorias, autores e pesquisas na área; dados e informações colhidas a partir da observação e escuta; e a troca com outros profissionais, participação em cursos etc., são parte do processo de reflexão permanente sobre o trabalho desenvolvido junto às crianças.

Adequar as propostas às diversas faixas etárias e aos interesses, necessidades, habilidades, potenciais e dificuldades é ponto de partida para um processo educacional bem-sucedido.

É fundamental a percepção pelo educador, dos próprios sentimentos, *insights*, intuições e reações frente às crianças. O educador é espelho do grupo de crianças com o qual trabalha, ao mesmo tempo em que o grupo é seu espelho. Ele pode ter a percepção dos sentimentos e emoções das crianças, nem sempre verbais, e a percepção dos seus próprios sentimentos.

No processo de autodesenvolvimento do educador, é importante que ele se dedique ao seu fazer pessoal (pintar, dançar, cantar, escrever etc.); estar em processo

permanente de autoconhecimento através da percepção dos seus *insights* pessoais, introspecção, sinais do corpo - tanto quando está com as crianças quanto em outras situações. E, finalmente, a necessidade da reflexão juntando os seus conhecimentos com os seus fazeres e suas percepções. Ele precisa refletir a respeito da sua postura: objetivos, métodos utilizados, resultados obtidos. E, a seguir, pesquisar possibilidades. E, então sim, reequilibrar e readequar.

A partir da observação e da escuta, é importante registrar (fotos, filmes, escrita, gravações, impressões); analisar, discutir em equipe, refletir a respeito das informações obtidas; replanejar e avaliar de forma contínua; bem como ter flexibilidade para ampliar o leque de atividades lúdicas e temas de trabalho.



Referências

- ABRINQ. *Guia de Brinquedos - Os melhores do ano 1999/2000*. Rio de Janeiro: Globo, 1999.
- ALIANÇA PELA INFÂNCIA. *Caminhos para uma Aliança pela Infância*. Editora Aliança pela Infância, 2004.
- BRAZELTON, T. B.; GREENSPAN, S. *As necessidades essenciais das crianças*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- EDWARDS, C. *As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância*. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- FALK, J. (org.). *Educar os três primeiros anos - a experiência de Lóczy*. Araraquara: JM Editora, 2004.
- FREIRE, J. *Educação de corpo inteiro: teoria e prática da educação física*. São Paulo, Scipione, 1989.
- FRIEDMANN, A. *O brincar no cotidiano da criança*. São Paulo: Moderna, 2006.
- _____. *O desenvolvimento da criança através do brincar*. São Paulo: Moderna, 2006.
- _____. *O universo simbólico da criança: olhares sensíveis para a infância*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2005.
- _____. *A arte de brincar*. 1. ed. São Paulo: Scritta, 1992. Nova edição. Petrópolis/RJ: Vozes, 2004.
- KAMII, C. *Jogos em grupo na Educação Infantil*. Ed. Penso, 2009.
- KAMII, C. & DEVRIES, R. *Jogos em grupo na educação infantil: implicações da teoria de Piaget*
- PIAGET, J. *A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978 (1948).
- VYGOTSKY, L. *Pensamento e linguagem*. Lisboa: Antídoto, 1979.





FAMÍLIA



s seres humanos nascem em famílias. Todos nós tivemos pai, mãe (mesmo que não os conheçamos, ou não tenhamos convivido com eles) e às vezes irmãos. Só nos tornamos humanos pela ação humanizadora da família.

Nas relações familiares, através das experiências do cotidiano, aparecem emoções diversas: amor, ódio, rivalidade, ciúmes, inclusão, exclusão etc. É através destas experiências que nos constituímos e, ao mesmo tempo, constituímos a nossa família. Cada um internaliza essa rede de relações de forma própria: real, imaginária e simbólica. Ou seja, ainda que as famílias compartilhem um ponto de vista comum, cada membro desta família terá sua forma própria de compreender e se relacionar com ela.

O nascimento da família

Durante o período de gestação, a futura mãe torna-se mais sensível para sentir e perceber os estados emocionais primitivos, o que lhe possibilita a compreensão das necessidades desconhecidas do futuro bebê. A mãe necessita do apoio e da proteção do pai, ou da família, para que isso seja possível. O pai, quando presente, envolvido e disponível, torna-se um grande colaborador quanto aos aspectos práticos para a chegada do bebê. Isso contribui para que o homem possa tolerar o sentimento de perda do relacionamento exclusivo que até então existia com a parceira. A futura mãe vive um sentimento parecido, entretanto, “a intimidade a dois” em relação ao bebê pode vir a compensar essa perda. É importante que o casal tenha um vínculo forte de confiança mútua que dê o suporte necessário a esse período em que a dedicação ao bebê é fundamental para o seu desenvolvimento.

No momento do nascimento do filho, os pais se deparam com a tarefa de integrar fantasia e realidade. Existe um bebê imaginário que povoou seus sonhos e fantasias, e um outro - o bebê real - que agora pode ser visto, ouvido e, finalmente, tomado nos braços. O bebê necessita encontrar um ambiente contínuo que acalme suas angústias e permita estabelecer a continuidade com os elementos da vivência pré-natal. A mãe, ao cuidar do seu bebê, ao mesmo tempo em que garante o seu bem-estar físico, alimentando, trocando as fraldas, atendendo às necessidades dele, também o “alimenta” de amor e sentimento de segurança. Estas experiências contínuas possibilitam que a díade mãe-bebê possa se descobrir e reencontrar-se ao mesmo tempo. Este vínculo tecido durante a gravidez é posto à prova a partir do nascimento e precisará ser retecido durante a vida, tornando-se mais completo.

Ao nascer, o bebê perde a tranquilidade do útero materno e chega a um mundo estranho, frustrador, ao qual ele vai ter de se adaptar. A capacidade da mãe de tolerar a aflição do bebê, digerir e nomear as angústias faz com que o bebê suporte melhor a ansiedade. Quando a mãe possui esta capacidade, aos poucos a criança também a desenvolve, criando, dentro de si mesma, os meios para tolerar a frustração e a dor. A mãe, na sua função cuidadora e de atenção/dedicação ao bebê, é capaz de transformar a turbulência emocional do bebê, tolerando-a dentro de si e procurando compreender o sentido do que se passa com o bebê. É assim que, ao tentar nomear e dar sentido ao que se passa, a mãe vai ajudando o filho a gradativamente ir suportando e compreendendo essas vivências inicialmente sem sentido e perturbadoras para o bebê. Aos poucos, o bebê torna-se capaz de armazenar, simbolizar e sonhar tais experiências.

A chegada do novo bebê mobiliza a totalidade da cadeia geracional. A cadeia geracional se reposiciona, pois agora o filho passará a ser pai e a filha a ser mãe, assim como os pais passarão a ser avós, e os irmãos, os tios. A partir desta nova experiência, se reconstroem novos lugares familiares. Então, podemos dizer que não existe bebê sem mãe, nem mãe sem bebê, o mesmo acontecendo com pai, avós e tios.

A construção dos vínculos

Após o parto, é necessário que a mãe possa descentrar-se e perceber o bebê enquanto separado dela. Torna-se fundamental que este período seja vivido em plenitude, pois é aí que se constitui a base do vínculo. A emoção fundadora constituirá a base de sustentação, e, quando, mais tarde, surgirem momentos difíceis, estas serão as primeiras referências. A mãe, na maioria dos casos, tende a se adaptar quase completa às necessidades do bebê, e isso possibilita uma experiência de continuidade. A mãe se apresenta onde o bebê necessita encontrá-la. Por exemplo: o bebê sente um desconforto e chora. A mãe irá procurar, através de sua intuição e ligação com seu bebê, entender e atender à necessidade de seu filho. É assim que o pequeno bebê vai compreendendo o mundo e as sensações que experimenta. Gradativamente, a descontinuidade, ou o tempo de espera, é experimentada, e aos poucos o bebê vai desenvolvendo recursos para suportá-la.

O período inicial da vida de um bebê é um período em que ele depende inteiramente de seus pais. Posteriormente, no período de dependência relativa, o bebê começa a perceber que necessita da mãe, alguém que é separado dele. Temos como exemplo: quando a mãe está longe por um tempo superior à sua possibilidade de aguardar, aparece a ansiedade no bebê, frente à falta da mãe. Quando o amparo emocional familiar é insuficiente, o bebê buscará meios de suportá-la, usando de recursos tais como: agarrar-se a um objeto macio, uma voz, um cheiro, que possa conter sua tensão. Poderão aparecer distúrbios digestivos, de sono, psicomotores como agitação e instabilidade. Estas são formas de defesa contra angústias que não puderam ser contidas e transformadas pelo ambiente familiar. Os pais, com sensibilidade e contato com seu bebê, vão modulando a necessidade de continuidade/descontinuidade, isto é, presença/ausência.

Os pais são também os responsáveis por “desiludirem” gradualmente o bebê, apresentando-o à realidade. O bebê vive sob a égide do princípio do prazer; ele necessita que a mãe (ou quem esteja disponível para exercer esta função), que está adaptada às necessidades do bebê, vá, à medida que o tempo passa, diminuindo essa adaptação e apresentando-lhe a realidade. É algo saudável que as primeiras frustrações aconteçam dentro da família.

SAIBA MAIS

Os pais têm como função oferecer acolhimento, e, à medida que o bebê vai saindo do estado de dependência total, também caberá aos pais a função de colocar limites. O bebê depende dos seus pais para constituir-se e tornar-se pessoa, assim como os pais dependem do bebê e desta experiência, que os torna diferentes daqueles que não são pais. Neste percurso, pais e filhos vão aprendendo uns com os outros a tecer os vínculos desta nova família.

A família de 0 a 3

A mãe é quem vai progressivamente apresentando a realidade ao bebê. Neste período, a criança passa a chupar, se agarrar a uma fraldinha, um cobertor, um pedacinho de pano; se apega a esses objetos e recorre a eles quando precisa de algum consolo na hora em que ocorre a separação entre ela e sua mãe. Esses objetos parecem representar meio passo do apego entre a mãe e o mundo externo. Algumas crianças são tímidas e retraídas, necessitando permanecer mais tempo perto de seus pais antes de se sentirem preparadas para enfrentar o mundo de forma mais independente. Outras têm um comportamento mais ativo e se sentem atraídas por todo tipo de novidade.

Esse período caracteriza-se pela aceleração do desenvolvimento afetivo, intelectual e motor. É uma fase importante no estabelecimento da confiança e no senso de iniciativa. A criança, no processo de separação e individuação, cada vez mais reconhece que os pais são pessoas distintas dela. A criança desenvolverá autonomia se puder confiar em pais que a façam sentir-se segura e protegida. A partir desse sentimento, ela poderá testar novas coisas e aprender como funciona o mundo que a rodeia. Ao responder às necessidades da criança que já aprendeu a falar e caminhar, a função dos pais como protetores sofre uma transformação. Eles ensinam seu filho, por meio do diálogo, a encontrar soluções, e isso possibilitará à criança começar a lidar com conflitos. Esse novo tipo de vínculo com os pais constitui o melhor aliado da criança num momento de dor e frustração, porque a protege do desespero e do colapso emocional. A criança aprende que pode viver momentos de dificuldades e superá-los. Por meio

do vínculo afetivo com os pais é possível internalizar a função de apoio, possibilitando que a criança leve isso dentro de si mesma aonde quer que vá. Na relação entre pais e filhos, evidenciam-se diferenças, desacordos e conflitos de interesses, podendo aparecer atitudes desafiadoras, gritos e mau humor. A forma como os pais vão viver e lidar com as diferenças e os conflitos servirá como modelo. A firmeza dos pais fornece à criança a crença em adultos confiáveis que não a deixarão abandonada aos próprios impulsos.

A firmeza é também o meio através do qual os pais vão orientando seus filhos a partir de regras e limites. Contudo, essas experiências são, muitas vezes, difíceis para os pais, que sofrem ao ter que frustrar seus filhos. Sentem a frustração imposta aos filhos como falta de amor, mas, ao contrário, a vivência de frustração, desde que não excessiva, é fator organizador para as crianças, orienta o mundo e as relações, e é imprescindível na socialização destas.

A criança pequena tem em seus pais um modelo de identificação e muitas vezes de imitação. É com eles que vai aprendendo a estar no mundo. É fundamental, no entanto, que as famílias possam progressivamente reconhecer seus membros como sujeitos distintos, favorecendo sua discriminação, autonomia e independência, atuando no mundo com aquilo que é próprio e singular de cada um. Para isso, é necessário tolerar as diferenças e aceitar o novo que se apresenta em cada nova fase da vida.

O mundo vai se ampliando: pais, irmãos, tios, primos e amigos. O pai e a mãe são importantes e admirados. A menina brinca de ser como a mamãe, e o menino, de ser como o papai; às vezes, os papéis se invertem. As

SAIBA MAIS

Cada etapa do desenvolvimento da criança é influenciada pela presença ou ausência de uma base segura e pelo vínculo de afetividade e contenção que se estabelece entre ela e seus pais.

meninas são mães e têm filhos de quem cuidam nas brincadeiras. Os meninos também brincam de bonecas como bebês, e as meninas de serem pais. As crianças admiram e gostam de ter a capacidade da mamãe de ter filhos e alimentar os bebês. O pai também é admirado na sua potência. Os desejos de ter a mãe só para si, de expulsar o pai do quarto (ou o oposto), são universais. Assim se apresenta essa situação triangular: amor e ciúmes aparecem quando o pai não desiste do seu lugar junto à mãe; a criança, então, é tomada por sentimentos de rivalidade, ódio e culpa, por ter esses pensamentos em relação ao pai, que também é muito amado.

A criança tem ciúmes do relacionamento entre os pais e se sente excluída. Ela demonstra isso através do desejo de introduzir-se no quarto de dormir ou na cama dos pais, por meio da dificuldade de dormir ou da tentativa de jogar o pai contra a mãe e vice-versa. Pode ser que a criança se comporte bem só com o pai ou só com a mãe, mas se torne um tanto difícil diante da presença dos dois.

Os pais, ao entrarem em contato com esta trama de sentimentos, por um lado ativam a lembrança da forma como foi vivida esta experiência em sua própria infância, e, por outro, estão diante da possibilidade de elaborar interdições e criar novas relações amorosas.



A família nuclear e as famílias de hoje

Cada um de nós é fruto de um grupo que convencionamos chamar família, e é neste grupo que nos constituímos como sujeito. Esse grupo - a família -, ao mesmo tempo em que é transformado pela chegada de cada novo membro, também imprime neste membro suas marcas. E como é que faz isso? Cada grupo familiar tem um modo próprio de funcionamento, aquilo que o caracteriza: o modo como seus membros interagem uns com os outros e com o mundo externo à família, o modo de se relacionar afetivamente, os valores que sustenta, os sistemas de crenças adotados e os códigos existentes em cada família. E é no interior desta rede de vínculos afetivos, que preexiste ao nascimento do bebê, que a personalidade deste novo ser é constituída. Quando uma criança nasce, ela já vem ao mundo marcada pela história de sua família, de seus pais, dos pais de seus pais, daquilo que seus pais desejaram ou como imaginaram aquela criança. Assim, a família vai moldando o desenvolvimento de seus membros. Às vezes, em decorrência de dificuldades nessas relações, a família pode perturbar o desenvolvimento sadio e pleno de seus membros.

No mundo ocidental em que vivemos, temos em nosso imaginário um modelo do que consideramos família. Pensamos habitualmente família como um agrupamento de pessoas composto por pais - normalmente pensamos em pai e mãe - e filhos vivendo juntos, ou seja, uma família denominada nuclear. E, ainda, ao pensarmos no conceito de família, cada um de nós tem como parâmetro ou como referência suas próprias famílias e as experiências vividas no nosso ambiente familiar. Contudo, as famílias são muito singulares e diferentes entre si. Além disso, as formas de organização e constituição das famílias nem sempre foram as mesmas e variam segundo o momento histórico, cultural, social e político em que vivemos.

A família nuclear como forma de organização familiar nem sempre existiu. Este modelo principia em fins do século XVIII e início do XIX nas classes médias europeias e teve como principal motivação a crença na necessidade de garantir-se um ambiente protegido e protetor para as crianças. Ou seja, a base do modelo nuclear originou-se a partir da relação nuclear entre mães e filhos oriundos das classes sociais menos favorecidas, já que estas sempre foram livres dos mandatos relativos ao casamento, em que as principais motivações eram a criação de alianças entre famílias e a garantia da transmissão do patrimônio.

Assim, a socialização dos sujeitos passa a se dar no espaço reduzido da família nuclear, sob a total responsabilidade das mães, enquanto ao pai era atribuída a função de suporte econômico e provimento da família. Vemos, desta forma, como o modelo tradicional patriarcal que conhecemos tem suas origens a partir de mudanças culturais, sociais e históricas e não pode ser dissociado desta complexa gama de fatores.

Um levantamento de definições de família feito pelas autoras Burin e Meler (2006) ilustra bem a dificuldade em encontrar uma definição que abarque todos os aspectos das maneiras como as famílias podem se organizar. Citamos algumas delas:

Grupo social que existe enquanto tal em que a representação de seus membros, o qual é organizado em função da reprodução (biológica e social) pela manipulação, de um lado, dos princípios formais de aliança, da descendência e da consanguinidade, e, por outro, das práticas substantivas da divisão sexual do trabalho. (p. 60)

Ou ainda a definição do Bureau do Censo dos Estados Unidos da América: “Um grupo de duas ou mais pessoas que residem juntas e que estejam relacionadas por consanguinidade, matrimônio ou adoção” (p. 61).

O *Novo Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa* dá inúmeras definições, dentre as quais:

1. Pessoas aparentadas, que vivem em geral na mesma casa, particularmente o pai, a mãe, e os filhos., 2. Pessoas do mesmo sangue, 3. Ascendência, linhagem, estirpe, 9. *Sociol.* Comunidade constituída por um homem e uma mulher, unidos por laço matrimonial, e pelos filhos nascidos dessa união.

Lévi-Strauss, citado por Puget e Berenstein (1993), psicanalistas e estudiosos das relações familiares, elenca como invariantes ligadas ao começo de uma família:

1. A família tem sua origem no matrimônio
2. Inclui o marido, a mulher e os filhos nascidos desta união, formando um núcleo ao qual outros parentes podem eventualmente se agregar.
3. Os membros de uma família estão unidos entre si por:

- a) laços jurídicos
- b) direitos e obrigações de natureza econômica, religiosa e outras.
- c) uma rede precisa de direitos e proibições sexuais e um conjunto variável e diversificado de sentimentos, tais como o amor, o afeto, o respeito, o temor etc. (p. 5)

Podemos verificar, a partir destas variadas definições, que nenhuma delas abrange a diversidade de composições e formas de organização possíveis que caracterizam as famílias contemporâneas.

Assim, se é difícil encontrar uma definição única para o conceito de família, devemos, ainda, somar a isso um complicador a mais, que são as aceleradas transformações que nossas instituições (o casamento e a família inclusive) e a sociedade em geral têm vivido, resultando em transformações nas subjetividades e constituição dos sujeitos. A sociedade ocidental contemporânea, talvez de maneira mais explícita do que em outros tempos, evidencia uma pluralidade de valores e modos de vida, convivendo num mesmo espaço temporal, nem sempre de maneira pacífica, uma vez que, sempre que um modo novo ou diferente se instala, ele ameaça outros modelos já instituídos.

O novo é, via de regra, ameaçador, ainda que possa ser atraente. Mas sabemos, por exemplo, que o bebê, se não for “retirado”, pelo incentivo de seus pais ou cuidadores, de seu lugar de conforto, onde pode tudo, e onde os pais procuram adivinhar todas as suas necessidades e vontades, jamais irá, de “livre e espontânea vontade”, enfrentar-se com as interdições, as proibições, as frustrações inerentes à vida e seu desenvolvimento. Em outras palavras, não adquirirá condições de suportar e reconhecer a existência de leis familiares e sociais que o impedem de poder tudo o que queira no momento que o queira, como é privilégio de bebês muito pequenos. Para que uma criança possa se desenvolver, amadurecer e fazer parte da cultura e do mundo das relações, é necessário que, à medida que for crescendo, possa abrir mão desta condição inicial infantil a fim de que possa adentrar a vida em sociedade (ou escolar, na situação das crianças). Ou seja, é importante que as crianças possam aceitar limites impostos por seus pais, e que os pais possam suportar colocar limites para seus filhos.

Como já assinalado, muitas vezes, os pais têm muita dificuldade em colocar limites, frustrar seus filhos. Um dos motivos que levam os pais a terem esta dificuldade é a vida atribulada de trabalho que os leva a ter menos tempo disponível para as crianças. Em consequência, procuram compensá-las impondo menos limites, ou dando-lhes presentes. Ou, ainda, os pais temem não ser amados por seus filhos, confundindo amor e cuidado com liberalidade e poucos limites. Isso tem consequências tanto para os filhos quanto para os pais. Do lado dos filhos, estes vão se tornando pessoas com baixa tolerância à frustração - o que dificulta a socialização, o compartilhamento e o aprendizado. O aprendizado requer da criança que suporte o não saber e o enfrentar-se com as dificuldades. Do lado dos pais, os filhos se tornam pessoas de difícil convivência, fazendo com que muitos pais fiquem a serviço dos filhos, sem uma vida própria de adulto e de casal.

Novas maneiras de ser família

Assistimos aos avanços tecnológicos na medicina que prolongam a vida saudável, permitindo, por exemplo, que pessoas saídas de longos relacionamentos se volte a se casar, propondo uniões que não necessariamente incluem o projeto filhos. Acompanhamos, ainda, os resultados dos variados métodos de reprodução assistida, desvinculando sexualidade de reprodução, ou reprodução de casamento, ou casamento de sexualidade (não são poucos os casais que têm filhos em casamentos onde não há relações sexuais), ou heterossexualidade como fator indispensável para geração de filhos.

Vimos também acompanhando as transformações da emancipação da mulher, iniciadas com sua entrada no mercado de trabalho (consequência da Segunda Guerra Mundial, quando, devido à falta de homens, foram convocadas à trabalhar nas fábricas), sua maior ou igual participação na renda familiar, os movimentos feministas a partir dos anos 60 e a liberação sexual com o advento da pílula (primeira desvinculação de sexualidade e reprodução).

Deparamo-nos, nos dias atuais, com uma variada gama de arranjos familiares em que muitas vezes prevalecem os projetos de realização pessoal, sobrepujando aqueles voltados à constituição familiar. Este novo modelo tem desobrigado mulheres do compromisso com o projeto casamento ou de exclusividade no cuidado do lar, ao mesmo tempo em que tem autorizado homens a serem mais

maternais e cuidarem de aspectos domésticos e dos filhos sem que isso seja visto como algo fora do normal. Tem sido cada vez mais frequente assistirmos à inversão dos papéis entre pais e mães, em que os primeiros se dedicam aos cuidados com a casa e com a prole enquanto as últimas se dedicam ao provimento financeiro da família.

O projeto profissional na vida das mulheres ganha força e muitas vezes substitui ou divide-se com a maternidade.

A despeito de tantas transformações, é ainda predominante o desejo dos indivíduos de se juntarem num projeto compartilhado, ainda que de caráter mais provisório ou dissolúvel, bem como o desejo de terem filhos. O que, então, poderíamos destacar como invariantes ou condições necessárias que favoreçam o desenvolvimento desejado de nossos filhos, tornando-os pessoas maduras, autônomas, criativas, com autoestima preservada, humanizadas e que contribuam para a sociedade em que vivem?

Quais seriam as condições a serem oferecidas pelos pais, propiciadores de saúde emocional para seus filhos?

1. É função dos pais dar assistência material e emocional aos filhos e ajudá-los em sua condição de desamparo, característica das crianças muito pequenas.
2. Oferecer amor através de vínculos primordialmente afetivos e verdadeiros, inculcando esperança, por meio da construção ininterrupta de relações baseadas na verdade, que capacitem as crianças a se desenvolverem com segurança e confiança nos adultos a quem estão submetidos.

SAIBA MAIS

Há ainda várias disposições familiares como: famílias monoparentais - onde só há um adulto cuidando da família -, chefiadas primordialmente por mulheres, passando a compor um contingente significativo dos arranjos familiares brasileiros. As famílias reconstituídas - aquelas em que novos casais se formam, trazendo filhos de diferentes uniões anteriores -; as desconstruídas - onde há separação entre os pais, e os filhos ficam sob a guarda da mãe ou do pai ou de ambos de forma compartilhada -; as adoções; as geradas artificialmente - através de métodos de reprodução assistida -; e as homoparentais - formadas por casais do mesmo sexo. Todas estas diferentes formas passam a figurar no mundo pós-moderno ou contemporâneo, juntamente com o modelo nuclear tradicional com o qual estamos mais acostumados.

3. Transmitir as leis da família e da sociedade através de um relacionamento de intimidade e afeto. Que os filhos possam submeter-se a uma lei hierárquica da autoridade daqueles que exercem a função de seus cuidadores (independente do sexo biológico), bem como o reconhecimento das diferenças geracionais e de hierarquia entre pais (cuidadores) e filhos, que garanta que os primeiros sejam responsáveis pelo desenvolvimento dos últimos, propiciando que os filhos não fiquem à mercê de seus próprios impulsos e desamparo. O pai terá a tarefa de, no início da vida do bebê, suportar ser excluído parcialmente da relação mãe-filho(a) estabelecida e proporcionar apoio emocional à mãe para que esta possa sentir-se amparada para cuidar do novo bebê.
4. À medida que o bebê cresce, o pai deverá ajudar mãe e filho a irem se separando, a fim de que a criança possa gradualmente aumentar seus contatos com outras pessoas no seu convívio. Sem esta separação, a criança fica impedida de se desenvolver e ir avançando nas fases correspondentes à sua idade.
5. A mãe terá a tarefa de abrir mão do relacionamento exclusivo com seu bebê, facilitando a entrada do pai - seu parceiro na formação desta família - na vida do filho.
6. Favorecer, na vida familiar, o predomínio de relações de vínculos amorosos sobre os hostis e agressivos. É também importante que os pais sejam capazes de acolher os sentimentos de angústia e sofrimento dos filhos, e não sobrecarregar os filhos pequenos com as angústias e sofrimentos dos pais. É desejável, ainda, que os pais possam conter o sofrimento das crianças, poupando-as de vivências excessivas.
7. É importante que as diferenças geracionais sejam claras, e que os papéis de pais não se confundam com os de filhos, para que estes últimos possam sentir-se cuidados por pais adultos e responsáveis. Pais e filhos têm funções e lugares diferentes na família, e crianças devem saber que seus pais são os responsáveis pelo bem-estar da família e são os que tomam as decisões principais sobre os destinos da família. Isso não quer dizer que se deva estabelecer um sistema rígido e inflexível de funcionamento e que os

filhos não possam ser também consultados acerca de questões diretamente relacionadas a eles.

8. Os pais deverão ajudar o filho a desenvolver o pensamento e a capacidade das crianças de brincar e aprender, necessários para o agir criativo na sociedade e nas relações interpessoais.
9. Devem garantir, a cada nova fase de desenvolvimento dos filhos, que possam ampliar seu universo de relações com o mundo externo, como: parentes fora do âmbito nuclear, amigos, professores, permitindo que a criança vá se abrindo para o novo e para o mundo, podendo enriquecer-se dele, como também, enriquecê-lo.

Conclusão

A formação de uma nova família é sempre um novo desafio. Vimos que há variadas maneiras de existir como família. As configurações vão mudando, novos arranjos vão se delineando, e é importante que cada grupo familiar possa ir tecendo sua família no contato íntimo e singular que cada uma delas apresenta.

As funções de pai e mãe necessitam ser transmitidas e exercidas independentemente dos papéis atribuídos culturalmente a homens e mulheres. A flexibilidade nestes arranjos a que vimos assistindo nas famílias contemporâneas é propiciador de vivências mais prazerosas e legítimas dos indivíduos consigo mesmos.

E, diante da questão tão comumente colocada nos dias atuais, estará a família em risco, podemos responder usando as palavras da psicanalista francesa Roudinesco: "...mesmo que se manifestem de forma inédita, isso não impede que a família seja atualmente reivindicada como único valor seguro ao qual ninguém quer renunciar. Ela é amada, sonhada e desejada por homens, mulheres e crianças de todas as idades, de todas as orientações sexuais e de todas as condições".

Referências

- BERENSTEIN, I. *Do ser ao fazer*. São Paulo: Via Lettera, 2011.
- BURIN, M.; MELER, I. *Género y Familia: poder, amor y sexualidad en la construcción de la subjetividad*. Buenos Aires: Paidós, 2006.
- EIZIRIK, C. *O ciclo da vida humana: uma perspectiva psicodinâmica*. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010.
- MANDELBAUM, B. *Psicanálise da família*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.
- MUSZKAT, S. *Violência e masculinidade: uma contribuição psicanalítica aos estudos das relações de gênero*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.
- _____. *A psicanálise vincular: novos arranjos, novos olhares*. Trabalho apresentado no XXIII Congresso Brasileiro de Psicanálise em setembro de 2011. Ribeirão Preto, 2011.
- PRAT, R. Entre demais e muito pouco: a quadratura do círculo da parentalidade. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 42, nº 4, 2008, p. 125-137.
- PUGET, J.; BERENSTEIN, I. *Psicanálise do casal*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- SHORTER, E. *The Making of Modern Family*. London: Princeton University, 1976.
- WINNICOTT, D. W. *A família e o desenvolvimento individual*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- _____. *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- _____. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.



COLABORADORES DESTA PUBLICAÇÃO

Adriana Friedmann

Doutora em Antropologia, Mestre em Educação e Pedagoga. Criadora e coordenadora do NEPSID - Núcleo de Estudos e Pesquisas em Simbolismo, Infância e Desenvolvimento. Coordenadora e docente do Curso de Pós Graduação: "Crianças de zero a três anos: formação de profissionais para as infâncias no Brasil hoje" no Instituto Singularidades. Co-fundadora da Aliança pela Infância. Palestrante e consultora na formação de educadores da infância e na implantação de espaços lúdicos. Conselheira da Aliança pela Infância, do Projeto Primeira Infância no Estado do Amazonas, da Give-On e da Revista Veras. Autora de: "O brincar no cotidiano da criança" (Moderna), "O desenvolvimento da criança através do brincar" (Moderna), "O universo simbólico da criança: olhares sensíveis para a infância" (Vozes), "Dinâmicas criativas - um caminho para a transformação de grupos" (Vozes), "A arte de brincar" (Vozes), "O direito de brincar - a brinquedoteca" (Scritta).

Lia Cypel

Psicanalista, analista didata e membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de SP (SBPSP). Coordenadora do Grupo de Casal e Família da SBPSP. Coordenadora da Comissão de Psicanálise dos Vínculos de Família e Casal da Federação Latino-Americana de Psicanálise (FEPAL). Membro do Comitê para Estudos da Vincularidade da Associação Internacional de Psicanálise (IPA)

Regina Maria Rahmi

Psicanalista, membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo; membro da Associação Internacional de Psicanálise; analista de família e casal; coordenadora do curso de especialização Dinâmicas Familiares na Atualidade - Construindo Práticas de Atendimento - Instituto Sedes Sapientiae.

Saul Cypel

Neuropediatra, consultor da Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, professor livre docente de Neurologia Infantil pela Faculdade de Medicina da USP. Diretor do INDI - Instituto de Neuro Desenvolvimento Integrado. Ex-Assistente de Pesquisa do Neurologic Institute, London University. É médico Neurologista Infantil do Hospital Albert Einstein. Membro do Comitê de Especialistas e de Mobilização Social do Ministério da Saúde para o desenvolvimento integral da primeira infância.

Susana Muszkat

Psicanalista, membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo; membro da Associação Internacional de Psicanálise; analista de família e casal; mestre em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo; autora do livro Violência e masculinidade, Editora Casa do Psicólogo.



FUNDAÇÃO
MARIA CECÍLIA
SOUTO VIDIGAL
PELA PRIMEIRA INFÂNCIA

